

Universidade NOVA de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — FCSH
Mestrado em Edição de Texto

Olavo da Costa Rodrigues

A LEITURA VISTA DE CIMA — UMA PERSPETIVA ECLÉTICA

Lisboa, 2023

Universidade NOVA de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — FCSH
Mestrado em Edição de Texto

Olavo da Costa Rodrigues

A LEITURA VISTA DE CIMA — UMA PERSPETIVA ECLÉTICA

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de mestrado em Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa como requisito à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rui Barreira Zink

Lisboa, 2023

RESUMO

A presente dissertação almeja prover uma visão plural e transperspetival da leitura e do livro quanto à História, à sociedade, ao comportamento dos leitores, ao mercado, ao estatuto do mundo livreiro, à definição de leitura culta e respetiva utilidade; a todos os constituintes de um livro e ao ensino. Com isto, pretendo fornecer um ponto de vista o mais completo possível, pois isso permite-me discutir mais do que um problema. O objetivo não é um grande aprofundamento, mas sim uma generalização em várias frentes, a qual faculta uma compreensão abrangente. Trato de mais de um país, mas sempre com a atenção principalmente em Portugal. É uma abordagem que exclui muitos temas e pormenores, mas que abre caminho para outros académicos os explorarem.

PALAVRAS-CHAVE: livro; leitura; atualidade; História; relações; mercado; edição; escrita; materialidade; mentalidade; reflexão;

ABSTRACT

This dissertation aims to take a diverse and transperspectival point of view of reading and books as to their history, society, readers' behaviour, market, status of the book world, definition of being well-read and its usefulness, every element of a book and education. By doing this, I intend to provide a view that is as complete as possible for it allows me to tackle more than one problem. My goal is not a detailed approach, but rather a generalisation about various subjects, which yields a comprehensive understanding of the whole. I will look at more than one country, but my focus will always be Portugal. This approach excludes many topics and details, but I will leave them for other academics to explore.

KEYWORDS: book; reading; present day; history; relations; market; editing; writing; materiality; mindset; reflection;

Agradecimentos

Obrigado a todos os meus professores do Mestrado em Edição de Texto por me terem instruído de uma forma tão completa e me terem providenciado imenso do conhecimento que inspirou este trabalho. Um agradecimento especial a Rui Zink, o meu orientador, que me aconselhou e também muito se dedicou a este projeto. Sem eles, não teria aprendido tanto sobre o que mais me realiza. Uma vez mais, muito obrigado.

ÍNDICE

- Introdução — 6
1. Breve História da Leitura e da Escrita — 9
 2. Poder, Estatuto e Diversidade — 16
 3. Posição Sociocultural da Leitura — 27
 4. A Alfabetização em Portugal e em Espanha: abordagem comparativa — 41
 5. A Cultura como Religião Hipotética — 55
 6. A Materialidade — 60
 7. Como e Porquê Ler: sugestões dos mestres — 77
- Conclusão — 91
- Bibliografia — 96
- Anexo — 106

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é uma compilação de vários assuntos relacionados com o mundo do livro e da leitura enquanto atividade prazerosa. Procurei que fosse o mais heterogénea possível para oferecer uma perspetiva relativamente abrangente do livro no século XXI e dos problemas que enfrenta. Para a complementar, inseri informação de outras disciplinas como a História e as Ciências da Vida, pois ajudam a explicar alguns fenómenos relacionados com comportamentos e decisões.

Gostava de ter abordado mais temas, mas, devido ao limite de espaço e tempo, não foi exequível. Trata-se sobretudo da relação íntima entre o objeto de leitura, principalmente o livro, e o consumidor, que se aborda do ponto de vista do leitor, das editoras, dos editores e dos escritores. Abarco também o máximo de elementos possível: o conteúdo, a língua, a nacionalidade, o estatuto, a comunicação da capa, assim como da formatação do texto; o contexto sociocultural, a relação com a tecnologia moderna e um pouco de neurociência para perceber como os cérebros atuais lidam com a leitura.

De uma forma mais explícita e ordenada, isto traduz-se em sete capítulos:

No primeiro capítulo – *Breve História da Leitura* – o foco é sobretudo histórico e no século XIX, embora haja um relato sucinto da História da escrita desde a sua invenção na Mesopotâmia, passando também pela Idade Média. Na parte final, sobre a Revolução Industrial, cotejo o Reino Unido e Portugal, com o intuito de marcar os diferentes ritmos de desenvolvimento e como isso afetou a disseminação da literacia.

No segundo – *Poder, Estatuto e Diversidade* – falo dos Prémios Nobel por forma a demonstrar padrões de poder político-cultural e faço também uma reflexão acerca da distinção entre o «livro culto¹» e o comercial, questionando se é realmente possível diferenciá-los. Apresento sinopses e imagens de capas (em anexo), trato da dicotomia entre bibliodiversidade e monocultura; abordo ao de leve a materialidade, mormente no ângulo digital e discuto a pluralidade de vozes onde encaixo uma ligação à tradução.

¹ Doravante, por «livro culto», entendo o livro que menos faz concessões comerciais, seja literário ou não.

No terceiro capítulo – *Posição Sociocultural da Leitura* – mostro, de uma perspetiva económica e social, como é o hábito de adquirir e ler livros em três países: Portugal, Brasil e Islândia e, da última, proporciono um aprofundamento histórico, para explicar o que faz com que seja o país onde mais se leem livros *per capita* (autor desconhecido, 2011). Trato também da perspetiva dos não-leitores em relação aos livros, referindo nomeadamente o comportamento de alguns transeuntes que foram abordados, numa reportagem da SIC, no Dia do Livro de 2021.

Faço ainda uma abordagem histórica, com recurso aos livros de Yuval Noah Harari, *Sapiens — Breve História da Humanidade* (2020a) e *Homo Deus — História Breve do Amanhã* (2020b) sobre a ascensão do humanismo liberal e como influenciou a mundivisão moderna, incluindo o conceito de arte. Exponho algum contexto histórico acerca das formas dominantes de entretenimento, fazendo uma ponte com a atualidade.

A isto acresce a necessidade de formar um sentimento de pertença ao livro e da dificuldade de, no século XXI, ter força de vontade para adotar um passatempo que exige tanto esforço mental como a leitura. Termino reiterando o apelo, feito por muitos, mas nem sempre escutado, ao trabalho contínuo com as crianças.

No quarto capítulo – *A Alfabetização em Portugal e em Espanha: abordagem comparativa* – mostro como era o ensino salazarista e franquista, de modo a descobrir se influenciou as taxas de leitores regulares atuais, nos dois países. Divido este capítulo em três secções: *Portugal, Espanha e Comparação*. Primeiro pormenorizo a educação de cada país no período ditatorial e, a seguir, faço uma comparação de maneira a avaliar proximidades e divergências.

No quinto capítulo – *A Cultura como Religião Hipotética* – abordo, com uma exploração dos mesmos livros de Harari, o conceito de religião para expor como a cultura vive de acordo com os valores da religião dominante em determinada época. Refiro o caso da *Dark Academia*, uma subcultura dedicada à intelectualidade e que serve para ilustrar essa reverência religiosa. Será possível transformar a cultura numa religião e alterar a mundivisão das pessoas?

No sexto capítulo – *A Materialidade* – discuto a materialidade, que é um conjunto de elementos tão importante quanto o conteúdo conceitual. Trato de tipos de letra, cores e da composição das capas e reflito sobre como estes pormenores influenciam os leitores, os editores e os escritores na relação com o livro. Segue-se, numa segunda parte, um aprofundamento dos processos orgânicos que definem a personalidade, o comportamento e as decisões, o que se liga à escolha de livros e respetiva materialidade, recorrendo ao segundo livro de Harari já referido.

No sétimo e último capítulo – *Como e Porquê Ler?: sugestões dos mestres* – para terminar uma dissertação acerca da leitura e da dificuldade da sua execução, acho pertinente incluir um capítulo em que os mestres – enfim, *alguns mestres* – recomendam as melhores maneiras de ler, baseando-me em Harold Bloom e em Virginia Woolf. Além disso, a partir das proposições de Bloom, elaboro um comentário à atual onda de reedições politicamente «corretas» a que os escritores de outros tempos têm sido sujeitos.

Queria ter explorado melhor vários assuntos, já que o mundo do livro é tão profuso como as arcas de Fernando Pessoa. Às vezes, dentro de um só género, cabem várias questões que aqui se colocaram de um modo geral. Tome-se a ficção científica como exemplo. Este género isolado é uma teia de aranha com todas as suas subdivisões e estéticas. Poder-se-ia questionar a influência político-cultural: porque o grosso desta literatura se produz em inglês? Porque parece haver pouca divulgação de escritores de outras línguas? Quantos autores de ficção científica portugueses abdicam da língua-mãe para vender mais no idioma hoje canónico?

Conseguiríamos, através da ficção científica, expandir o gosto coletivo pela leitura graças ao seu carácter lúdico? Teria êxito entre as crianças se se acrescentassem obras assim ao Plano Nacional de Leitura? Como utilizar a materialidade para maximizar o proveito de um texto desta categoria? O mesmo se pode dizer da fantasia.

No entanto, julguei a abordagem generalista mais proveitosa, porquanto me deu mais margem de manobra para alavancar, em capítulos separados, diversos assuntos com algum pormenor. De entre o imenso material ao dispor, parece-me que assim a dissertação fica relativamente completa. O objetivo é, apesar da generalização, ir afunilando a discussão para Portugal, passando também por um ou outro país, mas mantendo sempre o contacto com o nosso.

Deixo aos outros académicos a oportunidade de aproveitarem o que não posso explorar. A título de exemplo, a História da produção livreira em Portugal, que forneceria mais conhecimento acerca de como os portugueses se relacionam com os livros. Outro caso seria uma associação extensa entre a materialidade eletrónica e o futuro da leitura ou ainda uma elaboração das alternativas à palavra escrita, que também estão a ganhar terreno.

1. BREVE HISTÓRIA DA LEITURA E DA ESCRITA

A presente secção ocupa-se de fazer um resumo histórico do papel social da leitura e da alfabetização com uma relativa centralização no século XIX mais para o fim. Para frisar as diferenças de desenvolvimento intelectual, compara-se a Inglaterra com Portugal na Revolução Industrial. Isto permite entender os efeitos político-económicos nos hábitos de leitura de diferentes povos.

Ao longo do texto, persiste a questão, vertida da filosofia de Judith Butler, sobre que *performance* se tem aquando da leitura ou da ausência dela e que formas assumiu em épocas distintas.

O que é ler? A neurociência sustenta que a parte do cérebro ligada à linguagem, processa as palavras, ativando outras regiões como a responsável pela visão. No entanto, o que é ler no sentido social? Será que a leitura é um ato performático? Na mesma linha, será que a ausência dela também o é?

Judith Butler é uma ativista da terceira vaga de feminismo, nos anos 90, que escreveu sobre a identidade de género. Um dos seus aforismos é: «o género é performático», ou seja, dizer que se pertence a uma determinada identidade é o mesmo que a executar. Por exemplo, quando um juiz declara um réu culpado, não se limita a enunciar uma frase, pois, com ela, desencadeia um conjunto de ações. O mesmo se aplica quando se promete algo: «eu prometo» é um enunciado verbal e prático. Do mesmo modo, afirmar «sou um homem»; «sou uma mulher»; «sou transgénero» engloba um agregado de ideias, atos e crenças que constituem a identidade e o comportamento da pessoa (Thorn, 2016)².

Poder-se-á pensar o mesmo de «eu leio» ou do seu oposto? Essa afirmação consiste em mais do que abrir um livro e lê-lo: faz parte da identidade do enunciador com os seus atos, ideias e crenças. Ao ler, o indivíduo projeta uma imagem social, ainda que possa não estar consciente dela e o valor e a interpretação do ato, bem como da obra que lê, varia consoante o contexto. O livro é um símbolo de inteligência, aprendizagem, criatividade e evolução, mas também pode representar arrogância, antissociabilidade e tédio. Trata-se de uma ação performática que depende da relação entre a intenção do agente e a do seu meio.

² C.f.: [\(61\) What is Gender? | Philosophy Tube - YouTube](#) (consultado em 17/04/2023).

A obra lida carrega o propósito do leitor, quer esse seja o prazer, o estatuto, a edificação intelectual ou os três, o que por sua vez influencia a relação com o meio envolvente e a maneira de pensar. A leitura e o respetivo significado sociocultural também dependem do contexto histórico e da função da escrita.

Há 5 000 anos, adveio uma das mais cruciais invenções da humanidade, que auxiliou à expansão do tamanho e da complexidade da civilização. Na Mesopotâmia, atual sul do Iraque, os sumérios criaram a escrita para otimizar a acumulação e a gestão de informação, posto que o cérebro humano possui uma capacidade limitada de processamento. Os primeiros textos não são da autoria de ilustres vates ou filósofos, mas sim de contabilistas, que distinguiam que vacas pertenciam a que proprietário, assim como quanta cevada fora produzida num determinado ano. A escrita dos sumérios não servia para escrever romances, receitas e cartas, pois tinha uma especialização como os símbolos musicais e matemáticos (Harari, 2020a:151-153).

Nesta época, nem a escrita nem a leitura tinham importância para o quotidiano da maioria da população, já que eram ferramentas de uma profissão específica. Não tinham utilidade prática na vida dos agricultores e dos pastores, exceto quando havia quezílias acerca de quem possuía o quê. O cidadão comum era analfabeto e só beneficiava da utilidade da escrita através de um terceiro, em situações ocasionais, do mesmo modo que, no século XXI, o comum mortal não é versado em medicina ou direito e precisa de médicos e juizes de quando em vez. O ato performático aqui não era nada mais que burocrático.

À medida que a escrita se complexificava, adquiriu mais utilidades, mas continuava a ser a ferramenta de um nicho. Este já ostentava o ato performático da inteligência, a título de exemplo, na Grécia Antiga. Os poetas, dramaturgos e filósofos eram os grandes pensadores e difusores da cultura. Os filósofos interrogavam-se sobre a natureza do mundo que habitavam ao passo que Homero dava forma de epopeia às histórias e mitos da cultura popular, que antes só tinham expressão oral (Solé, 2021:106). Falar de filosofia, ciência e literatura era também uma declaração de estatuto social e político.

Na Europa Medieval, o dom do texto estava mormente nas mãos dos clérigos. Nas aulas de História do Livro, viu-se que a iliteracia estava tão espalhada, que até muitos dos aristocratas e reis eram analfabetos. Os livros eram caríssimos, pois a reprodução das obras era feita por copistas. Numa sociedade teocêntrica, quase toda a arte era de cariz religioso e, como tal, também uma devoção ao cristianismo (Souza, s.d.)³. Aqui ser iletrado ainda não era problemático, porque a escrita continuava a ser exclusiva de determinadas profissões. Os monarcas e os aristocratas eram suficientemente ricos para pagarem a

³ C.f.: [Trovadorismo: contexto, cantigas, autores, obras - Português \(portugues.com.br\)](https://portugues.com.br) (consultado em 19/04/2023).

alfabetização. Porém, podiam usar esse mesmo dinheiro para pagar a alguém que os entretivesse e instruisse, o que incluía a leitura de poemas, a encenação de rábulas por bobos e a interpretação de textos sagrados.

Havia também trovadores que compunham poemas musicados (cantigas trovadorescas ou provençais) de quatro categorias: amor (amor não correspondido), amigo (saudades da pessoa amada), escárnio (sátira social) e maldizer (crítica a uma pessoa específica). A Igreja era às vezes alvo das sátiras numa época em que possuía um forte poder económico e político e em que reprimia violentamente o pensamento divergente. Assim a expressão artística estava condicionada a cingir-se aos dogmas católicos (Souza, s.d.) Ler e escrever algo distinto era um ato de rebeldia.

Na Revolução Francesa, o género, o estatuto social, a condição financeira e as habilitações literárias eram determinantes para se poder votar. Apesar do lema «liberdade, igualdade e fraternidade», havia requisitos para eleger um representante do país. As mulheres estavam excluídas e, entre os homens, só os burgueses letrados tinham direito à decisão⁴. Tendo em conta que a alfabetização era uma entrada para a ação política e para um lugar destacado na sociedade, ler era um meio de influência: uma forma de poder individual, um pouco como na democracia da Grécia Antiga.

Na Inglaterra vitoriana (1837-1900), aumentou a produção de livros, pois o papel mais barato e as novas técnicas de impressão fizeram disparar a venda de exemplares das obras. A título de exemplo, no século XVIII, Jane Austen vendia entre 1000 a 1500 exemplares e, para a sua época, era um êxito. No entanto, os escritores vitorianos como Charles Dickens e Wilkie Collins eclipsaram essa quantidade (Casanova, 2020)⁵.

A disseminação da literacia amplifica o público leitor, além de que uma das principais invenções da Revolução Industrial contribuiu imenso para o mercado editorial: o motor a vapor. A primeira linha férrea a ligar duas grandes cidades, Londres e Manchester, inaugura-se em 1830. A Inglaterra passa, então, a ser atravessada por 10 000 quilómetros de ferrovia. Graças a isso, a viagem longa e amiúde cómoda reunia ótimas condições para a leitura.

A W. H. Smith, uma espécie rudimentar de FNAC, abriu a primeira loja na estação de Euston, em Londres, na década de 1840. Vendia jornais e livros baratos: edições de clássicos, com capa amarela, denominadas de *railway editions*. No final do século, havia cerca de mil lojas, muitas delas em estações de comboio.

Juntou-se a tudo isto o êxodo rural. Na década de 1830, quase 700 mil pessoas migram para a capital, oriundas da Irlanda, de pequenas províncias e das colónias. Os

⁴ Informação recebida nas aulas de História do 11º ano na Escola Secundária Augusto Cabrita.

⁵ Casanova é a única fonte para a Inglaterra Vitoriana.

londrinos triplicam entre 1815 e 1850, período em que chegam a ser três milhões. A Revolução Industrial começa por mudar Manchester, a seguir as cidades do Norte e depois o mundo.

Esta época permite que a leitura deixe de se restringir à burocracia, a uma mundivisão teocêntrica ou a um nicho de intelectuais. Conquanto a acessibilidade à alfabetização não fosse tão fácil como no século XXI, mais cidadãos comuns fruíaam do livro. As novas tecnologias, a melhoria dos meios de comunicação e o aumento da densidade populacional originaram um público leitor com dimensões inéditas.

Os escritores já não eram somente os contabilistas da Mesopotâmia ou pensadores que só eram lidos pelos seus pares como os da Grécia Antiga. Na Inglaterra vitoriana, Charles Dickens era do mais parecido que havia com as celebridades atuais. O amplo espectro de classes sociais que o liam tornou-o numa figura particularmente acarinhada. O primeiro-ministro lia-o e até os iletrados o «liam» ou, neste caso ouviam, deleitando-se com as suas histórias em leituras comunitárias.

O seu terceiro romance vendeu 50 000 exemplares no dia em que saiu. Cada fascículo do *The Old Curiosity Shop* vendia 100 mil por semana em dois continentes. A *Tale of Two Cities*, também lançado em volumes semanais, atingiu as 300 000 unidades todas as semanas. São números televisivos. O escritor adotou também hábitos televisivos na relação com o público. Chegou a responder e a inserir reações deste em fascículos posteriores.

Então e em Portugal? No nosso país, o desenvolvimento de um público leitor era exasperadamente lento. Em 1890, 76% da população acima dos sete anos era analfabeta, a despeito de, a 6 de novembro de 1772, ter havido uma das primeiras tentativas, do mundo, de criar um ensino primário oficial. Não era para todos os portugueses até 1821, ano em que muitos constituintes idealizaram a generalização da instrução e, na Constituição de 1822, era uma exigência para o direito de voto tal como na Revolução Francesa. Logo a seguir, a Carta Constitucional contemplava o ensino primário gratuito para toda a população. Houve inclusive propostas coercivas de Adolfo Coelho, um professor de uma escola superior de aplicação, o qual avançava que aos iletrados só se desse proteção animal ou que se lhes proibisse o casamento (Silva, s.d.:101-102)⁶.

Mesmo assim, os diversos censos do século XIX e os dos primórdios do XX expõem taxas de iliteracia elevadíssimas acima dos sete anos: 79,4% em 1878 para os habitantes do Continente; 76% em 1890; 74,1% em 1900 e 69,7% em 1911. Mais do que predominantemente iletrado, Portugal não gozou do crescimento industrial que eclodiu na

⁶ C.f.: [15174.pdf \(up.pt\)](#) (consultado em 19/04/2023).

Inglaterra ou noutros países europeus mais prósperos. Pelo contrário, a indústria portuguesa tinha uma expressão quase inexistente. A maioria da população residia no campo e subsistia da agropecuária como nos séculos anteriores.

A mudança tecno-social que deu azo a um consumo exponencial de livros na Inglaterra, não se verificou por estes motivos. Fontes Pereira de Melo foi primeiro-ministro três vezes e encarregou-se de aproximar o país dos vizinhos, fundando o Ministério das Obras Públicas, do Comércio e da Indústria. Impulsionou também a rede de caminhos de ferro, fez túneis ferroviários até aos centros de cidades como Lisboa e o Porto; transformou carreiros em estradas macadamizadas, instalou os telégrafos, abriu os serviços postais modernos, assim como as redes telefónicas; inaugurou as redes fluviais e marítimas a vapor e criou o ensino técnico (Almeida Martins, 2020:10). Todavia, embora o primeiro-ministro tenha aproximado Portugal dos restantes países, não significa que o tenha tirado da cauda da Europa.

Os autores modernos concordam que, no período que precedeu a Primeira Guerra Mundial, embora estivesse a desenvolver-se há já algumas décadas, a actividade industrial era ainda bastante menos importante em termos económicos do que a agricultura e Portugal dificilmente se poderia considerar uma economia desenvolvida. Para explicar este “fracasso” têm sido apresentadas combinações diversas das seguintes influências retardadoras: 1) a perda das colónias, a devastação causada pelas invasões napoleónicas e a agitação provocada pelas guerras civis no início do século; 2) a concorrência estrangeira resultante de barreiras alfandegárias baixas; 3) um mercado interno de pequenas dimensões baseado numa economia agrária atrasada; 4) uma burguesia débil e dividida e, como tal, incapaz de promover os seus interesses ao nível do Estado; 5) uma escassez capital, em geral, e, particularmente para fins industriais; 6) a deficiência do ensino ao nível elementar e técnico (Reis, 1987:208)⁷.

Em 1991, a taxa de analfabetismo em Portugal era de 12,7%, o que marca um progresso notável. Porém, uma vez mais, o progresso português, por muito positivo que seja, é sempre vagaroso. Neste caso, a vizinha Espanha ultrapassou a barreira dos 14% em 1950 (Silva, s.d.). Regressando ao século XIX, os escritores portugueses, embora bem-sucedidos no seu país ou na Lusofonia, não chegavam perto das vendas dos autores ingleses. Por exemplo, Eça de Queiroz, um dos mais renomados, esgotou a tiragem de 3 000 exemplares d’*O Primo Basílio* (1878) (RTP, 2011)⁸, em Portugal e no Brasil, ao passo que Dickens chegava às dezenas de milhares só na Inglaterra.

⁷ C.f.: [1223486204E9wNP8ed3Ez05AO7.pdf \(ul.pt\)](https://www.rtp.pt/artigo/o-primo-basilio-de-eca-de-queiros/) (consultado em 19/04/2023).

⁸ C.f.: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-primo-basilio-de-eca-de-queiros/> (consultado em 28/04/2023).

É verdade que o número de habitantes era muito maior, posto que Londres, naquela época, encerrava quase a mesma quantidade populacional que Portugal inteiro: 3 milhões (Casanova, 2020) e 3,8 milhões (Almeida Martins, 2020:11) respetivamente, mas ainda assim, muita da disparidade deve-se, em grande parte, à assimetria de desenvolvimento intelectual.

Em Portugal, ler e escrever continuava a ser um hábito elitista e assim permaneceu até à Primeira República durante a qual se estabeleceu, por fim, o ensino primário obrigatório e gratuito. No entanto, apesar da oficialização desse acesso, as más condições de vida impediam muitas crianças portuguesas, principalmente do género feminino, de o terminarem ou sequer começarem, dado que o trabalho infantil ainda era uma realidade bem vigente.

E em relação à ausência da leitura por opção? Será ela também um ato performático? É comum ver nos filmes de Hollywood, principalmente nos juvenis, uma hierarquia social muito rígida cujo pico é a prática de desporto e a beleza física e, o fundo, é o gosto por atividades intelectuais como a ciência, o xadrez, o teatro e a leitura. O Ensino Secundário americano, tal como a sétima arte o retrata, apresenta um mundo invertido. Ao contrário da popularidade de Dickens, que assentava no seu virtuosismo literário, as celebridades das escolas hollywoodescas têm de ser abençoadas pela genética e de ter inteligência motora. O intelecto avantajado é percecionado como algo desinteressante ou até mesmo abominável, portanto, os que a ele se dedicam são geralmente mal tratados.

Fora do ambiente liceal, verifica-se alguma situação semelhante? De certo modo, sim. Antes, para se ter fama e prestígio, investia-se na criação ou na descoberta: Einstein⁹, Picasso¹⁰ (Pink e Biller, 2017-2018) Thomas Wolfe (Grandage, 2016)¹¹, entre outros, eram largamente reconhecidos e as pessoas abordavam-nos na rua (Pink e Beller, 2017-2018). No caso dos dois primeiros, eram êxitos mundiais. No entanto, em meados do século XX, apareceu a tendência de ser famoso apenas pela fama. Os *reality shows* são um exemplo disto, uma vez que é mais caro contratar e organizar guionistas, atores, realizadores, e.t.c. do que filmar alguém a comer insetos. (Lieb in *Big Think*, 2009)¹². Porventura, a maioria das pessoas sabe quem foi Stephen Hawking, dado que morreu muito recentemente, em 2018, mas decerto não suscita tanto entusiasmo como as Kardashians. A partir disto, conclui-se que a intelectualidade e o livro são uma porta de prestígio, dependendo das circunstâncias. Conquanto seja uma forma de obter estatuto, já não é a única e talvez nem seja a mais valorizada.

⁹ C.f. série biográfica *Genius*: [Genius - Extended Trailer | National Geographic - YouTube](#) (consultado em 21/04/2023).

¹⁰ C.f. série biográfica *Genius*: [Genius: Picasso - Trailer | National Geographic - YouTube](#) (consultado em 21/04/2023).

¹¹ C.f. filme *Genius*: [Um Editor de Génios - Genius | IMDb](#) (consultado em 21/04/2023).

¹² C.f.: <https://www.youtube.com/watch?v=kiAv9Ztd5TE> (consultado em 28/04/2023).

Na atualidade, a necessidade da palavra escrita está a atenuar-se — muito devagar, mas está a acontecer. Dificilmente desaparecerá, mas há outros métodos e utensílios para alcançar os mesmos propósitos. A título de exemplo, ainda há quem opine por escrito, mas também há quem utilize uma câmara para gravar um *video essay* (ensaio em vídeo). No YouTube, adquiriram imensa popularidade (Williams, 2021)¹³.

Se um dos analfabetos contemporâneos de Dickens dispusesse da tecnologia moderna, não esperaria por uma leitura comunitária, pois poderia ouvir um audiolivro. Talvez ao princípio, precisasse de ajuda para aprender a operar o computador ou o telemóvel, já que para este processo também é preciso ler, mas depois de decorados os passos, teria uma profusão de obras de que usufruir.

No século XXI, o ato performático da leitura ou da escrita é bem mais complexo de definir, pois já não são os grandes pensadores que captam a atenção do público nem inspiram os jovens. Há muito que deixaram de ser as celebridades mais acarinhadas. Em termos práticos, o texto também já não é a ferramenta hegemónica, porquanto a tecnologia trouxe outros formatos de expressão e, com eles, novos ídolos. A ideia do intelectual culto com um livro debaixo do braço e uma cultura geral enciclopédica ainda possui impacto, mas não é o mais respeitável: é apenas uma forma de ser inteligente e bem-sucedido.

Em parte, isto também se explica pela abundância de universitários. Vivemos na época mais instruída da História, por isso, carregar livros na mochila ou na pasta tornou-se banal. Creio que as características que as pessoas de outrora associavam ao êxito e ao bem-estar são tão corriqueiras, que já não suscitam um fascínio tão grande. O intelectual era a figura que antes muitos queriam ser e de que hoje muitos se aproximam ou são.

¹³ C.f.: <https://www.polygon.com/22417320/best-video-essays-youtube-history> (consultado em 28/04/2023).

2. PODER, ESTATUTO E DIVERSIDADE

Os prêmios Nobel são um ótimo exemplo da tendência centralizadora, embora me tenha surpreendido ao analisá-los, pois esperava uma distribuição ainda mais homogênea do que a que encontrei. Fascinou-me a premiação a Frédéric Mistral (1904), que escreveu em provençal, uma variedade da língua occitana que se fala na Provença e na metade oriental do Gard (sudeste francês). É interessante, não só a escolha do autor por ter optado por uma língua menos visível que o francês, mas também a Academia Sueca o ter premiado. Apetece perguntar: depois de algumas obras em espanhol, para quando a mesma premiação para o galego ou o catalão? Já se outorgou o prêmio a um livro em português. Chegará algum dia a vez do mirandês?

Prêmios Nobel da Literatura: 119

Línguas: alemão; árabe; bengali; checo; dinamarquês; espanhol; finlandês; francês; grego; hebraico; húngaro; iídiche; inglês; islandês; italiano; japonês; mandarim; norueguês; polaco; português; provençal; russo; servo-croata; sueco; turco;

Países: África do Sul; Alemanha; Áustria; Austrália; Bélgica; Bielorrússia; Canadá; Checoslováquia; Chile; Colômbia; Dinamarca; Egito; Espanha; Estados Unidos; Finlândia; França; Grécia; Guatemala; Hungria; Índia; Irlanda; Islândia; Israel; Itália; Japão; Jugoslávia; Maurícia; México; Nigéria; Noruega; Peru; Polónia; Portugal; Reino Unido; Santa Lúcia; Suécia; Suíça; Tanzânia; Turquia; União Soviética;

Número de prêmios por língua: inglês (33); francês (16); alemão (14); espanhol (11); sueco (7); italiano (6); russo (6); polaco (5); dinamarquês (3); norueguês (3); mandarim (2); grego (2); japonês (2); árabe (1); bengali (1); finlandês (1); hebraico (1); húngaro (1); iídiche (1); islandês (1); português (1); provençal (1); servo-croata (1); checo (1); turco (1);

Número de prêmios por país: França (16); Estados Unidos (12); Reino Unido (11); Alemanha (9); Suécia (8); Espanha (6); Itália (6); Polónia (5); Irlanda (4); União Soviética (4); Dinamarca (3); Noruega (3); Austrália (2); Áustria (2); Chile (2); Grécia (2); Japão (2); Suíça (2); África do Sul (1); Bélgica (1); Bielorrússia (1); Canadá (1); China (1); Colômbia (1); Egito (1); Finlândia (1); Guatemala (1); Hungria (1); Índia (1); Islândia (1);

Israel (1); Maurícia (1); México (1); Nigéria (1); Peru (1); Portugal (1); Santa Lúcia (1); Tanzânia (1); Checoslováquia (1); Turquia (1); Jugoslávia (1)¹⁴;

É também curioso o caso do sino-francês Gao Xingjian (2000) a quem foi atribuído o prémio por uma obra em mandarim. Podia ter optado pelo francês, já que é uma língua com imenso prestígio, mas preferiu o seu idioma materno, contrastando com o tanzaniano Abdulrazak Gurnah (2021) cuja língua nativa é o suaíli, mas que escreve em inglês.

O facto de a França e os Estados Unidos serem os países com mais premiações é uma amostra da força cultural que exercem. Hoje a língua mais poderosa do mundo é o inglês, muito graças ao peso político-económico dos Estados Unidos, que se transformaram também num centro cultural. No entanto, quem ocupava esse lugar antes era a França da qual o prestígio ainda é considerável, o que se reflete aqui e noutras áreas.

1.1 *O que torna um livro comercial ou culto?*

Nas aulas de Teoria da Edição, sublinhou-se que os livros comerciais não diferem dos cultos apenas no conteúdo, mas também na estrutura, o que pude comprovar com a minha experiência. Uma vez encontrei o livro *A Certeza do Acaso* (2020)¹⁵, de Margarida Rebelo Pinto, que evidenciava algumas das características dos livros comerciais discutidas em aula: uma linguagem simples, capítulos curtos e letras grandes¹⁶.

Numa visita à papelaria Note do Continente de Alhos Vedros, para estudar a oferta de livros, deparei-me com uma profusão de obras comerciais do género romance. As capas mostravam com frequência cores garridas, algumas tinham cartunes e, outras expunham fotografias muito trabalhadas, ao passo que as capas dos livros menos comerciais me pareceram mais simples sem recorrerem a formas ou cores vibrantes.

Por exemplo, *Carrie Soto Está de Volta*¹⁷ (2022) de Taylor Jenkins Reid apresenta uma rapariga azulada, de costas, num fundo vermelho alaranjado em cima e, em baixo, verde e azul brilhantes. Por outro lado, *Galveias*, de José Luís Peixoto, quer na edição da Quetzal (2014)¹⁸, quer na da Companhia Das Letras (2015)¹⁹, serve-se de fotos mais sóbrias. Não necessariamente menos intensas, mas não são uma explosão de estímulos. A edição da Quetzal expõe uma imagem rural a preto e branco com três pessoas e as respetivas sombras, num passeio, ao pé de uma estrada de pedra da calçada. Já a da

¹⁴ C.f. os laureados aqui: [Laureados com o Nobel de Literatura – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Laureados_com_o_Nobel_de_Literatura) (consultado em 10/04/2023).

¹⁵ C.f. «1.» no anexo.

¹⁶ Entre outros, Umberto Eco abordou as características do livro de massa, nomeadamente em *Apocalípticos e Integrados* (1965).

¹⁷ C.f. «2.» no anexo.

¹⁸ C.f. «3.» no anexo.

¹⁹ C.f. «4.» no anexo.

Companhia Das Letras apresenta uma casa rasteira envelhecida, à qual já falta tinta e cal, e que está um pouco esburacada.

De algum modo, estas capas parecem mais realistas e naturais enquanto a atratividade das comerciais se acrescenta como se fosse maquilhagem. Veja-se mais exemplos: *A Ciência do Amor* (2022)²⁰ e *Hipótese do Amor* (2022)²¹, de Ali Hazelwood, são lançamentos da Desrotina. As duas contêm as personagens principais desenhadas em estilo cartune com um fundo de uma cor quase homogénea — azul na primeira e rosa na segunda — e os protagonistas estão fisicamente envolvidos de alguma maneira. Na primeira, estão a beijar-se e, na segunda, o homem tem a mulher ao colo enquanto ela posiciona os lábios para um beijo. Visto que é um livro de romance, o cenário condiz com o género, mas este método de cativação tem um apelo forte aos sentidos, pois a importância atual do impacto visual é maior que antes. Embora a essência dos livros ainda seja predominantemente escrita, teve de se adaptar, em parte, à velocidade de consumo que o formato audiovisual gera, por isso, se outrora uma capa precisava de cinco segundos para chamar a atenção, agora precisa de dois de acordo com o que se lecionou em Teoria da Edição.

As obras de consumo mais lento, como a compilação de contos e novelas²² (2019) de Camilo Castelo Branco da E-Primatur, têm uma capa pouco estimulante. São cinco volumes: têm um fundo preto com parte do rosto do escritor, que, como o rebordo, muda de cor consoante o volume. Não deixa de ser chamativa, pois há uma conjugação harmoniosa de elementos, mas não é gritante.

Parece haver também um certo padrão no teor das sinopses. Leia-se a de *A Camareira*²³ de Nita Prose editado pela Editorial Presença:

Sejam bem-vindos. Sou a vossa camareira. Entro nos vossos quartos e conheço os vossos segredos.

Molly, a camareira, está completamente sozinha no mundo. Sim, está habituada a ser invisível, e é isso mesmo que também é no Regency Grand Hotel, onde, todos os dias, dobra roupa, faz as camas dos quartos de lavado, põe miniaturas de champô e pequeninos sabonetes nas casas de banho, limpa o pó e os segredos que os hóspedes deixam para trás quando fazem check-out. Ela é apenas uma camareira - porque haveria alguém de reparar nela?

Mas isso está prestes a mudar radicalmente. Todos os holofotes se viram para Molly quando é ela quem descobre o famigerado Mr. Black morto e bem morto na cama

²⁰ C.f. «5.» no anexo.

²¹ C.f. «6.» no anexo.

²² C.f. «7.» no anexo e a ligação: [Contos e Novelas \(Toda a Ficção Curta\), Vol. I \(e-primatur.com\)](https://www.wook.pt/livro/a-camareira-nita-prose/27413537) (16/04/2023).

²³ C.f.: <https://www.wook.pt/livro/a-camareira-nita-prose/27413537> (consultado em 03/04/2023).

da sua suíte. Este não é o tipo de confusão que Molly pode limpar rapidamente. Porém, à medida que a teia de mentiras, sussurros, pistas e enganos se vai espalhando pelos corredores do Regency Grand Hotel, ela descobre que tem, dentro de si, um dom para a investigação. Sim, é apenas uma camareira - mas o que conseguirá Molly ver que todos os outros ignoram?

Mistério, suspense e muitas reviravoltas no romance que está a apaixonar leitores em mais de vinte países. Como pode uma pessoa ser, ao mesmo tempo, tão normal e extraordinária?

Este tipo de descrição com menções a grandes mistérios, personagens apaixonantes e surpreendentes e, grandes reviravoltas em que nada é o que parece, é o equivalente textual à composição das capas, dado que se utilizam também apetrechos estimulantes para prender mais fácil e rapidamente a atenção do leitor. Para contrastar, veja-se agora a sinopse, presente na contracapa, de *A Festa das Bruxas* (1969) de Agatha Christie editado pela Leya:

Numa festa da Noite das Bruxas, Joyce, uma jovem fã de livros policiais, confessa ter já assistido a um assassinato. Mas ela tem fama de contadora de histórias mirabolantes e ninguém lhe presta atenção. Porém, quando Joyce é encontrada morta nessa mesma noite, todos se perguntam se esta última história não teria um fundo de verdade. Quem de entre os convidados quereria silenciá-la? Não há ninguém melhor do que Hercule Poirot para responder a esta questão. Mas nem mesmo para o grande detetive será fácil desmascarar o assassino...

Hercule Poirot é o personagem mais famoso de Agatha Christie. Este agente reformado da polícia belga é um detetive brilhante, pomposo e de aparência extravagante. Os seus métodos de investigação são únicos e infalíveis. Não há mistério que resista às famosas “celulazinhas cinzentas” de Poirot.

A segunda sinopse, também de uma história sobre crime, adota outra estratégia. Oferece a essência do enredo, polvorizando o texto com ferramentas cativantes como perguntas e a descrição do detetive, mas as palavras não são espampanantes. Em Teoria da Edição, falou-se de como o mercado do livro se aproximou de outros mercados de rápida publicação e consumo.

Deu-se o exemplo da música *pop* cujos grandes êxitos alcançam muita gente, mas são efémeros e o livro comercial funciona como essas canções: sobe ou estagna durante um determinado período e depois cai no esquecimento, o que desafia a conceção disseminada de que os livros são objetos de meditação que resistem ao tempo. A leitura sempre foi uma atividade demorada da qual o suporte passa de geração em geração, mas até a antítese do consumo imediato teve de se adaptar um pouco à nova realidade.

Há editoras como a Relógio D'Água que resistem a esta tendência, convictas da sacralidade de um «livro de qualidade». O editor Francisco Vale, numa entrevista²⁴ de 2017 ao *Diário de Notícias*, asseverou: «eu nunca editaria o José Rodrigues dos Santos mesmo sabendo que é o português que mais vende» e o mesmo se aplica a Margarida Rebelo Pinto.

Desta forma, entra-se na questão de «o livro é comércio ou cultura?», que divide profissionais do texto como se os dois lados fossem incompatíveis. A cultura é uma indústria, logo é um negócio, pelo que a sua faceta comercial é inevitável. A romantização de que só se deve publicar obras com peso intelectual, mostra-se não apenas snobe, mas tão problemática para a diversidade como a monocultura do livro comercial. Poderá haver quem diga que a variedade só vale a pena se tiver qualidade, mas porque se assume com tanta prontidão que o livro «culto» é superior?

Esta ideia não será tão arrogante como dizer que um género literário é melhor que outro? Cada livro serve um propósito diferente, o que se aplica também a um livro comercial. A habitual perspectiva hierarquizada leva à rejeição de obras que suprem determinadas necessidades que outras não satisfazem. Por muito contraditório que soe, neste caso, o propósito de ler pode ser precisamente não pensar. Talvez o leitor só necessite de uma distração agradável da rotina e, depois de um fatídico dia de trabalho em que a capacidade de foco definha, uma escrita descomplicada e capítulos curtos são os mais apetecíveis.

A leitura depende do contexto do leitor, que pode ou não ser muito volátil e, para servir quem tem preferências mutáveis, há que apostar na maior quantidade de formatos possível. Na referida entrevista, Francisco Vale diz que o caminho para uma relação de confiança com os leitores exigentes é a qualidade do catálogo²⁵, pois acredita que quando publica uma obra desconhecida dos leitores, estes assumem que é boa e predispõem-se a comprá-la. «Uma situação que qualquer editor deseja, mas que é uma conquista difícil, “porque implica que se tenha de abdicar de títulos muito vendáveis e seguir o critério do valor intrínseco e não o das vendas previstas”». O entrevistado afirma nunca editar um livro a pensar nas vendas.

Até que ponto é exequível conduzir um negócio sem pensar na receita, sobretudo quando se trata de um mercado tão exíguo como o do livro? As editoras podem ter uma inclinação: algumas só editam mulheres, outras só editam ficção especulativa e a Relógio D'Água não se interessa por títulos comerciais. No entanto, a redução do leque de escolhas dificulta a permanência de uma empresa num mercado tão competitivo.

²⁴ C.f.: ["Eu nunca editaria o José Rodrigues dos Santos mesmo sabendo que é o português que mais vende" \(dn.pt\)](#) (consultado em 03/04/2023).

²⁵ Não é o único. Também Carlos da Veiga Ferreira (2025:16) considera o catálogo o que melhor define uma editora.

Não é impossível excluir os títulos mais rentáveis e manter-se de pé. A Relógio D'Água adota essa estratégia, mas esmera-se na qualidade do trabalho a vários níveis: não só prima pelo catálogo, como também pelas capas e qualidade da tradução. Haverá, porém, algum perigo em romantizar muito um produto quando se tem contas para pagar? Primeiro importa entender mais concretamente as divergências entre o livro comercial e o culto. Já cobri algumas, mas é necessário aprofundá-las com exemplares cujas fronteiras são mais estreitas.

O que é um livro comercial? Ter uma linguagem simples parece um dos aspetos mais visíveis, mas a obra de Annie Ernaux também a tem e ganhou o prémio Nobel de 2022²⁶ (Cipriano e Correia, 2022). Ernest Hemingway também abdica da eloquência e é um autor prestigiado. Será o tamanho dos capítulos ou do romance como um todo? Os capítulos de *Pais e Filhos* (1862), de Ivan Turguéniev, são pequenos. Quanto à extensão inteira, depende daquilo a que se chama romance. Por exemplo, António Pedro designou o seu *Apenas Uma Narrativa* (1942) dessa forma, apesar de ser muito curto, mas não é «paraliteratura» — termo que Francisco Vale usou, citando Umberto Eco²⁷. Serão os clichês? No documentário *Febre Ferrante* (2017)²⁸, realizado por Giacomo Durzi, informa-se que Elena Ferrante se dispõe a usar todo o tipo de pormenores e estratégias que deem prazer ao leitor, incluindo os lugares-comuns. Além disso, o tema da originalidade é cinzento, porque se entra na questão: será que ainda há algo completamente novo por inventar? Todos os géneros literários têm os seus lugares-comuns e é difícil, senão mesmo impossível, fugir à sua totalidade.

Ainda que se criasse um género inédito, este iria, ao crescer, adquirir os seus próprios clichês. É inexorável, pois o espaço para a invenção vai diminuindo. Há escritores que vão distorcendo os seus géneros ao fundi-los com outros. A autora de *steampunk* Gail Carriger, inseriu vampiros e lobisomens na coleção *Soulless*²⁹ (2009), mas isso também implica injetar no *steampunk*³⁰ algumas banalidades das criaturas da noite.

Talvez seja a qualidade das ideias. Contudo, esse assunto é ainda mais complexo. Cada leitor fará essa avaliação, baseando-se nas suas necessidades. De algum modo, há um consenso generalizado do que é literatura e «paraliteratura», mas é difícil definir o que

²⁶ C.f.: [Francesa Annie Ernaux vence Prémio Nobel da Literatura 2022 – Observador](#) (consultado em 23/04/2023).

²⁷ O termo terá surgido, pela primeira vez, nos estudos literários franceses nos anos 60, não sendo claro que tenha sido concebido por Umberto Eco.

²⁸ C.f.: <https://media.rtp.pt/extra/estreias/a-febre-ferrante/> (consultado em 10/04/2023).

²⁹ O *steampunk* é um subgénero da ficção científica que retrata um mundo retrofuturista, baseando-se na tecnologia a vapor do século XIX e em materiais e peças como o latão e as rodas dentadas. C.f.: [What Is Steampunk? - YouTube](#) (consultado em 06/04/2023.)

³⁰ C.f.: [Soulless \(The Parasol Protectorate, 1\): Gail Carriger: 9780316056632: Amazon.com: Books](#) (consultado em 10/04/2023).

constitui cada conceito. Francisco Vale fala de Santo Agostinho para esta incógnita, «que sabia o que era o tempo quando não lhe perguntavam o que era».

Não esquecer que a noção de conteúdo prestigiado e vazio é também um fruto sociocultural. Todos os seres humanos são um produto do seu meio e, o que se considera leitura valiosa, assenta mais nesse princípio do que em qualquer outro. Se Júlio Dantas ressuscitasse, ficaria horrorizado ao saber que Fernando Pessoa é considerado, ao lado de Camões, o maior escritor português e que há todo um ramo académico a ele dedicado: os estudos pessoanos. Noutra época, outro editor como Francisco Vale quiçá adicione José Rodrigues dos Santos ao catálogo, em que tanto trabalha, para ser de qualidade e confiança.

A perspetiva horizontal³¹ permite que todos os tipos de produções tenham a mesma validade desde que cumpram o seu propósito. Assim não se determina a qualidade de uma comédia romântica comercial, comparando-a com um clássico. Em vez disso, considera-se que é um livro de valor se servir os interesses do público-alvo. Deste modo, evitam-se discussões improdutivas sobre um assunto que, reside na sensibilidade e no gosto individuais, e a que não se pode dar uma avaliação objetiva.

Creio que o problema a tratar não é o facto de se editarem livros comerciais ou o de estes venderem muito, mas sim o de ocuparem imenso espaço, o que está a limitar a bibliodiversidade. A banalização de certos temas, como o sexo e o crime, não é exclusiva do mundo livreiro. O sexo abunda na música e nos programas de televisão e o crime monopoliza as telenovelas e parte do jornalismo. Não é de estranhar que os consumidores também gostem de que a literatura enverede por aí.

Como explicar isto? Uma razão plausível para a predominância destes componentes é a profusão de sensações fortes: a intensidade do prazer sexual e o choque da violência dos crimes. Vivemos numa época em que todo o tipo de estímulos bombardeia toda a gente o tempo inteiro e creio que isso se transferiu para a leitura. Os livros eletrónicos dinâmicos podem ser uma solução graças à materialidade do texto.

No ensaio *The Aesthetics of Materiality in Electronic Literature* (2008), Serge Bouchardon dá alguns exemplos a este respeito. *Les Pages Blanches* (1995) é uma história feita de fragmentos com hiperligações, que são espaços em branco no texto. O leitor deve clicar neles para aceder a outras partes do texto. Os espaços em branco são sensíveis à interação e adquirem uma forma de materialidade.

Em *Incident of the Last Century* (1998), de Gregory Chatonsky, o leitor move-se num mundo de palavras em 3D. O texto está espaçado e a leitura faz-se ao imergir entre

³¹ Por «perspetiva horizontal», entendo uma perceção que não hierarquiza os tipos de livros e os vê como igualmente valiosos, mas com objetivos distintos. Na oposição habitual entre livros mais e menos comerciais, não se assuma que o de consumo rápido é pior. Tente-se avaliar as vantagens e desvantagens de cada um.

blocos de texto para que se apreendam e interpretem. Em *Vingt ans après* (2001), de Sophie Calle, o texto movimenta-se em resposta às ações do rato. O leitor manipula o texto, o que lhe dá materialidade. Na narrativa, há uma mulher que aparece e desaparece, seguida por um detetive privado. A figura que aparece e desaparece materializa-se aqui através da dinâmica espaço-temporal e das manipulações do leitor.

More than the “aesthetic use of the written language”, the aesthetics of electronic literature is first and foremost aesthetics of materiality: materiality of the text, of the interface and of the medium (Bouchardon,).

[Mais do que o “uso estético da língua escrita”, a estética da literatura eletrónica é, acima de tudo, uma estética da materialidade: da materialidade do texto, da interface e do meio].

Se se conseguisse que a materialidade do livro culto fosse tão explorada como a plasticidade linguística, quiçá se obtivesse resultados igualmente cativantes e profícuos para a exploração de ideias. Seria um modo de expandir as possibilidades da bibliodiversidade.

As componentes visual e tátil têm um efeito na leitura, o que se verifica também no formato físico. Aspectos como a textura, as cores, os tipos de letra e a qualidade do papel influenciam a relação do leitor com o objeto. Por exemplo, usar *Comic Sans*, que é um tipo de letra infantil e leve, para escrever uma história de horror é dissonante, assim como não se usam cores escuras e mortíferas num romance alegre de adolescentes. Nos livros informativos, as imagens são excelentes complementos e, na banda desenhada, as onomatopeias coloridas e com letras aumentadas ou distorcidas enfatizam a sua expressão. Em certos livros infantis, como os da coleção *Geronimo Stilton* (1997) de Elisabetta Dami, há pequenos desenhos intercalados com o texto do estilo: a palavra «dónute» tem um «o» que é um dónute.

São pormenores subtis com um efeito por vezes inconsciente e a tecnologia eletrónica permite, graças à infinita plasticidade, criar diferentes tipos de materialidade para diversos fins. Suponha-se que numa reedição digital de *Rumo ao Farol* (1927) de Virginia Woolf, os pensamentos das personagens se apresentam de um modo desordenado para demonstrar, de uma perspetiva realista, como funciona o raciocínio humano. Para tal, talvez se possa alterar um pouco a pontuação e fazer com que um excerto do texto se esfume e apareça outro logo a seguir.

Numa obra realista, conviria destacar descrições de conceitos concretos. Por exemplo, adicionar hiperligações a palavras como «casa» ou «pessoa» que dessem uma descrição detalhada, diria biográfica ou histórica, da personagem ou do cenário. Este

método também se aplicaria à fantasia para aprofundar a criação de mundos para quem se interessasse por minúcias históricas, mitológicas, culturais, etc. Há quem se queixe de que, às vezes, os autores de fantasia exageram na pormenorização do mundo e, ao adaptar a materialidade do texto, é possível que a mesma obra agrade a dois tipos de leitor.

Gutenberg reinventou a leitura, dando ao texto uma aparência mais prática, uniforme e legível e aumentando o ritmo de produção e a quantidade de produtos. Tal como com a impressão no século XV, quiçá esta reestruturação também confira um novo significado ao que se chama «ler» no século XXI.

A leitura está a passar por uma fase interessante. Já muito se augurou o fim do livro ou da leitura no geral, mas o que vier a acontecer talvez não seja uma morte, mas sim uma transformação. A tecnologia eletrónica está a mudar, não apenas o modo de vida da população, mas também os seus cérebros. Os níveis de dopamina a que as novas fontes de entretenimento sujeitam os utilizadores não têm precedentes. É possível que, estar sentado a olhar para uma página, esteja a acabar. Porém, não significa que a leitura em si vá acabar. Presumir isso é o mesmo que achar que a agricultura terminou, porque agora se usam máquinas para a executar e não apenas os métodos tradicionais.

Todas as atividades se transformam com o tempo, o que desagrada aos saudosistas, mas na era da hiperestimulação, é fascinante imaginar as possibilidades de evolução da leitura. Alterar a materialidade do texto digital é uma e que mais surgirá? Uma já bastante em voga e num formato diferente do tradicional é o audiolivro, o que dá continuidade àquilo que os contadores de histórias já faziam, mas desta vez está numa gravação.

Com novos formatos, poderão vir novos géneros literários apenas por se abrir espaço a novos temas. Poderá surgir uma ideia distinta de leitura culta em que o nível de erudição e o valor se meçam pela forma como se manipula a materialidade. O consumo do livro tem sempre fatores sociológicos a considerar e imaginar o que será boa bibliodiversidade numa época de mudanças tão rápidas é complexo. Todavia, dar o benefício da dúvida a múltiplos estilos e formatos, abdicando de critérios tradicionais ou saudosistas, pode ser uma solução profícua.

Outro aspeto da bibliodiversidade prende-se na quantidade de experiências a que se tem acesso. No século XXI, veio à tona uma infinidade de identidades que até agora têm tido pouca ou nenhuma expressão, pois apenas se valorizava o intelecto dos homens brancos heterossexuais, o que limitou a variedade de perspetivas e estilos de escrita. Agora que há mais vozes, quão diversa está a oferta de autores? Quão sólida ainda é a hegemonia dos socioculturalmente privilegiados? Isso depende de país para país ou de região para região, mas ser homem, branco e heterossexual ainda é uma vantagem. Às vezes, a

predileção por estas características é inconsciente, já que somos um produto do nosso meio, inclinando-nos para determinadas formatações.

Por exemplo, nas aulas de Teoria da Edição, vimos os minutos iniciais de *Valerian*³² (2017), um filme de ficção científica realizado por Luc Besson, em que a equipa de uma nave espacial norte-americana ia acolhendo residentes de várias culturas. Primeiro comunidades terrestres e depois extraterrestres e os membros do grupo de anfitriões iam mudando à exceção do chefe, que era invariavelmente um homem branco, denotando um erro de leitura. Uma produção que visava mostrar pluralidade, acabou por ser homogénea numa das partes mais importantes. Porque não podia uma mulher asiática assumir o comando ou um dos alienígenas? A diversidade reside em permitir a toda a gente, não só coexistir em harmonia, como também ter os mesmos deveres e oportunidades, sejam eles quais forem.

A representatividade imparcial é um processo lento, uma vez que as mentalidades são o que mais demora a mudar e o mesmo se verifica na esfera dos livros. Embora já se vejam muitos nomes de vários contextos, os mais abundantes nas livrarias continuam a ser os homens brancos heterossexuais. Para dinamizar esta situação, já se criaram editoras específicas para cada tipo de autor como a Aurora Editora³³, que «é a nova chancela do grupo Infinito Particular — o objetivo é apenas editar obras de autoras femininas, da literatura portuguesa e internacional, que muitas vezes não têm tanto destaque ou oportunidades no meio».

No Brasil, desde 2019, a Aziza Editora³⁴ só publica autores negros. «Aziza» significa «preciosa» em suaíli e, esta editora pretende mostrar a complexidade e a riqueza das literaturas e das culturas africanas, para que não caiam no esquecimento. O Prémio Camões atribuído a autores dos PALOP — Germano Almeida³⁵ (cabo-verdiano) em 2018 e Paulina Chiziane³⁶ (moçambicana) em 2021 — promovendo a disseminação da sua experiência.

Também já apareceram obras de proveniências orientais como a chinesa e a japonesa e a tendência é que o leque de escolhas continue a expandir-se, apesar de ainda haver uma hegemonia cultural por parte do Ocidente. A tradução tem sido bastante útil neste processo. No entanto, devido à hegemonia sociocultural de alguns países, em

³² C.f.: [Valerian Opening Scene FHD - Alpha Station Origin - Valerian and the City of a Thousand Planets - YouTube](#) (consultado em 06/04/2023).

³³ [Aurora \(particular.pt\)](#) C.f.: [Há uma nova editora em Portugal — e só vai publicar livros de mulheres – NiT](#)

³⁴ <https://azizaeditora.com.br/a-editora/>. C.f.: <https://www.hypeness.com.br/2021/05/aziza-uma-editora-que-so-publica-autores-negros-criada-por-quem-entende-do-mercado/> (consultado em 03/04/2023).

³⁵ C.f.: [Germano Almeida é o vencedor da 30ª. edição do Prémio Camões | DGLAB](#) (consultado em 23/04/2023).

³⁶ C.f.: [Paulina Chiziane vence Prémio Camões - Camões - Instituto da Cooperação e da Língua \(instituto-camoes.pt\)](#) (consultado em 23/04/2023).

Portugal há pouca variedade de tradutores. Por exemplo, a tradução de autores japoneses faz-se a partir do inglês ou do francês. Na sétima de Teoria da Edição, Zink relata o caso da tradutora Ana Toivola, que ficou desiludida por a editora não ter indicado que *A Purga de Sofi Oksanen* (Alfaguara, 2011) fora traduzido diretamente do finlandês (Zink, 2019:38).

Isso, de alguma forma, limita o acesso do leitor a mais pontos de vista, pois verte-se o texto para a língua de chegada sempre a partir da mesma interpretação da realidade. Se se traduzisse do japonês, a conversão em português teria de se moldar a um texto e a uma experiência japoneses, mas como se faz do inglês e do francês, retêm-se os muito vistos ângulos anglófono e francófono. No início, Dostoiévski traduzia-se do francês, mas agora que já há traduções diretamente do russo, a leitura e a absorção cultural são distintas. Como expandir esta componente da bibliodiversidade se a tradução literária corresponde apenas a 1% do mercado?³⁷

Quando se trata da tradução de um livro cuja língua original é muito distante, como o japonês ou as línguas eslavas e nórdicas, a tradução faz-se normalmente a partir da tradução inglesa, francesa, espanhola, etc. É a editora do livro original (casa-mãe) que fornece a versão a partir da qual a editora portuguesa deverá fazer a sua tradução. Muitas vezes, a editora estrangeira providencia traduções em mais do que uma língua. Acontece também a editora estrangeira fornecer outras traduções, mas pedir que, mesmo não se fazendo a partir da língua original, a versão portuguesa seja confrontada com a versão na língua original.

O importante é: caso a tradução portuguesa não se faça a partir da língua original, a tradução na qual se baseia tem de ser sempre aprovada pela editora do livro original.

³⁷ Informação recebida nas aulas de Noções Jurídico-Económicas para Tradutores na FLUL.

3. POSIÇÃO SOCIOCULTURAL DA LEITURA

Neste capítulo, abordarei a relação da sociedade do século XXI com a leitura, explorando os motivos pelos quais determinadas comunidades leem e escrevem mais que outras e discutindo a possibilidade de uma mudança de mentalidade. Figuram três países: Portugal (principalmente), o Brasil e a Islândia. O que seria necessário para essa alteração acontecer? Com base nos livros *Sapiens — Breve História da Humanidade* (2020a) e *Homo Deus — Breve História do Amanhã* (2020b), de Yuval Noah Harari, mostrarei a mudança das crenças ao longo da História, as quais explicam alguns dos valores atuais. Também cotejo os hábitos de entretenimento mais antigos com os mais recentes ao examinar os costumes de diferentes gerações. Além disso, mergulho no mercado do livro e nas estratégias da sua promoção.

O Brasil e Portugal partilham diversas características na relação com os livros e uma delas é a baixa taxa de leitura. Em parte, pode atribuir-se o escasso contacto com os livros ao baixo poder de compra de ambos os países. Não obstante, o consumo de livros subiu no Brasil nos últimos anos, com uma quebra durante a pandemia, de que está a recuperar (Globo, 2023)³⁸. Os resultados ainda não são tão animadores como eram os pré-pandémicos, tendo havido um corte substancial nas obras didáticas. Uma diferença entre Portugal e o Brasil é que a ficção é o formato predileto dos portugueses³⁹ (Marcela, 2023) e, o dos brasileiros⁴⁰, é a não-ficção (Passos, 2023).

Em Portugal, apenas 32% da população lê com regularidade (Correia, 2020)⁴¹ ao passo que, no Brasil, 44% afirma não ter qualquer interesse na leitura⁴² (Paz, 2022). Impõe-se a mesma questão ao país europeu: quanto dos 68% que não leem o fazem por realmente não gostarem? Nas fontes que consultei sobre o país americano, muitas das pessoas não

³⁸ C.f.: <https://revistapegn.globo.com/ideias-de-negocios/noticia/2023/01/faturamento-do-mercado-editorial-brasileiro-cresceu-833percent-em-2022-preco-do-livro-subiu-519percent.ghtml> (consultado em 27/04/2023).

³⁹ C.f.: <https://cnnportugal.iol.pt/literatura/consumo/portugueses-nao-pousam-os-livros-vendas-sobem-13-ate-marco-para-39-3-milhoes/20230423/644539cc0cf2c84d7fd2c354> (consultado em 26/04/2023).

⁴⁰ C.f.: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/03/02/best-seller-bom-ou-ruim-para-o-mercado-literario> (consultado em 26/04/2023).

⁴¹ C.f.: [Livro é para ler e não para ter - Delito de Opinião \(sapo.pt\)](https://sapo.pt/livro-para-ler-e-nao-para-ter-delito-de-opiniao) (consultado em 11/04/2023).

⁴² C.f.: [No Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro | Cultura \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/cultura/44-da-populacao-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro) (consultado em 11/04/2023).

leem mais, porque, de facto, adquirir livros amiúde é caro. O preço médio de um livro no Brasil, em 2022, era 44,66 reais (7,94 euros) e baixou de 45,71 (8,13) em 2021⁴³ (Mem, 2022). Ainda assim, para um país em que o salário médio, no mesmo ano, era de 2 715⁴⁴ reais (492 euros) (Casal, 2023) e o mínimo de 1 212⁴⁵ (218) (Machado, 2023), é um preço acentuado.

Verifica-se o mesmo problema em Portugal: entre janeiro e outubro, o preço médio dos livros estabeleceu-se em 13,56 € (Lino, 2022), que, ao contrário do ocorrido no outro país, ficou mais caro (3,5%) em relação ao período homólogo de 2021. Em média, um livro de não-ficção, custou 16,51 €, um de ficção foi 15,36 € e um infantojuvenil foi 10,33 €⁴⁶ (SIC Notícias, 2023). Apesar da subida do custo, 2022 também foi geralmente um ano frutífero para o mercado português, em comparação com os anos pandémicos, faturando 132,5 milhões de euros.

No entanto, em novembro, devido à inflação e ao aperto na economia, os especialistas previram que o Natal seria complicado, o que foi um golpe doloroso para o mundo livreiro, pois esta festividade representa 50-60% das vendas totais do ano. Portugal é o segundo país europeu com o maior peso sazonal na compra de livros, superado somente pela Grécia, diz Pedro Sobral, o presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros⁴⁷ (Lino, 2022).

A melhoria das vendas face aos dois anos anteriores não representa um verdadeiro crescimento do mercado, mas sim uma recuperação dos estragos da pandemia e não tem havido iniciativas do governo para estimular este mercado e incentivar a leitura. Com menos rendimento e o preço mais alto, não se sabe até que ponto é que os portugueses vão escolher oferecer livros. Para agravar, os custos estão a limitar os editores, pois a produção tornou-se significativamente mais cara: o papel, as cartolinas, as tintas, as colas e os serviços das gráficas e todos os outros restantes serviços. Só o papel teve um aumento de 50%. Pedro Sobral (apud Lino 2022) avança: «mantendo-se as condições que temos agora — a guerra na Ucrânia e a disrupção das cadeias logísticas — no final do próximo ano, deverá aumentar outro tanto»

Teresa Matos, diretora editorial do Clube do Autor também dá o seu parecer: «temos de ser cuidadosos», porque se trata de «um bem cultural sensível». Uma subida demasiado

⁴³ C.f.: [Cresce a venda de livros no Brasil em 2022 | SEGS - Portal Nacional de Seguros, Saúde, Info, Ti, Educação](#) (consultado em 11/04/2023).

⁴⁴ C.f.: <https://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2023-02/renda-media-real-do-trabalhador-fecha-2022-com-queda-de-1> (consultado em 27/04/2023).

⁴⁵ C.f.: <https://economia.uol.com.br/guia-de-economia/salario-minimo-o-que-e-e-valor.htm> (consultado em 27/04/2023).

⁴⁶ C.f.: <https://sicnoticias.pt/cultura/2022-07-15-Literatura-infantil-liderou-venda-de-livros-em-Portugal-4fad90e2> (consultado em 27/04/2023).

⁴⁷ C.f.: [Neste Natal, oferecer livros será mais caro - Weekend - Jornal de Negócios \(jornaldenegocios.pt\)](#) (consultado em 12/04/2023).

brusca nos preços pode desencorajar as pessoas de comprar livros. As obras com pequenas tiragens ou com um maior volume de páginas foram as que sofreram mais ao ponto de se ter tido de adiar determinadas edições ou reedições, porque chegariam ao mercado com preços repelentes.

A APEL deu múltiplas sugestões ao governo para melhorar a situação, estimulando a leitura em Portugal em 2023. São exemplos a criação de um «cheque-livro», que seria a oferta de cem euros a cada jovem que more no país para gastar em livros; a redução do IVA de 6% para 0% de maneira a permitir «um alívio da pressão de custos sem que os preços aumentem muito para o consumidor» e, por último, um maior orçamento para as bibliotecas públicas adquirirem livros. Porém, nenhuma destas medidas consta no orçamento de estado (Lino, 2022).

Pedro Sobral afiança que há um diálogo muito profícuo entre a APEL e a tutela. «Estamos a trabalhar ativamente com o Ministério da Cultura para encontrar medidas que possam ajudar na procura e na compra de livros» (apud Lino, 2022). O gabinete do ministro da cultura, Pedro Adão e Silva, garante que está a comunicar com os profissionais do setor para encontrar medidas que beneficiem todos os seus integrantes como os autores, as editoras e as livrarias. Aponta ainda que o orçamento de estado já contém medidas com esse propósito como, por exemplo, um programa de bolsas de criação literária, além de que o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) tem várias linhas nesse sentido. O governo salienta também uma aposta substancial na internacionalização de autores de língua portuguesa.

Se a atenção à cultura em Portugal é tão demorada e residual, não surpreende que se leia tão pouco no país. Nas aulas de Teoria da Edição, tratou-se deste assunto. O livro é um bem que se oferece com muita regularidade, daí o seu peso natalício, mas não tem uma correspondência prática proporcional ao prestígio. O mercado pode beneficiar com a importância social do livro a curto prazo, mas o espírito natalício é efémero e, sem um gosto autêntico pela leitura, o livro torna a ser esquecido durante o resto ano. Fica assim à mercê das oscilações do consumo privado e sem apoios externos.

Como fazer com que as pessoas gostem de ler livros em vez de apenas os trocarem? Os islandeses, por exemplo, são o povo que mais lê livros *per capita*. Os livros não são apenas um passatempo na Islândia, mas também uma parte da identidade nacional. De tal forma, que no Natal é costume os islandeses trocarem livros e lerem-nos, num momento de partilha, depois da Consoada. Esta tradição chama-se *Jólabókaflóð* (enchente de livros do Natal)⁴⁸.

⁴⁸ Cf. [The Icelanders and their Big Love of books | Guide to Iceland](#) (consultado em 07/04/2023).

Tal como em Portugal, o Natal também pesa muito no mercado livreiro, mas aqui já há a correspondência prática do prestígio da leitura. Os media dedicam imenso espaço e tempo de antena a recensões de livros, debates, entrevistas e análises minuciosas acerca das melhores e piores capas. Qual será a diferença cultural fundamental entre os portugueses e os islandeses para este contraste? São principalmente a História e o clima.

Desde muito cedo, os islandeses nutriram laços estreitos com a partilha de histórias e a palavra escrita. Por exemplo, é do espólio islandês que se extraiu o grosso do conhecimento sobre a mitologia nórdica, a história das monarquias escandinavas, etc. Nos tempos difíceis em que assolavam o país a guerra, os desastres naturais, a fome e a morte generalizada, a pobreza e o frio nos longos invernos eram realidades que os islandeses atenuavam ao ficarem dentro de casa. Surgiu, então, a *kvöldvaka* — uma sessão para contar histórias à noite, aconchegados uns aos outros, de modo a manterem-se entretidos e despertos enquanto executavam o trabalho hibernar: fiar lã, coser, fazer ferramentas, entre outros.

Alguém lia um livro para toda a gente, recitava poesia ou contava histórias de cabeça. Às vezes, faziam-se versos espontâneos e cada pessoa tinha de contribuir com um à vez. Nas noites de inverno, a *kvöldvaka* era essencial para o bem-estar mental e emocional dos islandeses. Era também quando se instruíam as crianças. Ensinavam-nas a ler e a escrever, aprendendo história e geografia através das sagas islandesas e outras histórias, que se contavam vezes sem conta. Curiosamente, apesar da imensa pobreza, quase toda a gente sabia ler e escrever.

Os islandeses também sempre tiveram o hábito de escrever. Na Biblioteca Nacional e Universitária, há um acervo abundante de diários de vários séculos onde os autores registaram o quotidiano. Qualquer pessoa pode ler estes diários, que contêm textos deste género: «o exterior está gélido, mas calmo. A minha filha morreu ontem à noite». Transformavam a própria vida em literatura. Os livros são para os islandeses uma parte da identidade nacional.

Em Portugal, podem listar-se diversos fatores para a tão grande apatia em relação à leitura: por exemplo, ao contrário dos islandeses, até bem tarde na sua história, os portugueses tiveram uma muito elevada taxa de analfabetismo. Os media nacionais dão pouquíssima atenção aos livros fora um ou dois canais com pouca audiência.

Em suma, os media islandeses fazem pelo livro o que os portugueses fazem pelo futebol. Se se tentasse o contrário, a audiência cairia a pique, porque em Portugal não haverá condições para isso tão cedo. O que mais custa mudar, no mundo, são as mentalidades. Isto porque estão intrinsecamente ligadas à maneira de estar, que, por sua vez, se liga à zona de conforto. Dado que ninguém gosta de abandonar a zona de conforto,

seria preciso um acontecimento repentino e de grande magnitude para as pessoas sentirem a necessidade de mudar.

Os portugueses leem pouco por fazer parte da sua cultura e respetiva zona de conforto. Os seus antepassados nunca foram habituados a ler ao contrário dos islandeses. Os portugueses leem pouco, porque a vida no seu país sempre foi cara e, depois da labuta diária, não têm paciência para ler precisamente por ninguém os ter ensinado a cultivá-la. Nunca leram, porque nunca conveio que lessem em regimes ditatoriais como o Estado Novo ou, noutros anteriores, nada favoráveis à edificação intelectual do Terceiro Estado. De contrário, já há muito teria havido um esforço para os educar melhor.

O sistema de ensino não é uma grande ajuda, pois trata da leitura de uma forma mecânica e monótona sem qualquer consideração pelas necessidades dos leitores. Os alunos são obrigados a ler, o que por si já é péssimo para semear esse interesse e, como se não bastasse, as obras nunca vão ao encontro das suas necessidades etárias. Este é um discurso muito recorrente, por isso, não merece a pena aprofundá-lo, mas faz parte do conjunto de razões que leva a maioria dos portugueses a fugir da leitura.

De alguma forma, é um processo comum. Como em tudo na existência, esta é uma relação de opostos e há sociedades que leem e escrevem mais que outras. Na Antiguidade Clássica, os gregos e os romanos foram bastante prolíficos no seu legado escrito ao passo que os viquingues eram quase ágrafos. Deixaram alguns artefactos com runas, mas é um espólio parco. O que se sabe das suas cultura e mitologia deve-se, como já se referiu, ao contributo significativo de escritores islandeses (Beltrán, 2022:104).

Na atualidade europeia, ao lado de Portugal nos baixos índices de leitores regulares, encontram-se Espanha e a Grécia, que mesmo assim ultrapassam os portugueses — 47% e 45% respetivamente enquanto a média da Europa é de 60% (Correia, 2020). Algumas pessoas não gostam de ler, porque simplesmente ainda não encontraram o livro certo. No entanto, distinguir os leitores que ainda não sabem que o são de quem realmente não gosta de ler, não é exequível, pois a pessoa tem de decidir sair da zona de conforto por iniciativa própria. Não sei se as campanhas de incentivo à leitura serão mesmo eficazes.

Em 2021, no Dia do Livro, algumas pessoas saíram à rua para distribuir obras aos transeuntes. Quando interpelada pela jornalista, uma senhora que recebeu um exemplar disse que não lia mais por não ter tempo (Lúcia Carvalho e Campos, 2021). Penso que esta cidadã mostrou na perfeição como os portugueses se relacionam, não só com os livros, mas com qualquer produto no geral.

O facto de esta mulher ter aceitado um livro gratuito não significa que fosse lê-lo, visto que os portugueses têm o hábito de adquirirem bens só porque são de graça ou estão em promoção. Podem não pretender fazer nada com aquele objeto, mas há algo de apelativo

em obtê-lo com facilidade (Nilton, 2009:51-52). Outro aspeto que importa abordar é que «não ter tempo» é uma justificação que os não-leitores apresentam, porque temem ser julgados por não gostarem de ler. Volta-se à discrepância entre o prestígio e a prática. Há uma certa pressão social para se apreciar livros e os não-leitores ouvem muitas vezes um discurso gasto sobre a importância da leitura quando partilham que esta não lhes apraz.

O mais provável é que aqueles recetores tenham aceitado o livro e, mal chegaram a casa, puseram-no numa prateleira ou a um canto e nunca mais se lembraram dele. O primeiro passo para incentivar a leitura talvez pareça contraintuitivo, mas acredito que possa ser um impulsionador útil: de modo a atrair mais leitores, é necessário parar de afirmar que toda a gente deve ler. Mais especificamente, não é acabar com o enaltecimento dos benefícios do livro, mas sim deixar de o transformar em pressão. Se se alterar o discurso, quiçá se alterem os resultados.

A título de exemplo, há uma diferença entre dizer que os livros estimulam a inteligência e dizer que, quem não o fizer, é inculto e está inevitavelmente mais limitado por não expandir horizontes. No primeiro caso, estou apenas a constatar um facto: a leitura desenvolve o sentido cognitivo, melhora a memória e ajuda a prevenir doenças neurodegenerativas como o Alzheimer (García, 2018:102). No segundo caso, estou a usar o mesmo facto, mas de uma forma destrutiva e, por isso, contraproducente.

Se quiser cativar alguém, não o faço sentir-se culpado, pois isso é tão incoerente como esperar que um gatinho se aproxime de mim, atirando-lhe pedras. A comunidade de leitores, apesar de bem-intencionada, só afasta os não-leitores dos livros, porque o mesmo discurso se torna maçador.

É uma questão comercial. Há que saber vender o produto, mas sem dizer ao cliente que está condenado a ser quadrado ou obtuso se não aderir. Há a dificuldade acrescida de vender o livro a quem não tem qualquer interesse por este tipo de bem. Um bom vendedor necessita de capacidades sociais flexíveis, portanto, antes de falar a alguém de leitura, convém perceber de que tipo de pessoa se trata e adequar o discurso às suas necessidades. Por exemplo, há pessoas que não apreciam literatura e preferem consumir histórias audiovisuais, pelo que um livro de não-ficção é a melhor escolha.

Para quem não está habituado a ler, deve-se recomendar uma obra breve e com uma linguagem simples e fluída. Sugiro *A Arte Subtil de Saber Dizer Que se Foda* (2016), de Mark Manson, já que é bastante completo: é humorístico e tem uma linguagem leve e alguma informação sobre cultura geral. A combinação certa de elementos pode despertar um interesse crescente num maior número de livros e em mais variedade e complexidade. Importa também desconstruir pressões acerca do ritmo de leitura e da quantidade de páginas ou de livros que a pessoa lê, assim como o tipo de obras que seleciona. Para

conquistar consumidores, a leitura tem de se vender como um prazer e parar de priorizar a romantização repetitiva e repelente do crescimento intelectual. Não significa que seja errado falar dele, mas quando surge como o pináculo das qualidades deste passatempo, parece que se impinge e não que se recomenda.

Os anúncios da televisão e quejandos geralmente vendem prazer. Podem acrescentar uma ou outra informação dos benefícios para a saúde se o produto for saudável, mas por norma, a comida compra-se, porque é saborosa, os perfumes porque são cheirosos e os carros porque são confortáveis e estilosos. No mercado editorial, deve-se aplicar a mesma estratégia: os livros consomem-se primeiro por serem divertidos e bonitos e só depois pelas outras vantagens. À primeira vista, parece uma banalização excessiva do livro, mas se é uma fonte de entretenimento, faz sentido que se divulgue como qualquer outro prazer.

Isto é uma consequência do humanismo, que surgiu há 300 anos e põe a humanidade no centro do Universo. Em particular, da vertente liberal, que sacraliza os interesses e os sentimentos individuais. A perceção sociocultural enraíza-se de tal forma, que se materializa. Um jovem ocidental do século XXI tem, por norma, um quarto só para si. É uma divisão na casa dos seus tutores, mas funciona como uma embaixada: é o seu espaço privado onde expressa nele a sua personalidade como bem entender. Põe pósteres dos seus ídolos nas paredes, coleciona figuras de ação nas estantes e organiza os pertences a gosto. Se os seus pares troçarem dele na escola, as pessoas à sua volta dizem-lhe que os outros estão errados e que deve ser fiel ao seu verdadeiro eu (Harari, 2020a:140)

Em contraste, na Europa Medieval, os jovens pautavam-se por regras sociais muito rígidas. A individualidade dos humanos não interessava a ninguém, porque não eram donos da sua vida, mas sim peças num jogo divino. Como as suas vontades eram imperfeitas e pecaminosas, não sabiam o que era melhora para si, por isso, deviam guiar-se pelo plano cósmico que Deus desenhou. (Harari, 2020b:250-251).

Ainda segundo Harari (a:141), a insignificância individual que a religião mostrava transferiu-se para a dinâmica social e, por fim, para a arquitetura. Os jovens nobres dormiam uns com os outros, nos castelos, numa grande sala comum sem divisões. Nenhum aristocrata oferecia ao filho um espaço privado, na torre X, que pudesse decorar com pinturas do seu cavaleiro preferido. O dever do jovem era defender o bom nome da família a todo o custo, pelo que devia importar-se com tudo o que os outros viam e diziam.

O humanismo mudou radicalmente o modo como tudo se faz e interpreta. A arte é um ótimo exemplo da alteração de mentalidade. Em 1917, Marcel Duchamp pegou num urinol, chamou-lhe *Fonte*, assinando-o com o pseudónimo R. Mutt e expô-lo num museu em Paris. Disse somente: «isto é arte» e, a partir daqui, toda a discussão em torno da arte

se transformou. Deixou de ser «como se produz boa arte?» para dar lugar a «o que é arte?» (Harari, 2020b:258).

Em *Literatura Gráfica? – Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea* (1999), Rui Zink aborda dois pontos de vista, citando outros autores. Primeiro apresenta o de Alexandre Melo: «arte é aquilo que os grupos de influência (que decidem *o que é arte*) decidem *que é arte*». A seguir, expõe o de Dino Formaggio: «A Arte é aquilo a que os homens chamam ou chamaram Arte». Estas definições de arte permitem:

Entender como qualquer catalogação, em arte, e também em literatura, está dependente, parcialmente ou não, de factores exteriores a uma suposta razão estética, isto é, que, queiramos ou não, *a dinâmica de uma sistematização das artes é sempre política* (económica, ideológica e cultural) (Zink, 1999:66).

A citação acima engloba em pleno a assimetria entre as sociedades pré-humanista e humanista. Alguns séculos antes, ninguém gastaria latim sobre a legitimidade da *Fonte*. Quem achasse que aquilo era artístico, só podia ser louco ou imbecil. Havia guildas que especificavam os padrões de tudo e só estes eram corretos. O sapateiro sabia exatamente como fazer sapatos e não inovava com modelos nunca vistos qual estilista do século XXI. O carpinteiro sabia perfeitamente como eram as cadeiras e as mesas e não se punha a pensar se não seria melhor mudar a forma, a cor ou o suporte (Harari, 2020b:258-259).

Do mesmo modo, a arte funcionava por imitação (*imitatio*)⁴⁹. Os artistas replicavam o estilo de grandes criadores antes deles, mantendo uma tradição estética. A título de exemplo, os pintores orientavam-se pelo mesmo estilo de desenho, cor, iluminação e traçamento de linhas. Antes do humanismo, nenhum professor encorajaria o aluno a dar azo à liberdade criativa e ao espírito crítico. Hoje, nos cursos de arte, os professores dizem que a beleza está nos olhos do observador e que as obras devem refletir a personalidade do autor (Harari, 2020b:258).

A publicidade e o consumismo atuais apanharam esta boleia, portanto, passam o tempo a dizer ao público que nunca abdique do prazer nem da quantidade. Passou-se para uma doutrina totalmente oposta. Se antes o corpo e a vontade individual eram perigos para o espírito, agora a «religião» predominante incentiva-nos a aceder a todos os apetites em prol da felicidade e do bem-estar. É o único momento da História em que há uma devoção generalizada aos caprichos (Harari, 2020a:406-409). A vontade do indivíduo e, principalmente do cliente, é lei (Harari, 2020b:259-260).

⁴⁹ Informação recebida nas aulas d'O Estudo das Culturas (2016), com o professor Simão Valente, na FLUL.

De acordo com este raciocínio, falar de um passatempo sem priorizar o prazer individual destoa da cosmovisão atual. A dificuldade de expandir o mercado do livro reside no facto de que muita gente associa ler a uma obrigação e, como tal, ao tédio. A leitura entra de rompante na vida de toda a gente em vez de tocar à campainha, invadindo o espaço pessoal de quem tenta cativar.

Para muitas pessoas, não é um apetite como comer os chocolates do Natal às mãos cheias ou jogar Minecraft o dia todo. Em vez disso, é o texto maçador que o professor de Português mandou analisar, sem consideração pela interpretação do aluno, ou uma resolução de Ano Novo que a pessoa nunca vai cumprir, porque a motivação é o «tem de ser».

Todos os valores desta época indicam que a leitura, tal como está, é uma heresia. O herege não pode, por mais que tente, mudar uma religião. Quando muito, pode criar uma versão alternativa como aconteceu com o protestantismo quando se divorciou do catolicismo. Com efeito, também o humanismo originou mais vertentes: o socialista e o evolutivo, mas ambos são rejeitados em grande escala, pois desembocaram em extremismos sangrentos, que são o comunismo e o nazismo respetivamente.

Se a variante liberal dominante destaca a importância do indivíduo, outra estratégia comercial, além da do prazer, será fazer com que o público sinta que os livros lhe pertencem. Não na aceção material, pois já se viu que possuir livros não é o mesmo que apreciá-los. O que se pretende é que o leitor entranhe que, como o objeto é seu, pode fazer com ele o que lhe apetece sem exceção, dado que outro entrave ao usufruto da leitura é a rigidez do processo.

Há quem diga que não aprecia ler, porque «não tem paciência para olhar para letras». Visto que é uma atividade que exige imensa concentração, é fácil o leitor distrair-se e pegar no telemóvel ou adiar a sessão para o dia seguinte. Porém, da mesma forma que é preciso encontrar o livro certo, também é imperativo encontrar o método certo.

A *youtuber* Ter⁵⁰ fala, num dos seus vídeos, da sua jornada por *Moby Dick* (1851), que para a leitora tem uma linguagem aborrecida, material irrelevante para o enredo e ausência de imagens para complementar informações e descrições importantes. Na verdade, considera que os clássicos são, no geral, indigestos. Porém, a *youtuber* queria imenso superar-se e acrescentar-se do conteúdo nutritivo das obras-primas. Debaixo da camada espessa e pouco aderente de texto «insofrível», como o adjetivou, havia ideias imperdíveis.

⁵⁰ C.f.: [por qué dejé de leer - YouTube](#) (consultado em 03/04/2023).

Por essa razão, em vez de se adaptar ao livro, como habitualmente se ensina, adaptou o livro a si. A primeira adequação foi passar a leitura de um ato passivo para um interativo. Queria sentir que estava a comunicar com o autor, pelo que sublinhou as passagens mais chamativas, pôs separadores para seccionar a obra e usou uma paleta de cores diferentes. Isto não é nada de novo. Já muitos leitores o fazem, mas existe uma certa rivalidade entre os partidários da sacralidade da obra e os apoiantes de o livro ser alvo de quaisquer experiências. Os primeiros defendem que a aparência do objeto é intocável ao passo que os segundos dobram as pontas das folhas ou escrevem notas. Vi na internet um indivíduo, com uma abordagem mais radical, que cortava os livros ao meio para facilitar o transporte⁵¹.

Outra estratégia de Ter foi não ler em linha reta. A tendência é ler a obra de uma ponta à outra, especialmente as de ficção, já que há um enredo a seguir. Pelo contrário, esta rapariga saltou alguns capítulos de *Moby Dick*, lendo-os quando lhe aprouve. Isto porque alguns deles consumiam muito tempo, uma vez que requeriam pesquisa externa como imagens de determinadas baleias. Assim Ter organizou a fruição do livro de acordo com as partes que fluíam mais rápido (Morris, 2020).

De maneira que haja mais leitores, a leitura tem de se converter ao humanismo liberal. Os videojogos fizeram-no, pois muitos deles permitem a criação personalizada da personagem; as redes sociais e os motores de busca fizeram-no ao programar algoritmos que atentam sofregamente a todos os cliques do utilizador para inferir os seus interesses; a política fê-lo, já que independentemente dos seus valores e entendimento político, todos os cidadãos de um país democrático têm direito ao voto.

Quando o indivíduo é a autoridade suprema, os ditames acerca do modo de leitura e semelhantes só afastam leitores.

Ler é o prazer mais desconfortável que existe e essa é uma característica inalterável devido ao esforço mental que exige. Mesmo que as mentalidades mudem e o número de leitores suba, o livro não vai conseguir competir com o TikTok nem com a Netflix. Há leitores vorazes, mas uma grande parte deles, embora leia, consome outros tipos de entretenimento mais amiúde. Apesar de todos os lugares-comuns que exaltam o livro, às vezes ler custa até a quem gosta. Depois de escrutinar a importância do prazer, já se pode abordar a força de vontade.

É uma atividade que requer que o praticante esteja quieto e concentrado, o que hoje é uma façanha devido ao estilo de vida acelerado. O maior desafio é conciliar a vontade com a energia. Por vezes, a pessoa quer, mas está a passar por um período de trabalho

⁵¹ C.f.: [Man called 'book murderer' for slicing long books in half | Metro News](#) (consultado em 14/04/2023).

extenuante e, quando chega a casa, como mãe ou pai solteiro, tem de cuidar do filho pequeno que faz birra, porque queria jantar hambúrgueres em vez de sopa. A lida da casa está por tratar, com a loiça suja no lavatório, a roupa do cesto da casa de banho para lavar e ainda falta ligar à sogra para ficar com o neto no dia X. Quando este herói ou esta heroína se senta com o livro aberto, dentro de meio minuto, está a rressonar no sofá. Com a cabeça em água, fazer *zapping* é bem mais reconfortante.

De quando em quando, há a energia, mas falta a vontade, pois apetece marcar um café com a amiga que a pessoa não viu a semana inteira. Uma vez que mexer no telemóvel se tornou um vício generalizado, a curiosidade de ver que vídeo do TikTok vai aparecer a seguir é demasiado forte. Assim que se apercebe, já passou mais de uma hora como se fossem cinco minutos e a explosão de dopamina não abrandou, portanto, é provável que o deslizamento pelo ecrã demore.

Ao pensar em como tem gastado o seu tempo, o bibliófilo lembra-se de que já não pega num livro há muito e começou imensos que deixou a meio. Isso é que não pode ser. Pelo bem da sua saúde mental e do crescimento intelectual, decide-se a terminar um deles a um ritmo consistente. Que estranho. Não se recorda de ser tão difícil chegar a dez páginas e, mesmo assim, com muitas divagações pelo meio. Lembra-se de que antes dos telemóveis e dos computadores, adorava ler, mas agora a mente parece uma bola saltitona e recusa focar-se no texto.

Amanhã correrá melhor. Não só vai ler e desfrutar disso tanto como antes, como ainda vai acabar trinta páginas, porque afinal, nunca deixou de gostar de livros. Não há de ser assim tão difícil fazer aquilo de que se gosta. No entanto, levado pelo impulso da internet, no dia seguinte, gasta outras tantas horas a consumir entretenimento que não a leitura. Pega no livro, mas a falta de concentração persiste e nem sequer vai além dos primeiros parágrafos. «Leio amanhã», pensa para si enquanto estreia o visionamento de mais uma série.

O cérebro humano atual é, de certo modo, mais preguiçoso que o de outrora. A quantidade gargantuesca de estímulos que recebemos todos os dias — ou melhor, quase todos os minutos — supera em larga escala os estímulos que as sociedades pré-digitalizadas rececionavam. O cérebro é um órgão moldável e a forma como se usa, altera a sua estrutura. Visto que os cidadãos do século XXI se entregam aos aparelhos eletrónicos cada vez mais cedo, os especialistas já registaram mudanças na estrutura neuronal durante a idade formativa dos jovens⁵² (SIC Notícias, 2019).

⁵² C.f.: [Quanto tempo podem as crianças passar em frente a ecrãs? - SIC Notícias \(sicnoticias.pt\)](https://www.sicnoticias.pt) (consultado em 14/04/2023).

Se a arquitetura do órgão está diferente, a relação com cada tipo de estímulo também o está. Para um cérebro cuja norma é a permanente agitação, uma atividade monótona como a leitura é um desafio hercúleo, sobretudo se a pessoa nunca leu nada. Por exemplo, o contraste entre o processamento cerebral da leitura e o de um vídeo do TikTok é enorme. Nesta plataforma, o entretenimento tem imagens, sons, filtros, luzes e efeitos numa quantidade infinita. Aliás, o TikTok é tão cómodo, que até poupa o utilizador à pesquisa, pois os vídeos surgem automaticamente. A este cérebro tudo se dá de bandeja e ele só tem de o assimilar e indicar ao dedo que continue a deslizar.

Num livro, creio, o cérebro tem de ser o seu próprio projetor de cinema, técnico de som, técnico de efeitos especiais, realizador e precisa de encarnar todo o elenco. É um esforço prazenteiro e relaxante, mas há períodos em que é difícil fazê-lo e não ajuda que o comodismo seja o estilo de vida dominante. Não apenas no consumo de entretenimento, mas em todas as dimensões da vida.

Já não preciso de ir a um restaurante, dado que me basta encomendar o jantar através de uma aplicação. Se quiser um telemóvel novo, em vez de gastar gasolina e aturar a confusão do centro comercial, posso entrar num *site* e fazer também uma encomenda. Já não é necessário saber ler um mapa, pois o GPS guia-me aonde quiser. Quando pesquiso alguma coisa num motor de busca, obtenho uma miríade de resultados num instante.

Uma das consequências do conforto é que a população também está mais impaciente. Tem-se quase tudo rápido e com facilidade. De geração para geração, a tecnologia permite um esforço menor em tarefas desagradáveis. A minha bisavó servia-se de uma vassoura, mas eu tenho um aspirador que acelera bastante a limpeza. Os meus pais escreviam mormente à mão, rasurando muito e encavalitando frases. Além disso, o corretor ortográfico estava na cabeça, mas eu posso usar o Word para escrever com mais fluidez, correção linguística e capacidade de edição.

Além de ser complicado sincronizar a vontade com a energia, agora também é necessária mais energia para ler do que antes, porque se regressa ao tópico da cultura e da zona de conforto. O comodismo já faz parte da cultura, logo é uma maneira de estar que, por sua vez, cria uma zona de conforto da qual poucos querem sair para fazer algo chato. Ler em si não é maçador, mas apanhar-lhe o jeito, sim. Porquê projetar o meu filme se o TikTok, o YouTube e a Netflix me dão os componentes todos de mão beijada?

Quanto mais tempo passar, mais este traço cultural se enraizará e de mais energia mental as gerações recentes precisarão para apreciar a leitura, o que aumenta a probabilidade de a acharem aborrecida. Basta ver o modo como os jovens se divertem.

A título de exemplo, uma das brincadeiras de Anne Frank era teatralizar as suas passagens prediletas, de uma série de literatura juvenil, sobre uma adolescente rebelde

chamada Joop. Nalgumas tardes, Anne Frank e uma amiga abriam um dos livros e representavam os episódios do enredo (Müller, 2020). À falta de televisão, *youtubers*, *instagrammers* e *tiktokers*, o centro do universo dos jovens neerlandeses, dos anos vinte e trinta, eram personagens literárias como Joop.

Embora neste caso se trate de uma criança fictícia, Tom Sawyer também ilustra esta realidade. Nesta obra de 1876, Mark Twain retrata os costumes das crianças rurais dos Estados Unidos oitocentistas. Num episódio, Tom Sawyer depara-se com um amigo na floresta. Interpretam um excerto de ação do *Robin dos Bosques*, o que é curioso, já que o protagonista não é propriamente um adepto de estar sentado e quieto a ler ou a estudar. No entanto, apesar de a sua preferência ser mexer-se, fazendo tropelias, o caráter aventureiro daquele herói literário fascina-o. Era uma época em que até as pessoas mais práticas tinham alguma facilidade em identificar-se e encantar-se com a palavra escrita, já que não havia muitos mais estímulos para a imaginação.

É verdade que havia imenso analfabetismo e que poucos eram os felizardos que pegavam em livros e tinham contacto direto com o conteúdo. No entanto, o formato de divertimento era semelhante: a narrativa marcava presença em todos os estratos sociais. Nos mais pobres, encerrava-se no oxímoro «literatura oral». Com ou sem literacia, havia um gosto generalizado por histórias contadas com palavras, por isso, neste sentido, os analfabetos de outras épocas eram leitores mais assíduos que os letrados do século XXI.

Em relação ao entretenimento, se uma jovem coetânea de Mark Twain acordasse no tempo de Anne Frank, talvez não se sentisse muito deslocada. A literatura expressa nos livros, peças de teatro e bocas dos contadores de histórias continuava a ter um impacto significativo. Quiçá se entusiasmasse tanto com as histórias de Joop como Anne Frank.

No meu tempo, porém, o centro do universo dos jovens era a televisão. A Joop dos adolescentes dos anos 2000 eram as personagens dos *Morangos com Açúcar* e outros que tais. Os Robins dos Bosques cujas cenas de ação as crianças reproduziam, eram desenhos animados como *Ben 10*. Na minha infância, não me lembro de alguma vez ter visto uma criança inspirar-se nos valores de uma personagem literária nem de a imitar por recreação. Se o fez, baseou-se decerto numa adaptação ao cinema ou à televisão. O formato audiovisual havia ocupado a maioria do espaço e continuava a expandir-se.

O holofote mudou outra vez de foco e os heróis que os jovens admiram, comunicam com os fãs em várias plataformas da internet. A literatura trouxe escritores, o cinema e a televisão conferiram uma nova dimensão às histórias representadas e, a internet presenteou o público com os influenciadores, que constituem uma nova revolução no entretenimento. Importa frisar que as diferenças entre as gerações são cada vez maiores em intervalos progressivamente mais curtos. Volte-se ao exemplo da jovem hipotética. Alguém da década

de 1870 que acordasse na de 1930, não se sentiria muito deslocado quando quisesse matar o tédio. Em contraste, alguém da década de 1960 que despertasse na de 2020, deparar-se-ia com uma diferença gigantesca. É o mesmo período de 60 anos, mas no segundo cenário, as mudanças aceleraram imenso.

Isto é de grande relevância para o mundo livreiro, porque a sua adaptação não está a acompanhar o ritmo da volubilidade. O livro é um objeto de usufruto lento que exige esforço numa sociedade sobrecarregada de stresse, impaciente e viciada em prazer rápido⁵³, alterando-se depressa por ação cumulativa do próprio ritmo frenético. Quanto mais urgente for a necessidade de inovação, mais rápida é a mudança, que, por seu turno, afeta as relações das pessoas com os outros e o mundo que as rodeia e potencia novas necessidades e mudanças. Uma atividade extremamente estática como a leitura não vai imperar numa dinâmica sociocultural assim a não ser que se mude um pouco o enraizamento da cultura. Para tal, há que trabalhar com os mais novos: mesmo muito novos.

Afigura-se um objetivo complexo, já que desde muito cedo, nalguns casos até antes de saberem andar e falar, os petizes recebem aparelhos eletrónicos. Para mudar o rumo da relação com a leitura, os pais teriam de os incentivar a gostar tanto de livros como de ecrãs. Podiam ler-lhes entre dez e trinta minutos antes de dormir. Contudo, a cultura normalizou o vídeo em vez do livro e é difícil controlar o vício de uma criança quando os pais também estão viciados. Os jovens que cresceram apegados aos ecrãs já procriaram, originando viciados de segunda geração. Se os pais não se entretêm de outra maneira, como vão ensiná-lo aos filhos?

⁵³ C.f.: [Dopamina: por que busca desenfreada por estímulos pode tirar satisfação da vida - BBC News Brasil](#) (consultado em 14/04/2023).

4. A ALFABETIZAÇÃO EM PORTUGAL E ESPANHA: ABORDAGEM COMPARATIVA

No capítulo 1, fez-se uma breve abordagem histórica, que incluiu um pouco da história da alfabetização em Portugal e, foi referida muito ao de leve, a de Espanha. Aqui aprofundar-se-á esse cotejo de modo a entender o que conduziu o nosso país a um tão grande atraso. Ambos as nações ibéricas estiveram a braços com ditaduras, que por dispensarem um povo instruído, não investiam muito na educação. Assim sendo, o que pôs Portugal em desvantagem? Terá sido por a tirania portuguesa ter começado dez anos antes da espanhola (1926 e 1936 respetivamente), gerando um abrandamento maior? Ou terá sido um maior poder económico que permitiu um investimento mais avultado e rápido?

Primeiro, olhar-se-á individualmente para cada país, recolhendo dados e dando algum contexto histórico. Em seguida, faz-se uma apreciação dos dois Estados de modo a perceber como cada um evoluiu e o que ainda há a aprimorar. Que aspetos têm em comum e em quais divergem? Estão mais parecidos agora? Eram muito ou pouco distintos antes? Será que se pode relacionar a formação fascista com o baixo interesse atual pela leitura?

Devo o grosso deste texto a três documentos, um sobre o salazarismo e dois sobre o franquismo, principalmente o segundo. São eles: *A Instrução Pública no Tempo do Estado Novo* (2018), de José do Carmo Correia Martins⁵⁴, *Educación durante el franquismo* (2010), de Carmen Párraga Pavón⁵⁵ e *El sistema educativo durante el franquismo: las leyes de 1945 y 1970* (2016), de Soraya Cruz Sayavera⁵⁶.

*Portugal*⁵⁷

A literacia mundial está a melhorar pouco a pouco, embora ainda haja muito trabalho a fazer, sobretudo na Ásia Ocidental e do Sul e na África Subsariana. No geral, em maior ou menor grau consoante o país, notam-se diferenças entre homens e mulheres, sendo que o

⁵⁴ C.f.: [A INSTRUÇÃO E O ESTADO NOVO \(revisto\) \(3\) \(uc.pt\)](#) (consultado em 20/04/2023).

⁵⁵ C.f.: [Microsoft Word - LA EDUCACION DURANTE EL FRANQUISMO.doc \(ccoo.es\)](#) (consultado em 20/04/2023).

⁵⁶ C.f.: [El sistema educativo durante el Franquismo: Las leyes de 1945 y 1970 - Dialnet \(unirioja.es\)](#) (consultado em 20/04/2023).

⁵⁷ O trabalho de Martins será a única fonte para Portugal.

género feminino constitui a fatia mais representativa dos analfabetos. Portugal está entre os países cuja taxa de literacia é igual ou superior a 95%, o que é um progresso significativo face a um passado de evolução lenta. Quanto mais letrada for uma população, melhor é a qualidade de vida do cidadão médio, pois a literacia está ligada a uma maior prosperidade (Albuquerque, 2014⁵⁸).

A extensão gradual da escolaridade obrigatória e a melhoria das condições de vida foram fulcrais para ensinar um maior número de jovens a ler e a escrever. Em 2023, os iletrados portugueses são, por norma, idosos, pelo que, num futuro próximo, a totalidade da população usufruirá deste conhecimento.

Recue-se ao princípio do século XX, mais precisamente a 1910 quando se instaurou a Primeira República em Portugal. Uma das metas dos republicanos era corrigir a decrépita situação do ensino, pois tratava-se de um país de analfabetos. Múltiplos jovens, com idade de ingresso na escola, permaneciam sem aulas devido à insuficiência de escolas primárias, à questionável preparação pedagógica e científica dos professores e à precária economia. Por norma, os docentes estavam afetos ao clero e, havia uma forte doutrinação católica, com a presença de várias Ordens Religiosas no ensino.

Os republicanos propuseram-se a combater este sistema. Para eles, a instrução constituía uma nova maneira de ser português, purgando a nação dos males que a impediam de acompanhar o progresso europeu. Somente dez dias depois da troca de regime, foi publicado no *Diário do Governo* o primeiro diploma destinado à edificação do ensino primário, embora tenha sido o Ministério da Guerra a concebê-lo, o que fornece uma perspetiva curiosa de como os republicanos encaravam o problema.

Era um decreto que nomeava uma comissão com o objetivo de projetar um regulamento de instrução militar preparatória, mas que se dirigia à educação nas escolas e a mais estabelecimentos de ensino. Uma ação, com ainda mais antecedência, executou-se poucas horas após a vitória da República quando saíram diplomas apontados a diversas Ordens Religiosas. Os jesuítas, expulsos no período pombalino, haviam cuidadosamente voltado ao Portugal monárquico graças a algumas condescendências. Porém, os republicanos apressaram-se a tornar a apertar o cerco com uma fidelidade às leis setecentistas.

A despeito deste arranque promissor, os passos de bebé do novo regime levaram a que só em 1913 se arquitetasse o Ministério da Instrução Pública. Antes a educação estava encarregue do Ministério do Interior. A instrução portuguesa era embrionária, portanto, havia naturalmente imenso para corrigir. Tem-se descrito o esforço empregue na melhoria

⁵⁸ C.f.: [Está a ver a população da Europa? O número de pessoas que não sabe ler é o mesmo \(expresso.pt\)](https://www.expresso.pt)

das condições dos alunos, mas era difícil iluminar o intelecto dos petizes, posto que os professores primários recebiam um salário magríssimo. Como correu no Estado Novo?

A 28 de maio de 1926, houve um golpe de estado que implementou uma ditadura militar. Ao princípio, cansados da instabilidade governamental, os portugueses aplaudiram os rebeldes. No entanto, logo nos dois primeiros anos de ditadura, deportaram-se para o Ultramar centenas de pessoas e instalou-se a censura de imprensa.

A situação monetária continuava quebradiça e ter-se-ia dado outro golpe de Estado, não fosse o advento de um arguto professor de Economia chamado António de Oliveira Salazar. Em maio de 1926, atribuíram-lhe o cargo de ministro das finanças, o qual ocupou somente cerca de dois meses, porquanto o incomodava discutir ideias a uma mesa até chegar a um consenso. Preferia ditar as regras e que lhe obedecessem. Após dois anos, convidaram-no outra vez para o mesmo cargo, ao que Salazar respondeu que o aceitaria se todos os ministérios se submetessem à sua vontade. De contrário, prosseguiria a sua carreira de professor em Coimbra.

Assim o desejou e assim o obteve. «Sei muito bem o que quero e para onde vou», disse na tomada de posse. Munido de poder, deu azo à imposição da sua visão católica, produto do seminário que o formou e do ambiente campestre em que cresceu. Decidiu-se a perseguir o comunismo, «que tudo subvertia sem distinguir o bem do mal». À semelhança dos republicanos, afirmou que a escola era o futuro da nação, mas, como se verá mais à frente, com uma ideia de ensino totalmente oposta à da Primeira República e também lhe prestou muito menos atenção. Nunca poderia ser neutra.

Em julho de 1932, o ditador alcança a presidência do ministério, pelo que, servindo-se de uma autoridade incontestada, impôs ainda mais condições governativas. Os defensores de um Estado totalitário perguntavam se, antes de implementar qualquer medida de combate ao analfabetismo, não seria melhor ponderar primeiro se convinha realmente extingui-lo, dado que era da ignorância que provinha a submissão, a paciência e o conformismo. Saber ler abria a possibilidade de aceder a pensamentos fora da doutrinação do salazarismo, corroendo-o e, quanto mais pudesse o povo estudar, mais liberdade de movimento adquiria. Por esse motivo, em 1933, numa entrevista de António Ferro, Salazar comentou que estava mais empenhado em criar vastas elites do que em ensinar os populares a ler.

E não estava sozinho. Antes da sua ascensão à presidência do ministério, alguns intelectuais partidários do elitismo pronunciaram-se sobre a educação generalizada. A escritora Virgínia de Castro e Almeida, em 1927, disse dos 75% de analfabetos que neles se encerrava o aspeto mais genuíno do povo português, num texto para o jornal *O Século*. João Ameal, outro escritor, seguiu-lhe o exemplo e disse que «Portugal não precisa de

escolas», dado que a literacia conspurcaria «o atavismo da raça». O conde de Aurora, uma figura social proeminente, adicionou «felizes aqueles que não sabem ler». Alfredo Pimenta chocou de frente com os primeiros republicanos, os quais declaravam que «abrir uma escola era fechar uma cadeia». Em contraste, o historiador defendeu, no jornal *A Voz*, que «abrir uma escola é abrir dez cadeias».

O salazarismo estava assim bem assente na supremacia do obscurantismo. Caso a pouca instrução que as classes baixas recebiam, começasse a provocar algum transtorno, Alfredo Pimenta sugeriu que se fechassem todas as escolas e que se autorizasse o estudo apenas aos filhos dos burgueses que quisessem manter os privilégios. Contudo, o caminho pelo qual se optou foi proporcionar educação, mas com imensas limitações. Só se lia o que o Estado estipulava desde a infância à idade adulta e até à morte.

Algumas das medidas educativas do Estado Novo consistiram em proibir turmas mistas, pois os meninos e as meninas deviam receber uma formação separada. Introduziram-se punições aos funcionários afetos à Direção Geral do Ensino Primário, os quais estavam impedidos de falar de temas de serviço via partilha pública, oral e escrita. A infração resultava numa suspensão do exercício e do vencimento por trinta dias e, se a repetisse, o funcionário era despedido.

A escolaridade obrigatória encurtou de cinco para três anos com a justificação de que a cultura bastante para as crianças rurais era ler, escrever e contar. Isto trouxe benefícios para o Estado Novo, já que, sem grande complexidade pedagógica, dispensava-se uma remuneração substancial para os professores. Era uma poupança para o Estado e um ataque às elevadas taxas de analfabetismo.

Criaram-se, deste modo, os postos de ensino que eram chefiados pelos regentes escolares. A estes «profissionais» não se exigia nenhuma capacidade especial: apenas uma comprovação de como os seus intelecto e moralidade eram adequados ao cargo. Só anos mais tarde se começou a requerer-lhes um teste de aptidão devido a alguns abusos. Como consequência, os professores primários sentiam-se desconsiderados, porque estavam desfavorecidos na dignidade profissional e na situação pecuniária face aos regentes, que às vezes até os substituíam nas colocações.

Para garantir uma manipulação cabal e eficiente, os livros escolares estavam embebidos em ideologia político-social para evitar a tentação de leituras indesejadas. Inseriram-se, então, diversas máximas de índole moral nos manuais. Eis algumas:

1. «Obedece e saberás mandar»;
2. «Na família, o chefe é o Pai. Na escola, o chefe é o Mestre. No Estado, o chefe é o Governo».
3. «Quanto mais fácil for a obediência, mais suave é o mando».

4. «Se soubesses o que custa mandar, gostarias de obedecer toda a vida».

Em 1936, o Ministério da Instrução Pública passa a Ministério da Educação Nacional, frisando a importância de uma determinada educação em lugar de uma instrução, que além de se limitar a ler, escrever e contar, estava imbuída de fanatismo religioso e nacionalista. Desta feita, era imperativo separar os elementos perigosos do professorado e, moldar as crianças e os adolescentes, com uma lavagem cerebral que os tornasse impermeáveis às ações do «inimigo ateu e traidor».

Tal incluía, a título de exemplo, uma cruz nas salas de aula, assim como uma fotografia de Salazar e outra de Américo Tomás; cantar o hino, rezar antes e depois da aula, exaltações a Salazar nos livros escolares e contos no fim destes cuja moral girava sempre à volta dos valores do Estado Novo. Vejam-se os seguintes:

Quando eu for grande

O Manuel e o Fernando foram brincar para o jardim da casa duns amigos, seis irmãos espertos e alegres. Fazendo projectos de futuro, o Manuel declara aos companheiros:

— Eu, quando for grande, quero ser aviador. Hei-de voar como os passarinhos e ainda mais alto.

O José: — Pois eu hei-de ser médico. Quero descobrir remédios para curar a minha avó, que está entrevada.

O Carlos: — Isso é bom. Mas eu antes queria ser padre, ter uma igreja, um altar, dizer missa e pregar sermões.

— Eu então, disse o Fernando, quero ser lavrador como o meu pai: cultivar as minhas terras, montar os meus cavalos, tratar das minhas árvores.

— E tu, Beatriz, que queres ser quando fores grande?

— Quero ser professora. Gosto muito dos livros e queria ter uma escola com muitas meninas para ensinar.

— E eu, disse a Clarinha, gostava de ser missionária, ir para muito longe ensinar doutrina aos pretinhos.

— Pois eu, gritou a Filomena batendo as palmas, quero ser dona de casa como a nossa mãe!

A oração de uma menina

Maria de Fátima tem cinco anos. Já come por sua mão. Não entorna a sopa, nem faz barulho com a colher. Até sabe descascar a fruta. Depois de comer, Maria de Fátima levanta-se, ergue as mãos e diz a sorrir:

— Ó meu Menino Jesus, obrigada. Um beijo e um chi-coração, por teres dado à tua amiguinha a sopa, o doce e as uvas.

A Família

O Mário e a Fernanda vão para a janela esperar o pai, que vem do trabalho. Quando o avistam ao fundo da rua, gritam para a mãe, que está na cozinha:

— Mãezinha, já pode tirar a sopa. O Paizinho vem aí.

— Quando o pai entra, os pequenos abraçam-no e beijam-no, cheios de alegria.

— Vem muito cansado, Paizinho? — perguntou a Fernanda.

— Sim, trabalhei muito e venho cansado. Mas pensava em vós e dizia comigo: — É para os meus filhos que eu trabalho. Deus me ajude a criá-los.

A cantina escolar

— Gostei tanto de ir hoje à escola, minha mãe! A senhora professora estava muito contente, porque inaugurou uma cantina onde os meninos pobres podem almoçar de graça. Se visse, Mãezinha! As mesas muito asseadas, os pratos branquinhos, jarras floridas e tudo tão alegre!

A sopa cheirava que era um regalo; e todos nós estávamos satisfeitos, ao ver os pobrezinhos matar a fome. O filho do carpinteiro, a quem eu às vezes dava da minha merenda, de vez em quando ria-se para nós, como que a dizer:

— Está óptima a sopinha!

Perguntei à senhora professora quem tinha feito tanto bem à nossa escola e ela respondeu-me:

— Foi o Estado Novo, que gosta muito das crianças e para elas tem mandado fazer escolas e cantinas, creches e parques. Mas as famílias que possam também devem ajudar. Não te esqueças de o dizer à tua mãe.

Tentei seleccionar, d'*O Livro da Primeira Classe* (1958), os contos com a propaganda mais densa, mas de facto, a estes quatro podia adicionar muitos mais. Antes de prosseguir com a contextualização histórica, gostava de aprofundar um pouco as mensagens destes mini textos, que com tão poucas palavras, expressam em pleno todos os ideais salazaristas.

No primeiro, há uma variedade de profissões, mas existe uma tendência religiosa e uma circunscrição do papel da mulher, que se repete amiúde ao longo do manual. O género feminino ou se dedica ao ensino ou à faxina. Não é por acaso que a partilha mais efusiva do grupo vem da menina que quer ser dona de casa. No segundo, averigua-se a devoção de uma petiza de cinco anos ao catolicismo de maneira a incitar as crianças, desde os primeiríssimos anos, a venerar as figuras divinas. O terceiro ilustra ao pormenor a defesa da família tradicional com o pai provedor e a mãe, como seria de esperar, na cozinha. O

quarto parece-me o mais direto e enganador, pois demonstra que o Estado Novo se preocupava com as crianças pobres, apesar de Salazar ter dito que preferia investir a atenção nas elites a instruir os desafortunados.

Importa também mencionar que todas as histórias se contam do tal ângulo elitista de que a esmagadora maioria da população portuguesa não fazia parte. Quando se trata das interações entre ricos e pobres, os protagonistas são sempre os que ajudam, os que têm posses para dispensar. Não há uma história sobre uma personagem necessitada.

O manual possui uma secção relativamente extensa apenas dedicada à doutrinação católica e, logo após o frontispício, um desenho da bandeira de Portugal. Da primeira à última página, o manual gritava ao aluno a lição de Salazar: «Deus, pátria e família». «Educação moral e cívica», «formação do espírito nacional» e «organização corporativa» são expressões com grande peso nas escolas. Nos programas, havia um único compêndio para cada ano, o qual reunia as disciplinas de História de Portugal, História Geral, Educação Moral, etc. Além disso, a Mocidade Portuguesa era obrigatória. Tratava-se de uma organização pré-militar, como também existia em Itália e na Alemanha, cujo arqui-inimigo era o comunismo e que tinha o dever de colaborar com a Legião Portuguesa para quaisquer metas patrióticas.

Sustinha-se que os professores deviam saber pouco, dado o perigo que um conhecimento profundo representava para o regime. Assim sendo, tornava-se imperiosa a harmonia entre o padre e o professor. É curioso notar como isto contradiz os princípios da Primeira República, a qual tanto lutou para laicizar a educação e aumentar ao máximo a literacia. Já o salazarismo pegou em todo esse esforço e espremeu-o até não sobrar uma única gota de liberdade religiosa e de pensamento.

*Espanha*⁵⁹

Em 1931, acabando o reinado de Afonso XIII, Espanha entrou na Segunda República, que precedeu o governo franquista. A república espanhola tinha objetivos educacionais, em comum com a portuguesa, na medida em que também se opunha à Igreja e respetivas organizações satélites como a *Federación de Amigos de la Enseñanza (ensino) Católica*. Esta retaliou com a acusação de que o estilo republicano era uma invasão aos seus costumes e que assentava em métodos e modas estrangeiros, subvertendo o ambiente sereno e moderado de que a educação desfrutava. Era, pois, uma pedagogia antiespanhola, materialista e ateia.

⁵⁹ Como Sayavera é a provedora principal, deixarei apenas as referências a Pavón.

Com efeito, os republicanos vieram partir pedra. As suas estratégias advinham da Maçonaria devido à enorme quantidade de políticos a ela associados e divergiam, em larga escala, de todos os métodos conhecidos até então. Em vez de forçar os estudantes a interiorizar doutrinas, encorajava-os à exposição livre e estruturada das suas ideias, ao fluxo da imaginação e do pensamento original por meio a que cada um atingisse autonomamente, mediante profunda ponderação, as suas próprias convicções. Juntava-se também a necessidade de providenciar ao género feminino uma educação equitativa em lugar de o relegar para uma posição servil. À religião reconhecia-se também o direito de ensinar, mas confinada em estabelecimentos próprios sob a supervisão estatal. Para os nacionalistas, isto era uma afronta aos valores da família, da pátria e da Igreja, que viu todos os seus colégios fechados (Pavón, 2010).

Durante o primeiro biénio republicano, ocorreu o investimento mais avultado na educação até à data, o qual permitiu a abertura de múltiplas escolas, o aumento do salário dos professores e formaram-se novos postos de trabalho para os inspetores do ensino primário. Apareceu o Serviço de Inspeção Central e, além da supervisão, cabia aos inspetores promover o convívio entre os docentes em reuniões, conferências, etc. com o intuito de desenvolver a cooperação e a renovação pedagógica.

As Missões Pedagógicas foram um dos maiores empreendimentos educacionais da Segunda República, as quais almejavam levar, a todos os cantos de Espanha, noções básicas de cultura. A 29 de maio de 1931, o Ministério da Instrução Pública e Belas Artes decretou a criação do Patronato de Missões Pedagógicas, pois era preciso resolver o abandono das zonas rurais. Estas missões eram executadas por catedráticos, professores primários e estudantes em escolas rurais, edifícios municipais e praças. As sessões eram sempre compatíveis com o horário laboral, consistindo em temas como a poesia, a música, leituras e conferências, tudo num registo apolítico. Os habitantes das povoações não eram os únicos a receber instrução, visto que os professores também precisaram de assimilar novas técnicas de ensino.

Em 1933, principia uma etapa instável devido a movimentos da direita mais conservadora, que cortou os orçamentos para o aprimoramento da qualidade educativa, anulou as Missões Pedagógicas e separou os dois sexos. Estava, então, em curso uma contrarreforma. Com a ascensão da Frente Popular ao poder, houve uma tentativa de restituir o investimento em infraestruturas, as Missões Pedagógicas e a instrução mista, mas a rápida sucessão de acontecimentos obstaculizou os procedimentos.

Na guerra civil, o projeto letivo foi efémero e genérico, afetando somente territórios republicanos em que o Ministério da Instrução Pública apostou no crescimento intelectual

das milícias. Professores voluntários, intelectuais da época e instituições públicas várias dedicaram-se a esta causa.

Chegou o Movimento Nacional. A 18 de julho de 1936, dá-se um golpe de estado denominado *Alzamiento* (rebelião) *Nacional*. A 24 de julho, vários chefes dos rebeldes formam em Burgos (município em Leão e Castela) a Junta da Defesa Nacional, que engole todos os poderes do Estado. Aqui decreta-se o estado de guerra no país, principiam-se as repressões aos republicanos, o que incluiu, entre outras ações, uma «limpeza» do professorado; proibem-se as atividades dos outros partidos e erradicam-se as organizações da Frente Popular — uma coligação antidireita que venceu as eleições a 16 de fevereiro. Compunham-na burgueses, intelectuais, socialistas republicanos e anarquistas. Os últimos e os socialistas envolveram-se em altercações que resultaram numa constituição radical que desagradou aos direitistas, daí o golpe de estado (Pavón, 2010).

O General Franco, que depois se autointitulou Generalíssimo, criou a Junta Técnica do Estado que incorpora, na maioria militares, mas também alguns civis e que tinha o intuito de administrar de acordo com os princípios nacionalistas e católicos. Instaura-se um sistema educativo que anula por completo todas as inovações republicanas, porque se julgavam antipatrióticas e antirreligiosas e que chocavam com o Novo Estado — as parecenças com o governo salazarista não se notam apenas na ideologia, mas também no nome do regime (Pavón, 2010).

Uma das medidas foi a reintrodução da religião no programa escolar através das disciplinas de Religião e de História Sagrada. Não eram apenas obrigatórias, mas também essenciais na solidificação do patriotismo do aluno. O franquismo procurou semear a devoção à pátria com recurso à família e à escola como principal agente desse fim. Com a vitória dos revoltosos em 1939, regressa-se à educação oitocentista, que a despeito de tal ter começado três anos antes, foi no último dos anos trinta que passou a ter maior impacto. Graças a isso, a Igreja recuperou todas as competências perdidas e a inspeção em todos os estabelecimentos de ensino.

Houve uma depuração, quer nos docentes, quer no conteúdo a lecionar como transmitiu o comunicado de 28 de agosto de 1936:

La aplicación de la Orden de 19 de agosto sobre apertura de escuelas nacionales de instrucción primaria, dentro de su carácter circunstancial, exige aclaraciones y detalles complementarios para que desde el primer momento se cumplan los propósitos perseguidos por la Junta de Defensa Nacional: españolizar la enseñanza (ensino) y evitar quebrantos innecesarios en el Tesoro público.

Tal como o governo salazarista, o franquista inseriu nas salas elementos nacionalistas e católicos como os hinos, as bandeiras, os símbolos e as figuras enaltecidas pelo regime.

A substituição de estilos de ensino culminou com a Lei do Ensino Primário de 1945, restituindo a pedagogia da Espanha Imperial baseada na obediência, autoridade e disciplina. Suprimiu-se também o ensino em qualquer língua que não o castelhano, assim como a unificação dos sexos na mesma sala. Esta separação deu-se, não só na educação, como também noutras atividades enquanto estratégia de repressão social e controlo moral que teve uma força particularmente incisiva nos anos 40 e 50. A relação intersexual assinalou-se como pecaminosa segundo a moral católica e a Igreja colaborou, com entusiasmo, com o Estado para difundir esta consciencialização. No entanto, no meio bucólico mantiveram-se as turmas mistas por questões pecuniárias, ainda que a instrução do sexo feminino fosse notoriamente distinta. As meninas recebiam uma formação que as direcionava para serem mães de família, donas de casa e ajudantes dos homens nas suas tarefas laborais.

Em 1942, principiou o primeiro ato legislativo importante para a estruturação do sistema educativo do período franquista de nome Lei Orgânica, que saiu a 10 de abril e que pretendia reorganizar a questão político-administrativa. Porém, imensas propostas não se concretizaram ou aplicaram-se ao longo da ditadura a um ritmo muito lento e com negligência. Passaram nove anos até o Ministério da Educação Nacional injetar capital na construção de mais escolas.

Entre 1939 e 1945, o Ministério esteve a braços com diversos problemas graves como a falta de professores primários masculinos. Esta carência devia-se a muitos fatores, entre eles, o enorme número de homens alistados para combater. Havia também um desequilíbrio na distribuição geográfica dos docentes entre as cidades e o campo e ainda as sanções definitivas e temporárias oriundas dos processos de depuração. Nas escolas rurais, faltavam imensos funcionários, pois muitas não tinham sequer profissionais inscritos e era complicado encontrar pessoal interino que se mudasse para as zonas carenciadas por causa da localização. Como consequência, verificava-se um entrave à supervisão. De modo a atenuar — não a resolver — esta adversidade, contrataram-se sacerdotes rurais para dar aulas, embora a maioria deles não tivesse a mínima preparação para desempenhar o papel.

A Igreja recuperou a influência, mas sob a asa da Falange (partido de Franco), pelo que partilhava o poder com os extremistas. O clero encarregou-se da doutrinação religiosa ao passo que o governo se ocupou das doutrinas físicas e políticas e da instrução feminina. Em 1940, o Partido Único, composto pela Falange Espanhola e Tradicionalista e pelas Juntas da Ofensiva Nacional Sindicalista (FET e JONS), fundou a Frente da Juventude. O

objetivo era reforçar a doutrinação física e política e a organização englobava bastantes formações desde a agropecuária a um ensino médio especial.

Os jovens inscritos entre os 11 e os 21 anos gozavam de disciplinas especiais como o Proselitismo e a Ação Política. Reuniam-se no tempo livre em concentrações, acampamentos, colónias e albergues.

Os que não se inscreviam, recebiam a formação da Frente da Juventude em centros de ensino. A entrega do ónus de educar a uma organização extraescolar abriu um buraco no sistema convencional, portanto, em 1941 adicionaram-se ao mesmo as disciplinas de Educação Física, Política e Desportiva e as de iniciação ao cuidado doméstico. Contudo, a falta de recursos e de profissionais qualificados fez com que a Frente da Juventude não tivesse tanto êxito como os seus congéneres fora de Espanha, resultando na concentração de várias funções.

Em 1937, impôs-se a todas as mulheres entre os 17 e os 35 anos a aderir ao Serviço Social. A mulher devia formar-se para ser uma boa patriota, cristã e esposa. Este curso tinha a duração mínima obrigatória de seis meses com dois períodos de 90 dias. O primeiro era plenamente teórico e abarcava as seguintes disciplinas: Formação Política, Ensino do Lar (cozinha e costura), Puericultura, Religião, História Sagrada, Economia Doméstica, Higiene, Decoração, Convivência Social e Roupa Branca.

Já o segundo período era apenas prático e, para o efetuar, a formanda devia prestar serviços gratuitos em hospitais, escolas, orfanatos. Podia fazê-lo a tempo inteiro ou parcial e presencialmente ou à distância de acordo com a sua disponibilidade. O peso do Serviço Social era tanto, que se tornava imprescindível na vida da mulher para tratar de burocracia como pedir um título académico, um passaporte ou candidatar-se a um posto na administração pública. Qualquer tipo de documento oficial requeria esta comprovação como um condutor mostra a carta de condução a um polícia.

Este género de formação não se cingia somente às adultas, visto que se estendeu também às escolas primárias. Inculcava-se às meninas, através do Ensino do Lar e de tarefas, a relevância da faxina e do artesanato. Além dos estabelecimentos de ensino normais, havia também centros específicos (escolas do lar ou escolas de formação) com particular destaque para o mundo bucólico ou, nas cidades, para a o proletariado.

Em julho de 1945, entra a Lei do Ensino Primário, a qual se mostrou a mais relevante do modelo católico-nacionalista espanhol. Houve, a despeito disso, uma fase de estagnação quanto a progressos educacionais. A nova lei afiançou uma regulação e um aprimoramento da qualidade do sistema de ensino, mas conquanto algumas medidas se tenham realizado, outras não abandonaram a teoria.

Ente 1940 e 1950, houve uma diminuição da população, o que se fez sentir na parte em idade escolar, estimada em 370 mil habitantes. Tal incidente derivava das baixas taxas de natalidade e da elevada mortalidade infantil. Em 1952, estima-se que estavam escolarizados 69,15% da população em idade escolar obrigatória. Os outros 31,75 ausentavam-se, quer pelo absentismo escolar, quer pela falta de escolas. Uma em cada quatro crianças não tinha uma escola e, o rácio por sala de aula, chegava a atingir os 120 alunos. As garantias da Lei de assegurar a funcionalidade do ensino não se materializaram até bem entrados os anos 50. Nesta década, a taxa de analfabetismo para maiores de dez anos, era de 18%, número que estava numa descida constante desde 1887.

Em 1951, começa uma nova etapa, com uma relativa abertura, face à modernização do nacional-catolicismo. Graças a isso, modernizou-se o ensino secundário, aliando a educação do Estado à da Igreja em detrimento do nacionalismo fervoroso de outrora. Em 1953, assinou-se a Concordata com a Santa Sé através da qual o franquismo obteve a legitimação exterior de que necessitava enquanto a Igreja repôs a sua influência no âmbito educativo, além de receber uma miríade de regalias legais, económicas e fiscais.

O salazarismo assinou um pacto idêntico em 1940, consagrando a separação dos poderes laico e religioso. Portugal garantiu a recuperação do património que a Igreja perdera em determinados momentos históricos, bem como algumas prerrogativas: a liberdade de organização e certas isenções fiscais. Ao contrário da Primeira República, o Estado Novo construiu uma aliança essencial para a sua caracterização. O Acordo Missionário, estabelecido na mesma altura, forneceu ainda mais privilégios como a comunicação com os fiéis sem a prévia autorização estatal, a cobrança de coletas, a ministração da doutrina religiosa nas suas próprias instituições de ensino e noutras privadas, o ensino religioso nas escolas públicas e o serviço dos sacerdotes como capelões nas Forças Armadas. Além disso, a abrangência desta colaboração entre o Estado e o clero ia da metrópole às colónias, sobretudo nestas últimas. Por um lado, a Concordata e o Acordo Missionário consagraram o princípio da não intrusão nos assuntos de um assinante por parte do outro, mas ainda assim mantêm a cooperação para objetivos comuns. Por outro lado, consagrou-se a liberdade religiosa e estes dois princípios são, ainda hoje, a base da relação entre o Estado português e as instituições religiosas (Infopédia, s.d.)⁶⁰.

Em relação à construção de mais escolas, o governo de Franco pô-la em prática sem considerar bem os meios económicos para financiar os 35 mil centros escolares que eram precisos. Em 1957, fez-se um investimento deveras proeminente, talvez o mais significativo até àquela altura. Previu-se o gasto de 4.500 milhões de pesetas (27.045.544

⁶⁰ Veja-se o verbete: [Concordata - Infopédia \(infopedia.pt\)](https://www.infopedia.pt/concordata) (consultado em 05/04/2023)

euros) para a edificação de novos estabelecimentos de ensino. Para efetuar tamanha operação, governadores e inspetores de todos os cantos de Espanha tiveram de visitar e analisar a realidade escolar para avaliarem o que fazia falta corrigir. Foi um projeto meticoloso e, após vários meses de negociações, atribuiu-se um orçamento de 2.500 milhões de pesetas (15.025.302 euros). Não bastou para erguer as 35 mil escolas em falta, mas permitiu o surgimento de 25 mil, que era um número inédito.

Não foi possível fornecer educação a todas as crianças, porquanto o êxodo rural deixou vazias as salas recém-construídas e gerou um excesso perto das escolas citadinas, que não tinham capacidade para albergar os novos alunos. Todavia, foi decerto um marco na História de Espanha, já que, pela primeira vez, os números relativos à educação eram positivos. Não se suprimiu o problema da escolarização, mas ao menos eliminou-se dois terços.

Comparação

O Estado Novo e o Novo Estado, pela semelhança ideológica, partilhavam diversos traços, não só na administração dos respetivos países no geral, mas também na da educação em singular. Defendiam uma moldagem recheada de símbolos patrióticos e políticos, assim como uma inundação de ensinamentos religiosos. A acrescentar a isso, achavam que os papéis de género eram indispensáveis ao bom funcionamento das famílias e da sociedade, havendo também uma intensa propaganda e pressão nesse sentido. Houve um combate, em ambos os países, contra os ideais democráticos e inovadores dos governos antecessores e a recuperação da aliança política com a Igreja Católica.

No entanto, houve uma diferença considerável na forma como o governo espanhol lidou com a escolarização anos mais tarde. Fez um investimento que eclipsou qualquer um que o português tenha feito. Viu-se que Salazar estava muito mais empenhado em alavancar aqueles que já tinham estatuto, dinheiro e poder e que a instrução da «plebe» servia um mero propósito simbólico, só para Portugal não ficar completamente alienado dos pares europeus. Se se fornecessem muitos recursos pedagógicos, a população granjearia uma agilidade mental nociva para o regime, que tanta atenção tinha canalizado para a doutrinação da mesma. A fim de controlar a elasticidade que a leitura provinha, diminuiu-se o espaço de manobra ao máximo, limitando o poderio económico e restringindo a instrução a ler, escrever e contar. Para adicionar peso à necessidade da ignorância do povo, houve figuras cotadas que se pronunciaram a seu favor.

O franquismo, não obstante a severa rigidez da repressão e das doutrinas, parece ter investido mais nas escolas e noutros veículos de proselitismo como a Frente da Juventude, nem que fosse para assegurar a conversão do povo aos valores do regime. Se os «plebeus»

fossem ignorantes, ao menos que o fossem da maneira mais conveniente e até para isso era preciso um investimento volumoso. Foi um processo demorado e algo caótico, mas nos finais da década de 1950, apesar de o governo ser totalitário, empurrou Espanha para uma evolução nunca vista. Talvez esta seja uma das razões pelas quais Espanha foi mais bem-sucedida que Portugal no combate à iliteracia. Continuava a não haver um interesse no bem-estar do povo, mas a mudança de perspectiva, até na opressão, teve um efeito positivo a longo prazo. O governo salazarista, pelo contrário, contentava-se com os mínimos essenciais.

Na atualidade, ambos os países apresentam uma alfabetização completa da população jovem, mas como se viu noutra capítulo, nenhum está ao nível da média europeia na percentagem média de leitores regulares. Acaba por ser um mal hereditário, apesar da melhoria da qualidade de vida, pois com tão poucos leitores devido à falta de conhecimento elementar, a maioria dos ibéricos do tempo fascista cresceu sem livros. A presença de material de leitura é uma vantagem logo à partida, não só pelo desenvolvimento cognitivo, mas também pela habituação mais fácil a algo que exige um maior esforço mental. Quanto mais avançada for a idade, mais custa mudar os hábitos e ter pais leitores é um pé na porta para se criar um costume saudável duradouro.

5. A CULTURA COMO RELIGIÃO HIPOTÉTICA

A *Dark Academia*⁶¹ é uma subcultura que se desenvolveu sobretudo durante a pandemia do covid-19 e que consiste numa romantização do crescimento intelectual e de uma estética académica *vintage*. Prioriza a roupa clássica, usando cores pálidas, escuras e neutras. Também se estende à decoração de divisões com as mesmas cores, livros, itens da cultura greco-romana, pinturas renascentistas, etc (Robin Waldun⁶², 2020).

Mais que a estética, o que convém salientar neste movimento são os objetivos e as atividades. Os seus adeptos acreditam que o desenvolvimento intelectual é a chave para o crescimento pessoal, portanto, tudo nesta subcultura gravita em torno de passatempos relacionados com a indústria da cultura: ler, escrever, pintar, esculpir, compor música, ir ao teatro, visitar museus, passar horas na biblioteca, entre outros. Há especificações para o tipo de conteúdo que se consome: quando se fala de música, por exemplo, refere-se à clássica. Além disso, há um certo foco na Antiguidade Clássica e nos grandes títulos da literatura no geral. Fora da ficção, encontram-se áreas do saber como a História, a filosofia, a mitologia, a história da arte, etc.

Nos interesses ativos, os adeptos reproduzem o que os intelectuais, que tanto admiram, faziam. Escrevem à máquina e usam canetas sem tinta embutida ou procuram o melhor dos dois mundos, mantendo a estética do utensílio e a utilidade da esferográfica. Entre livros e cadernos com um ar envelhecido, poesia e as grandes questões da existência, partilham na internet toda a sua rendição à *Dark Academia*. Pela primeira vez em muito tempo, o centro do universo de alguns jovens voltou a ser as personagens literárias e outros que tais.

Este movimento, por muito promissor que seja, não chega para mudar a situação corrente da cultura. É um nicho que engloba quem já gosta da intelectualidade, havendo um bónus estético. A *Dark Academia* teria potencial para fazer uma mudança a grande escala se, em vez de uma subcultura, fosse uma religião. Neste momento, é uma expressão cultural cuja força motriz é uma religião externa: o humanismo liberal. O indivíduo

⁶¹ C.f. este canal do YouTube: [just lanchen - YouTube](#) (consultado em 03/04/2023).

⁶² C.f.: [Did Someone Say Dark Academia? - What Actually Is It? - YouTube](#) (consultado em 16/04/2023).

desenvolve o seu próprio intelecto de livre vontade e de acordo com as suas escolhas, opiniões e sentimentos para formar um melhor espírito crítico.

Mas antes de explorar esta ideia, há que explicar o conceito de «religião» e o porquê de o humanismo ser uma, assim como outras ideologias. É comum confundir religião com a crença em superstições, espiritualidade, divindades ou forças sobrenaturais, mas não tem a ver com isso, já que ninguém designa a sua própria crença como superstição. «Nós sabemos a verdade, os outros é que acreditam em superstições», dirá qualquer religioso devoto (Harari, 2020b:203). Na mesma linha de raciocínio, ninguém diria que acredita em seres sobrenaturais, pois quem crê em anjos, demónios, fadas e afins acha que fazem parte da ordem natural da existência como os animais, as plantas e os fungos.

A medicina natural atribui as doenças a germes invisíveis e os sacerdotes do vudu atribuem-nas a espíritos invisíveis. Não há aí nada de sobrenatural: se provocarmos a fúria de um espírito, esse espírito entra no nosso corpo e faz-nos sofrer. Haverá alguma coisa mais natural que isto? Só aqueles que não acreditam em espíritos é que os veem como não fazendo parte da ordem natural das coisas». (Harari, 2020b:204).

Assumir que a religião é o mesmo que uma crença no sobrenatural significa que se pode perceber todos os fenómenos naturais sem o contributo religioso como se este fosse apenas um complemento. Porém, a maioria das religiões afirma que é impossível compreender a existência sem elas. Os seus dogmas são essenciais para descobrir a causa dos desastres naturais, das guerras e das doenças. Dizer que a religião assenta em deuses também é problemático, uma vez que quem faz as religiões são as pessoas e não os deuses e, o que mais as caracteriza, são o impacto na sociedade e não as suas divindades.

São religiões todas as histórias que se utilizam para dar uma legitimidade sobre-humana às leis, às normas e aos valores dos humanos. Quando defendem que são o reflexo de leis sobre-humanas, facultam as estruturas sociais humanas. Orientações políticas como o comunismo e o nazismo também são religiões, já que também acreditam numa força acima de qualquer comum mortal: a luta de classes e a seleção natural respetivamente.

Karl Marx acreditava que, se os capitalistas perpetuassem a acumulação de capital, a História traria inevitavelmente uma luta de classes que o proletariado venceria (Harari, 2020b:). Adolf Hitler, numa interpretação tóxica das leis darwinistas sobre o êxito do mais apto, pensava que o *homo sapiens* podia ascender a um sobre-humano ou degenerar num sub-humano. De modo a privilegiar a evolução à degeneração, os arianos, os «mais aptos», deviam suplantar todos os outros humanos «pela espada» (Hitler *apud* Müller, 2020:44), pois, caso contrário, a mistura com as outras raças resultaria na degradação ou mesmo

extinção da humanidade (Harari, 2020a:273-274). Quer Marx, quer Hitler, comportavam-se como profetas.

Todas as religiões afirmam que os humanos estão sujeitos a leis que não inventaram e que não podem alterar, mas conquanto as leis, os profetas e as consequências dos atos humanos mudem, mantêm-se o dogma da verdade absoluta, o proselitismo e a competição. Em *Homo Deus — História Breve do Amanhã*, Yuval Noah Harari apresenta três diálogos imaginados (pp. 205-206) que explicam, em pleno, estes argumentos:

Um rapazinho judeu chega ao pé do pai e pergunta-lhe: «Pai, porque é que não devemos comer carne de porco?» O pai cofia pensativamente as suas longas barbas e diz-lhe: «Bem, Yankele, é assim que as coisas são. Ainda és novo e não compreendes, mas se comermos carne de porco, Deus irá castigar-nos e acabaremos mal. A ideia não foi minha. Nem sequer foi do rabino. Se o mundo tivesse sido criado pelo rabino, talvez nesse mundo a carne de porco fosse limpa. Mas não foi o rabino que criou o mundo, foi Deus. E, não sei porquê, mas Deus disse que não devemos comer carne de porco. Então, não comemos. Percebes?»

Em 1943, um rapazinho alemão chega ao pé do pai, um importante funcionário das SS e pergunta-lhe: «Pai, porque é que estamos a matar os judeus?» Enquanto calça as lustrosas botas de cabedal, o pai explica-lhe: «Bem, Fritz, é assim que as coisas são. Ainda és novo e não compreendes, mas se não matarmos os judeus, eles irão provocar a degradação e a extinção da humanidade. A ideia não foi minha. Nem sequer foi do *Führer*. Se o mundo tivesse sido criado por Hitler, talvez não vigorassem as leis da seleção natural e os Judeus e os Arianos pudessem conviver em harmonia. Mas o mundo não foi criado por Hitler. Ele limitou-se a decifrar as leis da natureza e disse-nos o que fazer de acordo com elas. Se desobedecermos a essas leis, acabaremos mal. *Ist das klar?!*»

Em 2016, um rapazinho inglês chega ao pé do pai, que é deputado liberal e pergunta-lhe: «Pai, porque é que temos de nos preocupar com os direitos humanos dos muçulmanos que vivem no Médio Oriente?» O pai pousa a chávena de chá, pensa um pouco e responde-lhe: «Bem, Duncan, é assim que as coisas são. Ainda és novo e não compreendes, mas todos os seres humanos, mesmo os muçulmanos que vivem no Médio Oriente, partilham a mesma natureza e como tal beneficiam dos mesmos direitos naturais. A ideia não foi minha, nem sequer do Parlamento. Se o mundo tivesse sido criado pelo Parlamento, é possível que os direitos humanos tivessem ficado esquecidos numa subcomissão qualquer, juntamente com aquelas coisas sobre física quântica. Mas não foi o Parlamento que criou o mundo, só o tenta compreender e por isso devemos respeitar os direitos naturais até dos muçulmanos que vivem no Médio Oriente, ou corremos o risco de que, em breve, também os nossos direitos sejam violados e acabaremos mal. E pronto!».

Se uma nova religião se torna hegemónica, é porque aporta um valor inovador que melhor corresponde às necessidades de determinada época. Como se explicou há algumas páginas, na Idade Média, a fonte de todo o sentido da existência era Deus, mas quando surgiu o humanismo, o sentido de tudo passou a prender-se na humanidade. A tecnologia também influencia os valores das religiões. Por exemplo, o dataísmo, motivado pelas tecnologias de informação, propõe que tudo se interligue sem a mínima restrição ao fluxo de informação — pretende criar a Internet de Todas as Coisas através da qual se sabe rigorosamente tudo sobre tudo e toda a gente mesmo que isso implique contrariar a regra liberal de que o espaço e a vontade do indivíduo são sagrados.

Veja-se o caso de Aaron Swartz, um pirata informático estado-unidense, que, a 11 de janeiro de 2013, se suicidou no seu apartamento aos 26 anos. Ao aplicar a linguagem religiosa, dir-se-á que foi um mártir do dataísmo. Swartz era um daqueles prodígios raros, pois com apenas 14 anos, ajudou a desenvolver o protocolo RSS. Em 2008, publicou o *Manifesto de Guerrilha para o Livre Acesso* que exigia que a informação circulasse com total liberdade e sem custos.

Não se limitou a dizê-lo, dado que se zangou com a biblioteca nacional da JSTOR⁶³ (Journal Storage) por esta cobrar pelo conteúdo. A JSTOR abarca milhões de estudos e artigos científicos, acreditando na liberdade de expressão dos autores e editores, que têm direito à remuneração pela propriedade intelectual se esse for o seu desejo. O pirata informático discordava, porque era da opinião de que a informação queria ser livre, que as ideias não pertencem a ninguém e que é incorreto obstruir o acesso ao conhecimento com um preço. Assim serviu-se da rede de computadores do MIT para descarregar centenas de milhares de artigos da JSTOR e distribuí-los gratuitamente na internet.

Swartz foi detido e levado a tribunal. Depois de perceber que o mais certo era acabar com uma pena de prisão efetiva, enforcou-se. Múltiplos piratas informáticos fizeram petições e ataques contra instituições académicas e governamentais responsáveis pela acusação a Swartz e que desrespeitam a liberdade de informação. A JSTOR foi pressionada e pediu desculpa pela sua participação na tragédia e atualmente permite o acesso gratuito a grande parte do seu conteúdo, embora não todo.

Do mesmo modo que os judeus creem que as leis de Deus estão acima de qualquer humano, que os nazis acreditam que a natureza é uma guerra incontornável e, que os liberais defendem que os direitos humanos são um direito natural e inviolável, os dataístas pensam que a liberdade de informação incondicional deve existir por ela mesma, pois não há nada mais natural e supremo que isso (Harari, 2020b:427-429).

⁶³ C.f.: [JSTOR Home](https://www.jstor.org/) (consultado em 04/04/2023).

Já há existe uma subcultura que promove a intelectualidade, mas para haver uma religião transformadora, seria necessário um valor que reescrevesse a fonte de sentido da humanidade, o que não é nada fácil. O dataísmo tem o potencial de substituir o humanismo liberal num futuro relativamente próximo, posto que é uma tecno-religião condizente com os hábitos e rumo atuais da civilização. Por exemplo, manter um diário privado, um passatempo liberal, é mais incomum do que a miríade de partilhas *online*, sobre a vida pessoal, que milhões de pessoas fazem todos os dias e que vão ao encontro do valor dataísta do fluxo interminável de informação. Em contraste, o diário vira-se para dentro, de tal forma que o acesso a ele é exclusivo do autor e qualquer tentativa alheia de o ler é uma intrusão ao seu espaço individual (Harari, 2020b:430-432).

O problema da indústria da cultura e da leitura em particular é que não contribuem com nenhum novo valor coletivo, limitando-se a reproduzir os da religião dominante de cada época. Se a cultura fosse suficientemente relevante para ser uma lei sobre-humana, se os seus profetas se fizessem ouvir e, se a generalidade da população a julgasse imprescindível para as suas vidas, é provável que o mercado do livro adquirisse a dimensão da indústria eletrónica. Porventura haveria uma espécie de Silicon Valley só para produzir cultura.

6. A MATERIALIDADE

A materialidade faz parte da relação do proprietário com o objeto de leitura e, segundo McGann (1991:3-16), pode inclusive influenciar a interpretação do texto. Na atualidade, embora haja formatos mais comuns que outros, as maneiras de moldar a estética de um texto e respetivo suporte são imensas e essa relação não se limita apenas ao leitor. O escritor e mormente o editor, diria, também têm uma ligação à segunda parte da arte livreira e textual, que é o que se vê e, por conseguinte, se sente. A partir daqui, fazem-se pontes com temas anteriores tais como o sentimento de pertença ao objeto, o prazer que oferece, o potencial comercial, a ligação ao humanismo liberal, o público-alvo e se é ou não material de leitura culto.

Este capítulo divide-se em dois subcapítulos. No primeiro, abordar-se-á os vários tipos de materialidade e, com base nessa, informação, far-se-á uma reflexão sobre o que revelam acerca da experiência de leitura, escrita e edição. Haverá uma descrição e reflexão sobre duas versões do livro *A Máscara Maldita – O Grito da Máscara Maldita* na segunda – de R. L. Stine e sobre duas edições de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. No segundo, far-se-á uma um relato de estudos relacionados com o comportamento humano, o processamento neuronal e a tomada de decisões, relacionando-os com o mercado do livro. As informações da segunda metade provêm principalmente de *Homo Deus — História Breve do Amanhã*, de Yuval Noah Harari.

A materialidade é um conceito vasto, que pode ser vago numas circunstâncias e minucioso noutras. Pode centrar-se no aspeto geral de um livro: a encadernação — dura ou mole — o tamanho, a imagética e as cores ou pode ampliar o nível dos pormenores, focando-se no tipo e no tamanho da letra, nas margens na qualidade do papel ou ausência dele, etc.

A título de exemplo, existe um sítio na internet intitulado *Comic Sans Criminal*⁶⁴ cujo *slogan* é: «helping people like you learn to use *Comic Sans* appropriately» [a ajudar pessoas como você a usar o *Comic Sans* devidamente]. O *Comic Sans* [*Comic Sans MS*] é um tipo de letra infantil da autoria de Vincent Connare, que o criou para a Microsoft em 1994. Isto porque, Bob, o cãozinho animado que explicava aos utilizadores como usar o Windows, possuía balões de fala em *Times New Roman* e, devido ao aspeto infantil do boneco, Connare quis dar-lhe uma «sonoridade visual» também infantil. Segundo o próprio, aquelas letras rígidas e serifadas eram dissonantes, pois tornavam-no muito formal⁶⁵ (Redação Galileu, 2019).

Bob não recebeu a reforma tipográfica a tempo do lançamento de uma nova versão, que já continha áudio e dispensava balões de fala. Apesar disso, *Comic Sans* chamou a atenção do público, já que servia bem para textos infantis, informais e banda desenhada. No entanto, alguns utilizadores passaram a usá-lo em contextos sérios ou até mesmo trágicos como em cartas jurídicas, placas de aviso de perigo, relatos de doenças, entre outros. Isso enfureceu algumas pessoas, especialmente os tipógrafos e *Comic Sans* virou um alvo de ódio, escárnio e petições de banimento do mercado tipográfico.

É curioso constatar que algo tão inócuo como uma fonte de letra tenha suscitado emoções tão acesas. De tal maneira, que alguém se deu ao trabalho de criar um sítio específico para denunciar a «infâmia». Mas porquê tamanha revolta? Posso escrever a mesma palavra em todos os tipos de letra de um processador de texto e o significado permanece o mesmo. Quando muito, fica ilegível, pois há tipos de letra assim. Se escrevo ou leio a palavra «leão», a imagem mental do conceito não muda, esteja ela em *Times New Roman*, *Arial* ou *Comic Sans*. Então, porque é importante para tantos utentes? O conceito não muda, mas a sensação que provoca em quem lê a palavra, sim. Na literatura infantil, não se fala de morte e, se acontecer, vem cheio de eufemismos e nunca é nada explícito. Ler a palavra «morte» em *Times New Roman* causa uma reação psicológica diferente de a ler em *Comic Sans*. Um estilo de letra leve e alegre torna a o termo ainda mais perturbador.

O tipógrafo Adrian Frutiger disse que os tipógrafos são como os estilistas, mas em lugar de vestirem pessoas com roupa, vestem palavras com

⁶⁴ C.f.: [Comic Sans Criminal - There's help available for people like you!](#) (consultado em 04/04/2023).

⁶⁵ C.f.: [Por que as pessoas odeiam tanto a fonte Comic Sans? - Revista Galileu | Ciência \(globo.com\)](#) (consultado em 20/04/2023).

tipos de letra⁶⁶ (Vsauce, 2013). Cada estilo de desenho dos caracteres funde-se com o conteúdo do texto e este é um caso em que um pequeno detalhe pode exercer uma grande influência. Esta dissertação está em *Times New Roman*, porque se convencionou usá-lo em trabalhos académicos. Há quem divirja como o meu professor de Escrita Académica, que definiu a utilização de *Calibri* [Calibri]. Houve uma vez, para História dos Estados Unidos do Século XX ao XXI, em que pus *Arial* [Arial], dado que a professora não tinha uma preferência. Entre estes três, não há uma diferença substancial e *Arial* e *Calibri* são versáteis devido ao aspeto simples.

Todavia, jamais redigiria um texto deste género em *Comic Sans*, pois provavelmente não seria aceite. Causaria estranheza. De facto, pareceria quase uma piada de tão informal que é a sua aparência. Os tipos de letra serifados são muito mais apropriados para estas circunstâncias precisamente por terem uma estética pesada, burocrática e cumpridora de várias regras estáticas como as do mundo académico, jurídico, hospitalar, etc. Não é suposto *Times New Roman* gritar «diversão», mas sim andar em linha reta. Não significa que seja feio ou que não se possa apreciar um ensaio bem escrito, mas não é um prazer efusivo.

Quando editei o meu conto juvenil para Informática para a Edição, incluí mais que uma fonte, pois era uma história em forma de diário e quis representar a personalidade de cada personagem com uma caligrafia distinta. Para a do protagonista, que era imaturo, espalhafatoso, obtuso e cómico, usei *Comic Sans*; à rapariga amável e divertida por quem ele tinha uma paixoneta, apliquei uma fonte ainda mais arredondada, mas cuja aparência não era infantil. Era simplesmente suave. Ao rezingão sisudo e misantropo, atribuí uma letra cursiva fechada e apressada, que é um pouco mais difícil de ler e, para os momentos mais tensos, fora do diário, coloquei *Minion Pro*. Trata-se de um tipo de letra serifado da Adobe, que é ainda mais angular que *Times New Roman*. Também alterei a cor de dois excertos para mimetizar um texto escrito a caneta azul e outro a lápis. A materialidade ajudou-me a reforçar e a dirigir

⁶⁶ C.f.: [A Defense of Comic Sans - YouTube](#) (consultado em 20/04/2023).

ao leitor as características que queria retratar nas personagens, portanto, o componente material é tão comunicativo como o linguístico.

Contudo, se as fontes de letra são a roupa das palavras e geralmente se utiliza a indumentária que outrem desenhou, então, o escritor comunica com o leitor por meio de imagens alheias. A ideia de que o livro passa também a ser uma obra do leitor, adquire mais dimensões. É uma obra conjunta do escritor, do leitor, do editor, do revisor, do tradutor, do tipógrafo, entre outros. Por um lado, quiçá seja frustrante pensar que é impossível transmitir uma ideia tal e qual como ela é, não apenas porque o universo interior do leitor afeta a sua receção, mas também por o texto estar condicionado assim que se escreve a primeira linha. Mesmo que o autor fosse bastante autossuficiente, tratando da redação, edição, revisão, diagramação e tradução, haveria sempre alguma sutileza que penetraria a transposição da sua mente para a página: o toque do tipógrafo é incontornável.

As cores dentro ou fora do livro. Quando se pensa em chamar a atenção pelas cores, associa-se aos elementos exteriores de modo a prender o consumidor com a máxima rapidez. Porém, a aparência interior é, na minha ótica, igualmente imponente. Ao ler *O Mago* (1982), de Raymond E. Feist, notei, na composição do livro, características coincidentes com o ambiente arcaico daquele mundo de fantasia. O papel tinha um tom ligeiramente amarelado e o texto estava em *Minion*, da mesma família que *Minion Pro*, os quais foram inspirados num estilo renascentista⁶⁷.

Há edições mais excêntricas. A coleção livro *Livro B*⁶⁸ (1970), da Editorial Estampa, tem papel azul-claro, capas pretas e caracteres sem serifas, o que equilibrava o aspeto pesado (Cipriano, 2019). Há outras iniciativas como a da editora Monochrome Books⁶⁹, que inverte as cores habituais do papel e do texto: em vez de texto preto em papel branco, põe texto branco em papel preto, o que, apesar da pequena alteração, produz uma estética completamente distinta, afetando a relação com o objeto e o seu teor. Julgo ser uma materialidade fascinante para editar uma *space opera* ou um livro de divulgação científica sobre astronomia, posto que o fundo preto se assemelha

⁶⁷ C.f.: [Minion | Adobe Fonts](#) (consultado em 21/04/2023).

⁶⁸ C.f.: [Lembra-se da coleção “Livro B”? Está de volta – Observador](#) (consultado em 21/04/2023). Trata-se de uma coleção sobre o fantástico, o surrealismo, as literaturas simbolista e decadentista, e.t.c.

⁶⁹ C.f.: [Black Paper | Monochrome Books – MONOCHROME BOOKS](#) (consultado em 21/04/2023).

ao vácuo do Cosmos e os caracteres brancos seriam pequenos pontos de luz que pontuam o céu escuro tal como as estrelas.

Lydia Davis é uma escritora inconventional conhecida pelos seus contos minúsculos in convencionais. Podem ser uma única frase ou alguns parágrafos, mas o traço mais notório é o afastamento da narrativa e das personagens convencionais, que dão lugar a um sentido de humor inteligente e mordaz e a aforismos reveladores (*in* Palmeirim, 2019). Veja-se como brinca com a sonoridade de «cotton» (algodão) em «Notes During Long Phone Conversation with Mother»:

for summer — she needs

pretty dress — cotton

cotton nottoc

coontt

tcoont

toonct

tocnot tocont

tocton

contot

Davis também tem histórias de texto corrido, mas selecionei esta por ser peculiar e por parecer mais uma descrição do que uma narrativa, embora esteja identificada como «ficção». A primeira parte dessa descrição é bastante linear: alguém precisa de um vestido de algodão para o verão e, em seguida, vem uma série de onomatopeias feitas com a palavra «cotton», que reproduzem a comunicação entrecortada ao telefone. Provavelmente há muito mais a dizer acerca deste microconto, mas não convém explorá-lo aqui, portanto, deixo-o para outro académico. O que importa reter é que Davis recorreu à materialidade para enriquecer o seu trabalho, neste caso através dos sons, que condizem com a ideia. É uma ótima técnica para a ênfase.

No conto «El jardín de senderos que se bifurcan» de Jorge Luis Borges⁷⁰, há um livro que é ao mesmo tempo um labirinto enquanto reflexão da pluralidade de universos e do espaço-tempo. Para conseguir o efeito, a personagem que o escreveu tornou-o confuso, enchendo-o de erros de

⁷⁰ «El jardín de senderos que se bifurcan» in *Ficciones* [1944] (1980:369-379).

continuidade como pessoas que morrem num capítulo e, no outro, já estão vivas outra vez ou batalhas com exércitos vencedores diferentes consoante a parte da obra. A materialidade confere uma dimensão quase física à ideia do texto. Quase se pode sentir uma textura.

Em relação à constituição externa, há também componentes materiais que interessam detalhar no âmbito da comunicação. Por exemplo, uma das diretrizes para a coleção de terror infantil *Arrepios* (1992), de R. L. Stine, era as capas não poderem expor sangue vermelho (Kid Leaves Stoop, 2022)⁷¹, pois seria demasiado violento para as crianças. No entanto, em contraste, havia um certo realismo no desenho das capas que, na medida certa para o público-alvo, as tornava desconcertantes. *A Máscara Maldita* (1993)⁷² é, na minha ótica, uma das mais bem concebidas. Carly Beth, a protagonista, está a pôr uma máscara verde medonha com dentes afiados e saídos e olhos sinistros. O que mais afeta o observador, sabendo que não se trata de uma máscara vulgar, é que a menina tem uma aparência mundana e inocente.

A iluminação, a conjugação de cores e a aproximação da estética real fazem da apresentação deste título um meio de comunicação completo e exato, quer por fora, quer por dentro. Só de ver a capa, o pequeno leitor já tem *Arrepios*.

Ainda nesta linha, quando era garoto, o nome da coleção entoava de maneira diferente, na minha cabeça, do resto das palavras devido ao estilo do desenho. As letras tremiam como se elas próprias estivessem assustadas e, uma das pernas do «A», assim como do «P» e do «S» alongavam-se como se fossem líquido a escorrer, por isso, soavam a uma voz fantasmagórica, o que sustenta que os elementos materiais influenciam a leitura e a interpretação.

Já a capa da versão para a coleção *Arrepios TerrorLândia* (2010), embora seja vistosa, não creio que o seu impacto aterrorizante se equipare ao da edição de 1993. A de 2015⁷³ mostra cores mais leves e formas mais arredondadas à volta da máscara sinistra, que se destaca das outras precisamente pelo seu aspeto contrastante, mas o estilo de desenho, a iluminação e o grau de realismo ficam aquém da versão dos anos 90.

Comparem-se também edições diferentes de *Mein Kampf* (1925), pois há divergências fascinantes na materialidade de cada uma devido a ser um

⁷¹ C.f.: [The Lost Goosebumps Books - YouTube](#) (consultado em 21/04/2023).

⁷² C.f. «8.» no anexo.

⁷³ C.f.: «9.» no anexo.

documento histórico controverso. Com um conteúdo putrefacto, a qualidade da comunicação do editor adquire uma relevância e expressões fascinantes.

A Guerra e Paz, a título de exemplo, foi bastante arrojada na estética exterior: a sua edição (2016) é quase toda preta, exceto as letras brancas na capa com o título original, a tradução deste para português e o nome do autor. Em cima do título, vê-se o símbolo do partido nazi com uma águia e, a cruz suástica em baixo, envolta num círculo. Abaixo do nome autoral, lê-se: «precedido por uma história da ascensão, poder e crime do nazismo» e, a partir de «ascensão», as letras são mais densas. Além disso, no topo, na lateral e na base do miolo do livro, há cruces suásticas também brancas num fundo preto. *Mein Kampf* tem letras bem grandes e gordas ao estilo gótico.

A Guerra e Paz teve êxito em não só fazer uma publicação perturbadora, mas em também transmitir toda a essência macabra do nazismo. Por o livro e também a apresentação tresandarem a maldade, inseriu-se um relato de 90 páginas acerca da história e, dos efeitos nefastos da ideologia, pelo escritor Manuel S. Fonseca. O interior do da edição também possui escolhas de edição cativantes. Só tenho acesso às primeiras páginas do prefácio, que a Wook⁷⁴ permite espreitar, por isso, será breve esta abordagem do interior. Os títulos dos capítulos e as capitulares estão em letra gótica: os primeiros a vermelho e as segundas a preto. O corpo do texto tem letras grandes e um tom de cinzento ligeiramente mais claro que o preto. Há também fotografias a preto e branco com legendas brancas num fundo vermelho, que contextualizam o que se retrata.

Nota-se um padrão de cores ligadas à dor e ao sangue: o preto e o vermelho. Porém, este atenua-se através da estética mais leve do texto, a qual, aliada à prosa de Manuel S. Fonseca, torna a leitura mais fluída. Numa das páginas, aparece Hitler a preto e a vermelho com uma passagem do seu livro, em alemão, num fundo vermelho. O seu olhar perturbador e homicida é mais uma ênfase a, como acreditar no ideário de *Mein Kampf*, é uma ingenuidade ou malvadez com um preço elevado, uma vez mais destacado pela cor vermelha. Os editores da Guerra e Paz deram tudo por tudo para trazer à tona todos os resquícios da índole demoníaca da Bíblia nazi.

⁷⁴ C.f.: [Mein Kampf - A Minha Luta de Adolf Hitler - Livro - WOOL](#) (consultado em 06/04/2023)

A edição da E-Primatur⁷⁵ (2015), que eu possuo, adotou uma postura mais descontraída: a capa é mormente branca com um «M» e um «K» góticos em cima e em baixo respetivamente. O nome do autor encontra-se acima do título em alemão, que está também ao estilo gótico com as iniciais vermelhas e, mais abaixo, vê-se a tradução para português. Os rebordos e a contracapa são vermelhos, mas não vai além disto. Ao contrário da Guerra e Paz, esta editora não encerrou toda a toxicidade da ideologia: nada de cruzes suásticas nas laterais nem o símbolo do partido na capa; não há um relato histórico e biográfico extenso e o interior é bastante frugal, porquanto não contém fotografias, legendas nem títulos de capítulos a vermelho. O texto está na convencional cor preta com letras de tamanho relativamente pequeno e a maior precaução que os editores tomaram foi acrescentar uma breve nota prévia sobre o porquê de ser importante publicar um documento histórico desta magnitude. Sem uma intensificação do impacto visual, parece ter havido também uma mitigação do acautelamento ou, então, houve uma confiança maior no discernimento do leitor. Ao passo que a versão da Guerra e Paz grita: «cuidado! Este monstro sanguinário causou imensos estragos! Veja como era aterrador e desumano», a da E-Primatur diz com placidez: «é importante estudarmos História e aprendermos com os erros do passado, portanto, à luz de novos valores, leia este documento com um olhar crítico».

Os escritores são também beneficiários da materialidade. O suporte em que escrevem é fundamental para o seu conforto e para a qualidade do pensamento. Tive um colega em Técnicas de Edição que não conseguia pensar com papel. Fosse para tomar notas das aulas, para pesquisar, editar ou escrever literatura, levava sempre o computador. Há pessoas mais analógicas, especialmente as mais velhas que fazem ao contrário ou, então, que escrevem primeiro no papel e depois passam o texto a limpo para o computador, fazendo assim edição e revisão. Porque importa incluir a experiência material do leitor se, após a diagramação, o texto fica muito diferente do do manuscrito? Da mesma maneira que a materialidade permeia a interpretação da leitura, também permeia as ideias do processo de escrita, que, por sua vez, se associam à leitura.

Quando estou a escrever, todos os aspetos da materialidade contam para o meu fluxo criativo. Usar um processador de texto, um caderno de papel ou um caderno eletrónico providenciam prazeres e perspetivas distintos. O tipo de

⁷⁵ C.f.: [Mein Kampf - A Minha Luta \(e-primatur.com\)](http://e-primatur.com) (consultado em 21/04/2023).

letra que escolho também e até a cor do papel ou da página do processador. Por exemplo, se quiser escrever um texto sobre os meados do século XX, procuro gerar uma estética *vintage*, pelo que coloco um fundo bege para simular o papel envelhecido e utilizo uma fonte inspirada nos caracteres das máquinas de escrever. Ao compor poesia, sirvo-me de uma letra cursiva. Para usufruir de uma maior tranquilidade, ativo o modo escuro do Word, que põe a folha preta e o texto branco, pois é mais relaxante para os olhos do que o brilho constante do fundo branco.

Escrevo no computador para obter um ritmo mais acelerado; escrevo no papel para sentir todas as texturas e uso o caderno eletrónico para juntar a calma de escrever à mão com a praticabilidade de, num instante, poder converter o texto manuscrito em letra de máquina e editá-lo no computador. Posso duas caligrafias a que, por norma, atribuo utilizações diferentes: a cursiva, que é mais fácil e rápida de desenhar, uso para rascunhar trabalhos ou tomar notas. A mais arredondada, que se aproxima da forma computadorizada, serve para degustar cada traço e privilegiar textos pessoais com uma estética mais apelativa.

Isto influencia as minhas ideias, posto que me ajuda ou a ponderá-las melhor enquanto as escrevo, caso esteja a ir a um ritmo lento ou a desenvolver a rapidez do raciocínio se estiver mais acelerado. Como resultado, descubro quais são os géneros de texto mais fáceis ou difíceis de trabalhar em determinado contexto. Na minha opinião, a ficção trabalha-se melhor a passo rápido e a não-ficção a passo lento. A materialidade permite-me ter uma noção física da ideia, enquadrando-a no espaço-tempo e pesando vantagens e desvantagens no âmbito da produção do melhor texto que conseguir. Possibilita-me investir na versatilidade, pois não se escreve uma tipologia ou um género da mesma forma e os elementos materiais tornam as idiossincrasias mais palpáveis. No caso da estética *vintage*, transporta-me para o seu ambiente histórico. Graças a essa imersão imaginária, fluo melhor nas necessidades do tema ou do estilo. Um pouco como Einstein tinha ideias científicas ao usar a imaginação para criar cenários (Pink e Biller, 2017).

A materialidade e o desejo

As pontes com este capítulo manifestam-se na materialidade na medida em que esta faculta a atratividade do objeto. Da mesma forma que alguém cria uma

afinidade com um autor ou um género, também a cria com aspetos visuais e táteis. Uma das razões da rejeição dos livros eletrónicos é o que alguns consideram a ausência da materialidade. Pelo contrário, a mesma não se desvanece, mas antes assume outro formato. Por este motivo, uns consumidores inclinam-se mais para a materialidade do códex e outros para a do livro digital.

Alguns gostam de *Comic Sans* até em registos onde provoca estranheza e outros fartaram-se tanto da fonte infantil, que lhe têm repulsa, tal como Francisco Vale crê que José Rodrigues dos Santos não encaixa na Relógio D'Água. Estabelece-se, com isto, que a dimensão material suscita sensações tão fortes como o conteúdo.

Os múltiplos tipos de sentimento de pertença e o jogo comercial originarão sempre novas formas de materialidade em conflito tal como se discutem géneros e movimentos literários. O consumidor, do mesmo modo que procura um determinado tipo de livro, provavelmente também busca, ainda que inconscientemente, tipos específicos de materialidade que melhor comunicam com as suas necessidades. Uma vantagem dos dispositivos de leitura é que permitem um ajuste da formatação ao mudar-se a fonte e o tamanho da letra, o espaçamento e às vezes o fundo.

Uma capa feia pode ser o suficiente para afastar um cliente, mas o que levará uns leitores identificarem-se com uma certa estética e outros com outra? As ciências da vida têm uma proposta que põe em causa a sacralidade da capacidade de escolha do indivíduo que o humanismo liberal prega. Como já se viu, esta religião defende que, para alguém viver em pleno, deve dar um sentido personalizado à sua vida. Em caso de dúvida ou problemas, todos os seres humanos possuem dentro de si uma essência ímpar carregada de autenticidade e, se souberem falar com ela, encontrarão as respostas de que precisam. «Visto que ninguém que esteja de fora pode pressentir ou prever as nossas escolhas, não devemos confiar em nenhum *Big Brother* para cuidar dos nossos interesses e desejos». Existe sempre a influência de fatores externos e acontecimentos aleatórios, mas em última instância, pode-se empregar a livre vontade e fazer escolhas próprias (Harari, 2020b:315).

O que a ciência tem descoberto contraria, não só que os humanos saibam as respostas recorrendo a eles mesmos, como também nega o livre-arbítrio. No século XVIII, quando uma pessoa assassinava outra, a resposta era

intuitiva: o assassino quis cometer um homicídio, pois o interior do *homo sapiens* estava obscuro. Hoje dispõe-se de muito mais tecnologia e conhecimento científico, pelo que já se descobriu que os humanos são compostos por genes, neurónios e hormonas que se regem pelas mesmas leis físico-químicas que o resto da existência. Assim imputar o assassinio à vontade do algoz já não é aceitável, porque os geneticistas e os neurocientistas oferecem uma explicação deste estilo: «ele fez aquilo devido a um determinado processo eletroquímico no cérebro, que foi moldado por uma configuração genética específica, que é por sua vez o reflexo de antigas pressões evolutivas combinadas com mutações aleatórias» (Harari, 2020b:316).

Os processos eletroquímicos cerebrais que dão azo a um homicídio são deterministas, aleatórios ou ambos, mas nunca são livres. Quando um neurónio solta uma carga elétrica, tal pode ser uma reação determinista a um estímulo externo ou o fruto da aleatoriedade tal como a decomposição de um átomo radioativo. As decisões resultantes de uma reação em cadeia de incidentes bioquímicos, em que cada um é determinado pelo anterior, em nada se relacionam com a liberdade. As decisões derivadas de acidentes subatómicos aleatórios também não são livres, mas sim apenas aleatórias e, quando os acontecimentos aleatórios se combinam com processos determinísticos, surgem imensos resultados prováveis, mas não se pode dizer que isso seja liberdade (Harari, 2020b:316-317).

Imagine-se um robô cuja unidade de processamento central está conectada a um pedaço radioativo de urânio. Para escolher entre carregar no botão da esquerda ou no da direita, a máquina calcula quantos átomos se desintegraram no minuto anterior. Se for um número par, carrega no da direita. Nunca se previrá o que fará o robô, mas ninguém diria que é livre e seria impensável deixá-lo votar em eleições ou responsabilizá-lo pelas suas ações (Harari, 2020b:317).

Tanto quanto é possível apurar cientificamente, o determinismo e a aleatoriedade dividiram o bolo inteiro entre si e não deixaram nada para a «liberdade». O termo sagrado de «liberdade» revela ser, tal como o da «alma», um conceito desprovido de qualquer sentido perceptível. O livre arbítrio só existe nas histórias imaginárias que nós, humanos, inventámos (Harari, 2020b:317).

A teoria da evolução é outro fator que se opõe à liberdade. Se os humanos são mesmo livres, como podem ser o produto da seleção natural? Esta teoria advoga que todas as escolhas dos animais, relativas ao *habitat*, à alimentação ou aos parceiros, se baseiam no código genético. Se uma criatura, graças a genes virtuosos, ingerir comida nutritiva e acasalar com parceiros saudáveis e férteis, os seus genes perpetuam-se. Se, pelo contrário, for propenso a seleccionar mal a comida e parceiros fracos, os seus genes extinguem-se. Caso o animal escolha arbitrariamente o que come e com quem acasala, a seleção natural «não tem matéria-prima com que trabalhar» (Harari, 2020b:317).

As pessoas costumam rebater esta explicação científica com o argumento de que se sentem livres e que vivem conforme os seus desejos e decisões. De facto, os humanos agem de acordo com o que desejam tal como os cães, os chimpanzés e os periquitos. Quando um cão quer um biscoito, come-o. Mas o cerne da questão não é verificar se os seres vivos agem consoante os seus desejos, mas sim perceber porque têm aqueles desejos em concreto. Porque é que o cão gosta mais de biscoitos do que de cenouras? Porque é que se mata a esposa adúltera em vez de se divorciar com a maior urbanidade possível? Porque é que há portugueses que preferem o CDS e outros o PCP? Ninguém escolhe estas tendências. É algo que cresce dentro do indivíduo como consequência da sua bioquímica cerebral.

Poderá avançar-se que, no que toca a decisões importantes, como ceifar a vida de alguém ou eleger um governante, as escolhas não provêm de sentimentos temporários, mas sim de uma longa ponderação racional assente em informação de ambos os lados. Contudo, considerando a pluralidade de opções: votar num partido de esquerda, de direita ou ficar em casa, o que faz o indivíduo decidir-se por uma e não pela outra? Impelido pela electricidade neuronal, escolhe um determinado caminho, mas não escolhe livremente os pensamentos que o conduzem a votar no partido que o convenceu.

Isto não se trata de uma mera hipótese ou teoria filosófica, pois hoje pode-se recorrer a *scanners* cerebrais que preveem as intenções e decisões das pessoas antes de estarem conscientes delas. Numa experiência, os voluntários entraram numa máquina de tomografias cerebrais enquanto seguravam um interruptor em cada mão. Pediu-se-lhes para carregarem num dos interruptores quando lhes apetecesse e os cientistas conseguiram averiguar em qual o voluntário ia carregar muito antes de este o fazer ou ter noção da sua escolha.

As ocorrências neuronais que revelavam a decisão apareciam entre alguns centésimos de milissegundos e alguns segundos antes de a pessoa se aperceber dela.

Carregar num ou noutro interruptor é decerto uma escolha, o que não significa que seja livre. A crença no livre-arbítrio reside numa lógica falaciosa. Quando uma reação bioquímica em cadeia faz com que o voluntário queira carregar num certo interruptor, ele sente que quer mesmo carregar nele e é verdade. Contudo, as pessoas inferem que a vontade de carregar no botão é uma escolha, mas segundo Harari, isso é falso, porque cada indivíduo se limita a sentir os seus desejos e a agir de acordo com eles (Harari, 2020b:318).

A ciência desautoriza o humanismo liberal, não só no que concerne o livre-arbítrio, mas também o individualismo. Os liberais pensam que somos seres únicos e indivisíveis. Ser um indivíduo significa que se é um in-divíduo. Para o liberalismo fazer sentido, é fulcral que se tenha um e somente um ser verdadeiro, porque se possuir mais que uma voz genuína, como saber qual ouvir aquando de uma votação, das compras no supermercado ou da seleção de um parceiro? Todavia, nas últimas décadas, as ciências da vida concluíram que esta mundivisão liberal é fantasiosa. «O ser único e autêntico é tão real como a alma eterna, o Pai Natal ou o Coelhoinho da Páscoa». Ao inspecionar o interior, a aparente unidade que se julga existir, separa-se numa cacofonia de vozes contraditórias e nenhuma equivale ao «verdadeiro ser» (Harari, 2020b:325-326).

O corpo humano contém cerca de 37 biliões de células e diariamente este e a mente sofrem múltiplas mutações e transformações. O cérebro tem dois hemisférios ligados por um denso cabo neuronal e cada um controla o lado oposto do corpo: o direito rege o lado esquerdo, recebendo a informação do campo visual da esquerda e está encarregue do movimento do braço e da perna esquerdos. Ao outro hemisfério, aplicam-se as mesmas funções, mas para a metade direita. Por esta razão, algumas pessoas que sofreram um AVC no hemisfério direito ignoram o lado esquerdo do corpo. Por exemplo, penteiam só a parte direita da cabeça ou comem apenas os alimentos do lado direito do prato.

Há também distinções emocionais e cognitivas entre os dois hemisférios, a despeito de não serem nítidas. Grande parte das atividades cognitivas requer as duas metades do cérebro, embora em diferentes graus. A

título de exemplo, regra geral, o hemisfério esquerdo está mais inclinado para a linguagem e para o raciocínio lógico ao passo que o direito sobressai no processamento da informação espacial. Muitos dos progressos na compreensão das relações entre as duas metades fundaram-se no estudo de pacientes epiléticos. Nos casos mais graves, as tempestades elétricas principiam numa zona do cérebro, mas depressa se disseminam, provocando convulsões assaz severas (Harari, 2020b:326).

Em meados do século XX, quando nenhum tratamento funcionava, os médicos reduziam o sofrimento dos doentes, ao cortar o cabo neuronal que liga os dois hemisférios, para as tempestades que começavam num não se espalhassem para o outro. Para os neurocientistas, estes pacientes foram uma fonte de informação valiosa.

Alguns dos estudos mais importantes sobre este assunto são da autoria de Roger Wolcott Sperry, vencedor do Prémio Nobel da Medicina em 1981 e do seu aluno Michael Gazzaniga. Os doentes demonstravam comportamentos peculiares. Por exemplo, um veterano da Segunda Guerra Mundial cujo nome no livro de Harari se abreviou para WJ, por vezes tentava abrir uma porta com a mão fechá-la e tentava fechá-la com a esquerda, pois cada mão era controlada por um hemisfério diferente, os quais estavam separados. Noutra experiência, Gazzaniga e a sua equipa mostraram uma fotografia de uma pata de galinha à metade esquerda do cérebro, a responsável pela fala, e em simultâneo mostraram à metade direita uma fotografia de uma paisagem com neve. Quando questionado sobre o que havia visto, o paciente PS respondeu «uma pata de galinha». Gazzaniga mostrou-lhe depois uma série de cartões com imagens, perguntando-lhe qual era a que descrevia melhor o que vira. A mão direita, sob o domínio do hemisfério esquerdo, indicou uma pata de galinha, mas ao mesmo tempo a esquerda apontou para uma para limpar a neve e a justificação foi: «a pata de galinha corresponde à galinha e é preciso uma pá para limpar o galinheiro» (Harari, 2020b:327).

O que aconteceu no cérebro de PS? O lado esquerdo, que comanda a fala, não possuía nenhuma informação sobre a imagem da neve, portanto, desconhecia o motivo pelo qual a mão esquerda indicara a pá. Por essa razão, inventou uma história credível. Gazzaniga corroborou, após diversas experiências assim, que a metade esquerda não é apenas a operadora da linguagem, mas também um intérprete que tenta permanentemente que a vida

tenha sentido, servindo-se de pistas parciais de modo a arquitetar histórias plausíveis.

Noutra experiência, mostrou-se uma imagem pornográfica ao hemisfério direito, o não verbal, o que fez a paciente rir-se. Os investigadores perguntaram-lhe o que tinha visto. «Nada, só um clarão», disse o lado esquerdo. A paciente continuou a rir-se, despoletando a pergunta: «então, porque é que se está a rir». Perplexo, o hemisfério da fala procurou perceber a pergunta e dar-lhe uma resposta racional, a qual foi uma das máquinas da sala ser muito engraçada (Harari, 2020b:328).

É como quando a CIA leva a cabo um ataque de drones no Paquistão sem o conhecimento do Departamento de Estado norte-americano. Quando um jornalista questiona os funcionários do Departamento sobre o caso, eles inventam uma história plausível. Na verdade, os assessores de imprensa não fazem ideia da razão pela qual o ataque foi realizado e então limitam-se a inventar uma história. É um mecanismo semelhante ao que todos os seres humanos, e não apenas os pacientes cujos hemisférios cerebrais estão separados, usam. Em várias ocasiões, a minha CIA interior faz coisas sem a aprovação do meu Departamento de Estado e então o meu Departamento de Estado inventa uma história em que eu faça boa figura. É muito frequente que esse Departamento de Estado acabe por acreditar nas completas fantasias que inventou (Harari, 2020b:328-329).

Os economistas comportamentais concordam com estas conclusões, já que tentaram descobrir como é que o público toma decisões económicas ou, com mais exatidão, quem as toma. Quem se decide por um *Toyota* em vez de um *Mercedes*, passar férias em Paris ou ir à Tailândia ou investir em títulos do tesouro da Coreia do Sul em vez de na Bolsa de Xangai (Harari, 2020b:329)? Ou, com uma pergunta mais pertinente para a Edição de Texto, quem escolhe a edição da Guerra e Paz em lugar da da E-Primatur ou vice-versa?

A conclusão da maior parte das experiências é que as escolhas não são exclusivas de um único ser, mas são antes a uma junção de vozes diferentes e muitas vezes contraditórias. Daniel Kahneman, o vencedor do Prémio Nobel de Economia de 2002, pediu a um conjunto de voluntários que participassem numa experiência com três partes. Na parte «breve», punham a mão num

recipiente de água a 14°C durante um minuto, o que é desagradável e roça o doloroso.

Depois de 60 segundos, retiravam a mão e, na parte longa, punham a outra mão noutra recipiente com a água à mesma temperatura, mas após um minuto, sem que os voluntários soubessem, colocavam água quente no recipiente e a temperatura subia para 15°C. Trinta segundos depois, pedia-se-lhes que retirassem a mão. Algumas pessoas começaram pela parte breve enquanto outras começaram pela longa, mas em ambos as situações, após precisamente sete minutos, realizava-se a terceira e mais importante parte, a qual consistia em repetir uma das anteriores à escolha dos voluntários. Cerca de 80% preferiu a mais longa por a considerarem menos incómoda (Harari, 2020b:329-330).

Apesar da simplicidade, esta experiência faz estremecer as vigas da mundivisão liberal, porquanto comprova que dentro de cada humano habitam pelo menos dois seres: o que vivencia e o que conta a história. O primeiro é a consciência a cada momento para a qual é óbvio que a parte longa foi mais desagradável. Começa-se pela água a 14°C durante um minuto, que é tão dolorosa como a parte breve e ainda tem de se aguentar mais trinta segundos a uma temperatura somente um grau mais quente, o que não a torna muito melhor. Para o ser que vivencia, adicionar uma experiência ligeiramente desagradável a uma experiência extremamente desagradável não vale a pena do desconforto.

Contudo, ao mesmo tempo também não se lembra de nada, porque não conta histórias e quase nunca é consultado aquando da tomada de decisões. Recuperar memórias, contar histórias e fazer escolhas é tarefa de uma entidade distinta, o ser narrador, que se assemelha ao intérprete do lado esquerdo do cérebro das experiências de Gazzaniga. Não conta tudo e costuma considerar só os momentos mais intensos e os finais. «Está permanentemente ocupado a tecer histórias sobre o passado e a fazer planos para o futuro. Como todos os jornalistas, poetas e políticos, o narrador segue por muitos atalhos» (Harari, 2020b:330).

O valor médio da experiência é calculado pela média dos momentos mais intensos com os resultados. Ao avaliar a parte curta da experiência, o narrador reflete no momento mais incómodo: a água estava muito fria e conjuga-o com o momento final em que continuava muito fria, concluindo

assim que a água estava bastante fria. Aplica o mesmo método à parte longa: o pior momento foi quando a água estava muito fria e o instante final foi quando estava um pouco mais quente, logo a água estava um pouco mais quente. O narrador ignora de forma categórica a duração, não dando a mínima relevância à duração das duas partes. «Este efeito abrange todas as nossas decisões» (Harari, 2020b:330-331).

O conhecimento do comportamento e dos padrões da mente pode ser bastante útil para o comércio, incluindo o dos livros. Num mundo em que a estética adquiriu uma dimensão tão marcante, trabalhar a materialidade do que se vai pôr na prateleira necessita de ter em consideração as preferências dos consumidores, como as mesmas funcionam e onde se originam. Apetece perguntar: que genes motivarão um leitor a gostar mais de fantasia e outro de terror? Porque é que há quem se cinja à não-ficção e outros só devoram comédias românticas? Se os desejos resultam do ADN, como se os humanos de autómatos orgânicos se tratassem, estará o livro fadado a viver na sombra de formas de entretenimento mais populares, visto que ninguém escolhe gostar ou não de ler?

7. COMO E PORQUÊ LER? SUGESTÕES DOS MESTRES

HAROLD BLOOM SOBRE O POLITICAMENTE CORRETO

We read, frequently if unknowingly, in quest of a mind more original than our own.

Harold Bloom

Considerando que esta dissertação contempla a leitura e a dificuldade de conquistar novos leitores, é pertinente inserir um capítulo com conselhos para ler melhor. Em páginas anteriores, falou-se da importância do prazer e de o leitor sentir o livro como seu, pelo que, nesta seção, aprender-se-á com os maiores mestres a tirar o melhor proveito desta ação, que, por ser milenar, dispõe de um profuso acervo de informação. Entenda-se que o que aqui se apresenta não são requisitos, já que isso contradiria a hegemonia do prazer e da relação individual com a obra, mas são ideias que o leitor pode aproveitar e descobrir que não sabia que as tomava como suas. É claro que o rastreamento do que granjear ou excluir cabe a cada um.

Além disso, desenvolvo algumas reflexões sobre os conselhos em questão, bem como algum material com eles relacionado. Vejamos o que têm Harold Bloom e Virginia Woolf a dizer acerca da arte de ler.

Na obra *How to Read and Why* (2000), Harold Bloom ensina o leitor a ler quatro tipos de textos literários: contos, poemas, peças de teatro e romances, apresentando vários autores de renome, mas antes disso, guia-nos por alguns princípios básicos no início do livro. Antes de mais, é necessário desprendermo-nos o máximo possível das influências e preconceitos do meio circundante e vermos, nos autores que lemos, um potencial de aporte, apesar dos seus próprios preconceitos e formatações.

Bloom critica os alunos universitários pela ausência dessa ligação a autores que não correspondem aos valores do século XXI. Inspira-se em três

autores para descrever o bom processo de leitura: Dr. Samuel Johnson, Francis Bacon e Emerson. O primeiro preocupa-se com a utilidade do que lemos. A que podemos dar-lhe uso? O segundo, que alimentou as ideias de Johnson, diz que não se deve ler para refutar nem para acreditar ou tomar por garantido ou para encontrar um tipo de discurso, mas sim para pesar e ponderar. O terceiro argumenta que os melhores livros impressionam pela convicção com que uma «natureza se expressa e a mesma coisa se entende na leitura» [tradução livre de "the best books impress us with the conviction, that one nature wrote and the same reads"] (*in* Bloom, 2000:21-22).

⁷⁶Let me fuse Bacon, Johnson and Emerson into a formula of how to read: find out what comes near to you that can be put to the use of weighing and considering, and that addresses you as though you share the one nature, free of time's tyranny. Pragmatically that means, first find Shakespeare, and let him find you. If *King Lear* is to find you, then weigh and consider the nature it shares with you; its closeness to yourself. I do not intend this as an idealism, but as pragmatism. Putting the tragedy to use as a complaint against patriarchy is to forsake your own prime interests (...). Shakespeare, more than Sophocles, is the inescapable authority upon intergenerational conflict, and more than anyone else, upon the differences between women and men. Be open to a full reading of *King Lear* and you will understand better the origins of what you judge to be patriarchy (p. 22).

O autor da obra crê que lemos em benefício próprio e para descobrir os nossos interesses mais genuínos, o que está vigente desde Platão. No entanto, a ideia de melhoria pessoal também contamina a interação das ideias adquiridas, com o meio e os outros, devido a um sentido de superioridade moral. Há uma noção

⁷⁶ (Trad. livre) Fundirei Bacon, Johnson e Emerson numa fórmula de como ler: descubra o que lhe parece útil para pesar e ponderar e que lhe chega como se partilhassem a mesma natureza, livre da tirania do tempo. Pragmaticamente isto que significa que primeiro deve encontrar Shakespeare e deixá-lo encontrá-lo a si. Se *Rei Lear* o encontrar, pese e pondere a natureza que partilha consigo; a sua proximidade de si. Não afirmo isto como idealismo, mas como pragmatismo. Usar a tragédia como uma queixa contra o patriarcado é privilegiar os seus próprios principais interesses. (...). Shakespeare, mais que Sófocles, é a autoridade incontornável do conflito intergeracional e, mais do que qualquer pessoa, das diferenças entre mulheres e homens. Abra-se a uma leitura completa de *Rei Lear* e perceberá melhor as origens do que julga ser o patriarcado.

de que melhorar o indivíduo é também evoluir o coletivo, que Mário Quintana demonstra com a máxima «livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas»⁷⁷.

Bloom vai na direção oposta, defendendo que ler é uma atividade egoísta e não social:

You cannot directly improve anyone's life by reading better or more deeply. I remain skeptical of the traditional social hope that care for others may be stimulated by the growth of individual imagination, and I am wary of any arguments whatsoever that connect the pleasures of solitary reading to the public good (Bloom, 2000:22)⁷⁸.

Partilha uma citação de Dr. Johnson: *clear your mind of cant* [livre a sua mente de hipocrisia] (p.23). Neste sentido, será limpar a torrente de lugares-comuns que Bloom considera terem um estatuto religioso no meio académico como se de uma seita se tratasse. Esses dogmas giram à volta da identidade género e da sexualidade, assim como do multiculturalismo, pelo que o conselho do autor se traduz para «livre a sua mente da hipocrisia académica» (Bloom, 2000:23). Aparece o exemplo do foco na roupa interior que as mulheres vitorianas usavam em vez de essa atenção recair sobre o conteúdo de Dickens, revelando uma certa fixação cega e infrutífera em pormenores que não contribuem para uma devida apreciação do trabalho dos escritores.

Este raciocínio de Bloom afeta a minha mundivisão, pois choca com ela e dei por mim, como recomendou através de Bacon, a pesar e a ponderar. Também acho que a leitura tem a vantagem de tornar o leitor mais empático, consciente e, por conseguinte, um melhor cidadão, que, ao dar pequenos passos, acaba por influenciar o mundo que o rodeia. Com efeito, esse era, para mim, uma das metas da leitura, embora, como já referi, a principal seja a fruição.

⁷⁷ C.f.: [Livros não mudam o mundo, quem muda o... Mario Quintana - Pensador](#) (consultado em 16/04/2023)

⁷⁸ Trad. livre: Não se pode melhorar diretamente a vida de ninguém ao ler melhor ou com mais profundidade. Estou céptico quanto à tradicional esperança social de que a dedicação aos outros seja estimulada pelo crescimento da imaginação individual e, estou cansado de quaisquer argumentos que liguem os prazeres da leitura solitária ao benefício público.

Porém, o autor avança um argumento cativante: não é necessário que os universitários receiem que a leitura seja um ato egoísta, já que, ao tornarem-se leitores autênticos, a resposta ao seu trabalho assegurará que são uma luz para os outros. «Do not attempt to improve your neighbor or your neighborhood by what and how you read» [Não tente melhorar o seu vizinho nem o bairro com o que lê e o com o modo como o faz]. Além disso, continua, a melhoria pessoal é uma tarefa árdua o bastante para a mente e o espírito. Não há ética para a leitura. As tentativas prematuras de ativismo consomem tempo que podia investir-se na leitura para a qual nunca há tempo suficiente. «The mind should be kept at home until its primal ignorance has been purged» [A mente deve ficar em casa até a ignorância primordial ser purgada». (Bloom, 2000:24).

É verdade que toda a gente é um produto do seu tempo e que os clássicos incluem passagens intoleráveis aos olhos da sociedade atual. A título de exemplo, Mark Twain faz uma ou outra afirmação machista n'«As Aventuras de Tom Sawyer». Há uma passagem em que Becky Thatcher, a amiga/namorada de Tom (Twain, 1985:145), tem um ataque de nervos, o que o escritor associa ao «sexo fraco». No entanto, convém não esquecer que se trata de um homem do século XIX e, para a sua época, Twain era bastante progressista. Talvez não nas relações de género, mas na questão racial foi fenomenal.

Ele próprio foi racista durante algum tempo e não via nenhuma malícia na escravatura, a qual os seus coetâneos justificavam com a Bíblia. Não percebia que era errada, porquanto lhe foi ensinado que era natural e nunca ninguém lhe dissera o contrário até ter conhecido uma família abolicionista (Twain, 1985: apêndice). N'As *Aventuras de Huckleberry Finn*, usou a palavra «nigger» 219 vezes, de modo irónico, para ridicularizar o quanto as pessoas do seu tempo a diziam (Messent, 2011). Apesar do objetivo mordaz, saiu uma edição politicamente correta da obra, que substituiu «nigger», a palavra mais controversa da língua inglesa, por «slave» (escravo) e «injun» por «Indian» (índio), já que o vocábulo original era também ofensivo.

Como diz Messent no seu artigo do Guardian⁷⁹, compreende-se que esta seja uma obra particularmente complicada de lecionar, considerando que é desagradável, para as crianças negras e os pais, estudar um livro tão ligado à

⁷⁹ Eis o artigo: [Censoring Mark Twain's 'n-words' is unacceptable | Mark Twain | The Guardian](#) (consultado em 04/04/2023)

desumanização dos negros e que a denuncia com tanta cruzeza. Porém, em vez de alterar a obra, porque não ajustá-la? O autor sugere que se ensine em patamares mais elevados como o Secundário ou a faculdade onde a ironia do texto poderia desconstruir-se para mentes menos impressionáveis, mais aptas a processar idiosincrasias e que percebam os danos que o discurso racista causa.

Quando se aborda a leitura, a linguagem importa sempre, já que é o seu componente principal e, tendo em conta que, para cada leitor, a mesma obra é um livro diferente, a relação com as palavras está coberta de subjetividade. Vivemos numa época inédita em que todas as palavras contam e tal gera um atrito inevitável precisamente devido às sensibilidades distintas que toda a gente possui. Em pouquíssimo tempo, alteraram-se imensos paradigmas de identidade ao nível da etnia, do género e da orientação sexual e penso que a humanidade ainda está a aprender o que fazer com toda esta nova informação. Ainda tem a casa desarrumada e está a planear a decoração.

Não obstante, como disse Twain: «the difference between the almost right word and the right word is a really large matter» [a diferença entre a palavra quase certa e a palavra certa é muito importante]. O politicamente correto excessivo retira força a palavras que, por serem incorretas num determinado contexto, são deveras eficientes. Querer almofadar tudo o que é passível de ferir suscetibilidades deteriora o bem que essa proteção está supostamente a promover.

Ricardo Araújo Pereira fala deste assunto de quando em vez. No primeiro episódio do *podcast Prōfectus*⁸⁰ (2020), referiu que alterar a linguagem tão amiúde não resolve nada, pois o grupo associado a um determinado termo continua a sofrer dos mesmos problemas. Enquanto os flagelos em si não se solucionarem, não importa a palavra que se utilize para designar essas pessoas, pois o mal com que se debatem contaminá-la-á. Para corrigir os estragos de «negro», passou-se a dizer «person of color». A seguir, surgiu «African American» e agora é «black». Todavia, daqui a umas décadas, é provável que apareça outro termo, dado que o problema efetivo, o racismo institucionalizado, ainda persiste. O termo «Indian» já está instável. Segundo o *site* do National Museum of the American Indian, há mais do que uma definição aceitável para os nativos da América: «Indian», «American Indian», «Native» ou «Native American». De maneira a saber qual empregar, deve-se

⁸⁰ C.f.: [Prōfectus #01 - Ricardo Araújo Pereira - YouTube](#) (consultado em 17/04/2023).

perguntar à pessoa ou ao grupo com quem se interage⁸¹. Se os ameríndios vivessem em melhores condições, seria a mudança tão rápida?

Além disso, estas hipercorreções esborratam a História. É ao averiguar a genuinidade dos costumes de outrora que se aprende o que não repetir. Este método de limpeza adquire sinistros contornos orwellianos, dado que em *1984* (1949), o Partido reescreve todos os textos, desde as placas com os nomes das ruas até aos documentos oficiais, para manter a sua versão da realidade sempre única e ubíqua. O seu relato da História sempre foi e será aquele, afirma, mesmo que no dia seguinte diga algo incoerente com a versão vigente e desencadeie uma nova reescrita do conhecimento. No caso do politicamente correto exagerado, conquanto não censure ao ponto de negar a existência de factos históricos, impede o acesso ao conteúdo como ele é e, os filtros do século XXI, fornecem uma perceção deturpada das realidades anteriores. Será que se Orwell fosse vivo, escreveria uma distopia em que o politicamente correto se tivesse expandido de tal forma, que negaria acontecimentos atrozes, como a escravatura e as guerras, para não perturbar uma população frágil que acreditasse numa ilusão utópica da História?

Fazer o melhor que se pode para respeitar toda a gente é um dever cívico, mas isso diverge de evitar ofender, que não é 100% exequível. Não existe uma fórmula universal. Qualquer dito e ação agrada a umas pessoas e ofenderá outras. Ao alterar as palavras e as atitudes, só se consegue que um conjunto de pessoas diferente goste da nova postura e que outro se ofenda com ela. A passagem do tempo também afeta a ótica do público em relação a determinada obra, porque à medida que as gerações vão e vêm, novos pontos de vista nascem e exercem a sua influência. Com isto em mente, se se atualizar sempre uma criação antiga, esta desfigura-se. Por exemplo, se as gerações recentes encontrarem mais aspetos d'*As Aventuras de Huckleberry Finn* (1884) que julguem insensatos e os modificarem, o livro ficará, pouco a pouco, cada vez mais distante do que Twain produziu e, por conseguinte, a transformação torna-se ainda mais orwelliana.

As adaptações são inevitáveis, pois em certos casos, o texto é tão antigo, que origina uma barreira linguística. Noutros casos, há inteligibilidade suficiente; porém, há diferenças ortográficas, de pontuação, de uso do itálico,

⁸¹ C.f.: [The Impact of Words and Tips for Using Appropriate Terminology | Helpful Handout Educator Resource](#) (consultado em 17/04/2023).

etc e é necessário aproximá-lo dos padrões modernos. Este processo chama-se «fixação do texto» (Neves, 2022)⁸². Embora a tradução intralinguística e a fixação do texto sejam atualizações, não são o mesmo que se fez à obra de Twain. A edição amenizada adaptou a linguagem, sim, mas fê-lo com um intuito ideológico. Na primeira situação, almeja-se uma modificação que aproxime o leitor atual do original enquanto, na segunda, o propósito é afastá-lo dele. Ainda que as intenções sejam boas, esta iniciativa projeta os estudantes na direção de um dos lemas do Grande Irmão: «ignorância é força».

O livro de Twain não é o único alvo destas hipercorreções. Baniu-se *Maus*, um livro de 1986 sobre o Holocausto, que nos anos 90 começou a ser usado em sala de aula. Nele os judeus são representados por ratos ao passo que os nazis são gatos, contando a história do pai do autor Art Spiegelman, que esteve preso em Auschwitz. Foi o primeiro romance gráfico a ganhar um Pulitzer; no entanto, apesar da sua importância educativa, foi censurado por conter palavras impróprias como «bitch» e «goddamn» e a imagem de uma mulher parcialmente nua. A censura teve lugar no programa literário do oitavo ano de uma escola do Tennessee (Chute, 2022).

Na reunião em que se discutiu o banimento, um dos seus apoiantes frisou uma cena em que Vladek Spiegelman, o pai do autor, vê quatro judeus enforcados, na cidade polaca de Sosnowiec, em 1942. Executaram-nos por terem comercializado no mercado negro. Como educadores, o censor acha que os professores não devem promover esse teor, visto que mostra pessoas enforcadas e assassinos. «Porque é que o sistema educativo promove isto⁸³? Não é sensato nem saudável» (PBS, 2022). De facto, são imagens violentas para mentes impressionáveis, mas porquê banir o conteúdo em vez de o ajustar às pessoas com capacidade de o assimilar? A pessoa que fez tal intervenção não percebeu que a descrição da atrocidade não era um incentivo à repetição desta, mas sim uma estratégia para a repelir. Art Spiegelman disse num evento, após a banição, que os censores «querem um Holocausto mais bondoso e gentil que consigam aguentar». Contudo, isso não existe. Não é História.

⁸² C.f.: [Como escrevia Camões? - by Marco Neves - Certas Palavras \(substack.com\)](#) (17/04/2023).

⁸³ C.f.: [Holocaust novel 'Maus' banned in Tennessee school district | PBS NewsHour](#) (consultado em 17/04/2023).

⁸⁴What *Maus* does offer are pages, like the one depicting hanging Jews in Sosnowiec, that engage spectacle—that ask readers to confront a shred of the horror that Vladek Spiegelman experienced. It invites us to witness—in the anthropologist Michael Taussig’s sense of witnessing as pausing that moment when shocking things pass “from horror to banality.” Even as it resists the politics that drive them, *Maus* asks readers to encounter violent realities and their role in our present. In 2022, facing those realities — and in some cases, teaching them—is a condition for recognizing their ever-present possibility (Chute, 2022)⁸⁵.

Outros exemplos do policiamento do politicamente correto incluem a literatura infantojuvenil. Nos livros de Roald Dahl, um escritor britânico que presenteou o mundo editorial com clássicos como *James e o Pêssego Gigante* (1961), *Charlie e a Fábrica de Chocolate* (1964) ou *Matilda* (1988). A editora Puffin e a Roald Dahl Story Company fizeram, em colaboração com o grupo «Inclusive Minds», uma reedição que trata de adjetivos como «gordo» e «feio». Augustus Gloop, o garoto gordinho de *Charlie e a Fábrica de Chocolate*, é agora «enorme» e, os Oompa Loompas, os ajudantes de Willy Wonka, deixaram de ser «homenzinhos» para se tornarem «pessoas pequenas». Matilda substituiu Rudyard Kipling por Jane Austen e, em *The Witches* (1983), onde as bruxas são calvas debaixo da peruca, consta uma frase que Dahl nunca escreveu: «existem muitas outras razões pelas quais as mulheres podem usar perucas e não há nada de errado com isso» (Sapo, 2023)⁸⁶.

Já se cobriu aqui uma substituição de palavras e um banimento, mas este caso entra na invasão da propriedade intelectual. Os auxiliares do texto — editores, tradutores e revisores — também são criadores, mas não no mesmo plano que o autor. Estas intervenções podem adulterar o sentido da obra. «Enorme» não é necessariamente um sinónimo de «gordo». Há várias maneiras de ser enorme e nem todas as pessoas gordas o são. Alguém muito alto,

⁸⁴ [Why Maus Was Banned, and Why It Matters Today - The Atlantic](#) (consultado em 17/04/2023).

⁸⁵ Trad. livre: O que *Maus* faz é oferecer páginas como a que ilustra o enforcamento de judeus em Sosnowiec, que levam à observação — que pede aos leitores que confrontem um pouco do horror que Vladek Spiegelman experienciou. Convida-nos a testemunhar — na forma de testemunhar do antropólogo Michael Taussig, uma pausa daquele momento quando coisas chocantes passam «do horror à banalidade». Enquanto resiste às políticas que as impulsionam, *Maus* pede aos leitores para se depararem com realidades violentas e com o seu papel no nosso presente. Em 2022, lidar com essas realidades — e, nalguns casos, ensiná-las — é uma condição para reconhecer a sua permanente possibilidade.

⁸⁶ C.f.: [Livros de Roald Dahl sofrem alterações para remover linguagem "ofensiva" \(sapo.pt\)](#) (consultado a 17/04/2023).

espadaúdo e musculado pode ser enorme, mas não ter nada de gordo. Dentro do conceito de «gordo» há todo um espectro, pelo que ter quilos extra é demasiado vago para se classificar de imediato como «enorme». Modificar o escritor que Matilda acompanha também não traz nada de construtivo. Suponho que se relacione com a emancipação feminina, mas se Dahl escolheu destacar Kipling, foi porque viu nisso um aporte que Austen porventura não fornecerá.

Não se deve alterar opções do autor e adicionar conteúdo sem mais nem menos, pois é uma tremenda irresponsabilidade e desonestidade profissional. Com que cara é que estes editores cativarão autores a assinar contratos com a sua empresa depois de um projeto assim? Onde está a confiança assegurada? Reforçando um argumento já usado, não é por se substituir a definição «gordo» que a vida das pessoas por ela abrangidas vai melhorar. Só fará diferença quando se resolverem os problemas que, de facto, as afligem.

As modificações na linguagem textual são especialmente delicadas, porquanto a palavra escrita requer uma sensibilidade subtil para se criar qualquer efeito. À mais ligeira perturbação, pode-se perder algo importantíssimo, o que é o maior desafio dos tradutores, por exemplo, considerando que a tradução é sempre uma aproximação.

«Do ponto de vista teórico, é impossível traduzir. Nem existem sinónimos absolutos na própria língua, e a palavra “árvore” não quer dizer “tree”, dado que o canadiano imagina algo ligeiramente diferente ao ouvir a palavra «tree» do que imagina o alentejano ao ouvir “árvore”» (Prescott, 2017).

Para se fazer humor ao vivo, recorre-se ao discurso, mas também a mudanças na entoação e nas expressões faciais. Além disso, também se pode usar humor físico ou recorrer a adereços. No entanto, num livro, só há palavras sem som, aparência ou complementos. Vem tudo do virtuosismo linguístico do autor e de alguma compreensão abstrata por parte do leitor. Sem entoações diferentes nem linguagem corporal, é mais difícil servir-se da ironia. Se a mesma se confunde com ofensa, o que sucederá à comédia por escrito? Sem elementos pictóricos, como se fazem descrições quando se rejeitam as palavras mais adequadas? Se tudo tiver de ser leve, daqui a um tempo cancelar-se-ão géneros inteiros como as distopias, o terror e o horror? Como é que se comove, alerta, choca e faz rir com um estilo de escrita tão apático? Os realizadores têm

as câmaras, os cenários e os atores e os músicos dispõem de instrumentos musicais e de moduladores de voz. Os escritores só possuem as palavras e já é suficientemente difícil escrever como profissão com tão poucos leitores. Com tantas provações, esta é uma pedra que lhes parte as pernas de vez. Isto não é ativismo, é paranoia.

«Quando as pessoas não controlam as suas emoções, têm de começar a tentar controlar o comportamento dos outros». Afirmou o ator John Cleese no canal do YouTube Big Think (2016)⁸⁷, ao citar o psiquiatra e amigo Robin Skynner.

Bloom sublinha a indispensabilidade da ironia na literatura ao ponto de que, sem ela, morre. No entanto, para seu desagrado, não pode ensinar a ironia a alguém na mesma medida em que não pode ensinar-lhe a solidão. É um aspeto que sustenta ideias antiéticas mesmo quando chocam umas com as outras e que requer uma grande capacidade de atenção. Sem o constituinte irónico, perde-se toda a disciplina e surpresa. «Find now what comes near to you, that can be used for weighing and considering, and it very likely will be irony, even if many of your teachers will not know what it is, or where it is to be found. Irony will clear your mind of the cant of the ideologues (...)» (p. 27)⁸⁸.

Para o autor, a maneira como se lê depende da distância, interior ou exterior, que o leitor mantém das universidades onde a leitura raramente se ensina como um prazer em sentido algum. Encarar uma obra desafiante como *Rei Lear* (1606) nunca é um prazer fácil, não importa a idade, mas não o ler é uma privação cognitiva e estética. Bloom (2000:23) usa o termo «defrauded» (burlado) como se alguém se enganasse a si mesmo com essa falta. Isto vai ao encontro do que se discutiu no segundo capítulo sobre a leitura ser um divertimento desconfortável. São necessários disciplina e treino também de acordo com Bloom.

Uma infância que consiste sobretudo em ver televisão resulta numa adolescência dedicada ao computador, o que faz com que as universidades acolham um jovem pouco recetivo ao esforço da leitura. Para fortalecer este argumento, Bloom usa uma frase de *Rei Lear*: «we must endure our going

⁸⁷ C.f.: [John Cleese: Political Correctness Can Lead to an Orwellian Nightmare | Big Think - YouTube](#) (consultado em 03/04/2023).

⁸⁸ Trad. livre: Descubra o que lhe parece útil e que pode ser usado para pesar e ponderar e, o mais certo é que seja ironia, mesmo que muitos dos seus professores não saibam o que é ou onde a encontrar. A ironia libertará a sua mente da hipocrisia dos ideólogos.

hence even as our going hither: ripeness is all⁸⁹» Neste segmento figuram Gloucester e Edgar e o primeiro diz — numa missão para salvar Lear e Cordelia da prisão — que não consegue continuar e que aquele é um bom sítio para morrer, ao que o segundo responde que não é possível escolher o momento da morte tal como não se escolhe o do nascimento. Morre-se quando tiver de ser.

Interpreto o emprego do excerto como uma metáfora para a falta de resistência ao encarar um livro. Uma pessoa que leia pouco ou nada terá mais dificuldade em concentrar-se do que alguém que lê, portanto, à semelhança de Gloucester, desiste e fica pelo caminho.

VIRGINIA WOOLF

Woolf escreveu em *The Second Common Reader* um pequeno ensaio chamado *How Should One Read a Book?* (1925) onde, como Bloom faz no seu livro, descreve e faz recomendações acerca de alguns tipos de leitura. Porém, esta escritora diverge do autor anterior na medida em que não trata apenas de literatura, mas também de biografias e livros de memórias. No que aos modelos literários concerne, centra-se nos romances, poemas e às vezes também refere *Rei Lear*.

Woolf começa por dizer que não há regras definidas para ler, tal como se mencionou na introdução e se vê no trabalho de Bloom. Com efeito, logo no princípio do texto, enfatiza o ponto de interrogação do título com o motivo de que a única recomendação que alguém pode fazer é a de não aceitar recomendações. Mesmo que soubesse responder à pergunta de como se lê um livro, a resposta que encontrasse só se aplicaria à própria autora.

É uma questão de liberdade. Porém, adverte que até a liberdade necessita de algum controlo para se retirar dela os melhores frutos. «We must not squander our powers, helplessly and ignorantly, squirting half the house in order to water a single rose-bush; we must train them, exactly and powerfully, here on the very spot⁹⁰». Em seguida, passa a descrever o dilema de qualquer novo leitor: por que livro começar? A biblioteca alberga uma quantidade e pluralidade ubérrimas. Contíguos, veem-se livros de múltiplos géneros, experiências, identidades, temperamentos, etc. Deparar-se com o certo é um

⁸⁹ Trad. livre: Devemos aguentar a nossa viagem enquanto para lá caminhamos: a maturidade é tudo.

⁹⁰ Trad. livre: Não devemos desperdiçar os nossos poderes sem orientação e com ignorância, molhando metade da casa para regar somente uma roseira; devemos treiná-los exata e poderosamente, acertando na *mouche*.

empreendimento árduo, pois cada tipo de livro dá contributos diferentes. Assim o mais pertinente é perguntar à obra o que nos oferece, embora, como marca Woolf, poucas pessoas o façam. É comum que os leitores peguem numa nova leitura com ideias pré-concebidas: esperam que a ficção seja verdadeira, a poesia falsa, a biografia lisonjeira e que a história reforce os preconceitos (Woolf, 2016).

If we could banish all such preconceptions when we read, that would be an admirable beginning. Do not dictate to your author; try to become him. Be his fellow-worker and accomplice. If you hang back, and reserve and criticise at first, you are preventing yourself from getting the fullest possible value from what you read. But if you open your mind as widely as possible, then signs and hints of almost imperceptible fineness, from the twist and turn of the first sentences, will bring you into the presence of a human being unlike any other. Steep yourself in this, acquaint yourself with this, and soon you will find that your author is giving you, or attempting to give you, something far more definite⁹¹. (Woolf, 2016)

A autora reflete na dificuldade de verter os pensamentos e as experiências para a página em branco, por isso, sugere que a melhor maneira de compreender a tarefa de um romancista nem sequer é ler, mas sim escrever. Há imenso que apreender. Ao recordar um momento fascinante, vêm à memória as conversas, os ruídos de fundo, alguma da vida ao redor — a azáfama dos transeuntes ou, num restaurante, o tilintar dos talheres e dos pratos — ideias e emoções das vicissitudes da própria vida. Ao transferir esta informação para o papel, há pormenores que se sobressaem e outros que encolhem. No processo, talvez se perca o manuseamento das emoções. Não obstante, ao pegar em autores de grande mestria como Defoe, Jane Austen ou Thomas Hardy, é possível contemplar o modo como entrelaçam todas as dimensões da narrativa e consideram o que priorizar e como o expressar.

⁹¹ Trad. livre: Se conseguíssemos banir todos os preconceitos quando lemos, isso seria um admirável começo. Não dite ao seu autor; tente tornar-se nele. Trabalhe em conjunto com ele e seja o seu cúmplice. Se hesita e se reservar e criticar primeiro, está a impedir-se de obter o máximo valor possível do que lê. Mas se abrir a mente o mais que puder, então, sinais e dicas de uma qualidade quase impercetível, das voltas e reviravoltas das primeiras frases, trá-lo-ão à presença de um ser humano como nenhum outro. Imerja nisto, familiarize-se com isto e cedo descobrirá o que o autor está a dar-lhe, ou a tentar dar-lhe, algo bem mais definido.

Não estamos somente perante pessoas distintas, mas também mundos distintos. A título de exemplo, em *Robinson Crusoe*, estamos numa autoestrada em que os acontecimentos do enredo aparecem uns após os outros e esta ordem é suficiente. Já Austen aposta numa estratégia menos retilínea, pois para ela o conteúdo mais suculento encontra-se nas salas de convívio com as personagens a interagir. Hardy, por sua vez, compõe um ambiente ao ar livre com vegetação húmida e o céu estrelado. Em lugar do ritmo vívido das personagens de Austen, aqui conhece-se uma solidão melancólica. As relações já não são interpessoais, mas sim com a natureza e o destino. Apesar de tão diferentes, todos estes mundos são congruentes em si. O seu criador tem um cuidado meticuloso com os padrões que desenha e, apesar de às vezes ser hermético, nunca confunde o leitor como os escritores de pior qualidade, os quais misturam tipos diferentes de realidade no mesmo livro. Com todas estas alterações bruscas, além de uma perceção apurada, é necessária uma imaginação fértil (Woolf, 2016).

Woolf explora ao detalhe as relíquias de cada tipo de livro, mas por causa do limite de espaço, deixa um resumo por tópicos.

1) Biografias: são um mapa da vida da figura retratada. Através delas, aprende-se o contexto histórico e as minúcias do dia a dia daquela pessoa, sentindo a sua vida como se fosse a própria. É uma excelente ocasião para aprofundar também o carácter e a vida de outras figuras fascinantes. Ao aproximarmo-nos tanto de um escritor, por exemplo, através da biografia, o seu trabalho adquire um novo relevo graças ao enriquecimento do contexto. Por sugestão da autora, pode-se pegar num texto do autor e averiguar quanto a leitura pós-biográfica influencia a interpretação deste. Será melhor ainda se se tiver lido o mesmo conteúdo antes da biografia para se comparar as duas experiências.

«This, then, is one of the ways in which we can read these lives and letters; we can make them light up the many windows of the past; we can watch the famous dead in their familiar habits and fancy sometimes that we are very close and can surprise their secrets (...)»⁹².

Após ver a totalidade da humanidade do artista, não apenas com o talento prodigioso que atrai sempre alguma reverência, mas também com as

⁹² Trad. Livre: Isto, então, é uma das formas em que podemos ler estas vidas e cartas; podemos fazê-las iluminar as muitas janelas do passado; podemos observar os mortos famosos com os seus hábitos familiares e às vezes pensar que estamos muito próximos e que podemos entender os seus segredos (...).

suas falhas, por vezes vis, será possível separar o trabalho da pessoa? É um obstáculo que para alguns leitores é intransponível.

2) Pequenos pormenores: a autora crê que há um ótimo potencial literário nos detalhes que, à primeira vista, são insignificantes. Há uma certa leveza na aparente irrelevância das minúcias, as quais provêm uma abundante contribuição sensorial e um cenário mais natural e familiar. A autora refere potros a galopar no campo, uma mulher que enche um balde no poço e um burro a urrar. As bibliotecas estão pejudadas de literatura que acumulou amontoados de informações destas. Também estes momentos passageiros são memórias de vidas e de mundos, que geralmente não se aproveitam, ganhando pó ou bolor.

3) Woolf também comenta a poesia, que descreve como um processo extremamente imersivo. No primeiro impacto, só o poema existe no âmbito do leitor, sensação com a qual me identifico. É uma intensidade que distorce a realidade e a reconstrói e, por momentos, leva o leitor para uma dimensão estranha. Os pequenos detalhes do mundo palpável desaparecem e esquece-se azáfama dos transeuntes, o urrar do burro e os hábitos quotidianos dos heróis das biografias. A seguir, começam as conexões com a experiência individual por meio de vários tipos de poemas.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação, o foco foi, de um modo heterogéneo, apresentar várias perspetivas sobre a história e a prática da leitura, assim como tentar enquadrá-la no presente e respetivo contexto sociocultural. Passei por um quadro geral em que se combinaram vários temas, que mais adiante explorei em capítulos separados e com maior pormenorização.

Em *Breve História da Leitura e da Escrita*, retratei como algumas ocorrências históricas, tecnológicas e sociais moldaram o ato de ler e escrever desde os primórdios da escrita na Mesopotâmia à Revolução Industrial. Quanto ao século XIX, graças aos textos didáticos do Professor Rogério Casanova, foi possível detalhar com mais extensão as inovações tecnológicas vitorianas. Comparei o Reino Unido com Portugal, assim como os respetivos escritores. Tratei um pouco da taxa de analfabetismo, mostrando que Portugal estava atrasado face aos pares europeus. Além da perspetiva histórica, enveredei por uma questão filosófica baseada no trabalho de Judith Butler, que escrevia sobre identidade de género e dizia: «o género é performático». Para esta dissertação, convém perguntar: ler é um ato performático? E não o fazer? Ainda terão os intelectuais o mesmo prestígio? Em que reside agora o estatuto e a fama?

No próximo capítulo, Em *Poder, Estatuto e Diversidade*, falei dos Prémios Nobel como demonstração de um cânone político-cultural, já que há uma repetição notória das nacionalidades e línguas que os vencem.

Em seguida, discuti o que distingue os livros cultos dos comerciais ou se é sequer possível identificar uma distinção. Fiz menção às aulas de Teoria de Edição, relatei uma visita de campo à papelaria Note de Alhos Vedros onde foram recolhidos alguns exemplos de livros para abordar e usar na comparação entre leitura culta e comercial. Destaquei aspetos como o estilo de escrita das sinopses, a seleção de elementos a pôr nas capas, assim como a sua organização e as cores; as estratégias de apelo, que agora assentam bem mais na dimensão visual. Por exemplo, mesmo em histórias de crime, que ultimamente têm sido

um género bastante comercial, há métodos distintos para se publicitar determinados autores. Referi diferenças entre os métodos de promoção de Nita Prose e de Agatha Christie.

Falei da entrevista do *Diário de Notícias* a Francisco Vale, o editor da Relógio D'Água que nunca editaria grandes sucessos comerciais como José Rodrigues dos Santos e Margarida Rebelo Pinto. A partir daqui, apresentei argumentos para justificar igualdade de valor entre os livros comerciais e cultos. Fiz uma série de perguntas que visaram sublinhar que a definição de «livro culto» é tudo menos linear e referi o problema da monocultura que os livros comerciais estão a gerar: o sexo, o crime e a banalização do Holocausto são os temas mais vendáveis. Parti para uma sucinta abordagem da materialidade enquanto meio de cativar mais leitores, recorrendo a exemplos concretos retirados de uma fonte externa. Tratei de aspetos que são aprofundados, num capítulo à parte, como as componentes e o impacto das capas.

Mais abaixo, falei da hegemonia de um determinado tipo de autor, o homem branco heterossexual e da emergência de vozes com outras experiências, portanto, prossegui com exemplos de entregas de prémios e de editoras com focos específicos em mulheres ou autores negros. Este assunto conduz a um mergulho no estado da tradução em Portugal, que replica a hegemonia político-económica, pois há uma abundância de tradutores das línguas dominantes e uma carência dos que sabem idiomas com pouca influência.

Depois começou outro capítulo, *Posição Sociocultural da Leitura*, o qual contrasta a apreciação dos livros em Portugal, no Brasil e na Islândia, sendo que nos países lusófonos se lê muito pouco e, na Islândia, a leitura faz parte da identidade nacional. Nomeei o preço médio de livros em Portugal e no Brasil para constatar o quanto o custo de vida afeta o consumo desses produtos. Em seguida, explorei o problema do encarecimento da produção livreira que, devido à guerra na Ucrânia, poderia prejudicar a compra de livros no Natal, altura em que o mercado livreiro recebe metade da receita anual. Cobri algumas sugestões de medidas para resolver a situação e passo a uma exploração histórica da tradição livreira da Islândia. Houve um pequeno desenvolvimento sobre como a cultura e a zona de conforto condicionam os hábitos de leitura, o

que levou à exploração de posturas relativas aos livros e que foram exemplificadas numa notícia da SIC sobre o Dia Mundial do Livro de 2021.

Veio uma reflexão sobre a ineficiência de pressionar alguém para ler, posto que isso gera manobras evasivas, por parte dos não-leitores, como dizer «gostava de ler mais, mas não tenho tempo». Igualmente improdutivo é a pressão acerca do género ou do número de livros que a pessoa lê, mas pode-se sempre apostar na recomendação de uma obra leve para o novo leitor.

Seguiu-se uma contextualização histórica do surgimento do humanismo para explicar a sacralização da vontade, do espaço e do prazer individuais, pois é necessário apelar à leitura dessa perspectiva. Falo do contraste entre o tratamento dos jovens modernos e os da Idade Média e depois da idealização da arte conforme a religião dominante, referindo a inovação de Michel Duchamp. Nesta parte, fiz imenso uso dos livros de Yuval Noah Harari.

Para incentivar o leitor a sentir o objeto como seu, descrevi o que a *youtuber* Ter fez quando estava a ler *Moby Dick* como usar marcadores, saltar capítulos, procurar imagens, etc. Em seguida, tratei da importância e da dificuldade da força de vontade quando vêm a falta de concentração e o cansaço da vida, que empurram os consumidores para o entretenimento que menos requer esforço mental como ver vídeos na internet ou matar saudades dos entes queridos. Parti para uma exemplificação da dificuldade de concentração quando se tenta ler depois de muito tempo sem o fazer, descrevendo um cenário hipotético e referindo também a relação dos hábitos com a estrutura do cérebro. Com cérebros mais desfocados durante mais tempo, ler é um desafio.

Como comparação, falei dos costumes das pessoas e personagens de épocas anteriores com menções a Anne Frank e Tom Sawyer. Apontei também a cultura do comodismo, em parte derivado do desenvolvimento tecnológico, enquanto causa da ausência de leitura. De modo a acentuar o contraste, falei um pouco da minha geração cuja ideia de entretenimento já é bastante diferente. Além disso, as gerações estão mais afastadas em intervalos cada vez mais curtos. Por último, frisei a necessidade de trabalhar a leitura com os mais novos.

Em *A Alfabetização em Portugal e em Espanha: Abordagem Comparativa*, utilizei a contextualização histórica, sobretudo direcionada para a educação, para entender de que modo a instrução ditatorial afetou a relação

dos portugueses e dos espanhóis com a literacia e a leitura. Será que o salazarismo e o franquismo surtiram efeitos semelhantes ou distintos? Até que ponto? Este capítulo divide-se em três subcapítulos: *Portugal*, *Espanha* e *Comparação* para oferecer a devida atenção a cada país e a uma comparação à parte.

A Cultura como Religião Hipotética é o mais curto dos capítulos e no qual explorei mormente, com detalhe, o conceito de religião de acordo com a designação de Yuval Noah Harari, que é mais abrangente do que a convencional. Expus também o que é a *Dark Academia*, a subcultura baseada na intelectualidade e na estética *vintage*. Juntando estes elementos, propus que para a cultura ter um efeito transformador, necessitaria de parar de ser um nicho de alguns aficionados e passar a reescrever a interpretação das leis sobre-humanas. Aquilo que se verifica é que costuma seguir os padrões da religião dominante, que neste caso é o humanismo. Além disso, discuti a possibilidade de o dataísmo vir a substituir o humanismo como religião de topo.

A Materialidade esmiuçou outro componente importantíssimo do livro e do texto no geral, que são os componentes visuais e táteis, os quais alteram a interpretação do conteúdo. Comecei por abordar o caso da fonte *Comic Sans*, que gera polémica devido às pessoas que a utilizam em contextos sérios. Explorei o impacto das subtilidades como a escolha do tipo de letra, dando o exemplo de um trabalho que fiz para Informática para a Edição. Para a materialidade sonora, mostrei um conto de Lydia Davis e, para a do conceito, um de Luis Borges. Em seguida, pormenorizei a estética exterior, referindo uma coleção de Oscar Wilde e um livro da coleção *Arrepios* e fiz uma comparação entre duas edições de *Mein Kampf*. Depois veio uma reflexão de como a materialidade beneficia os escritores na qual falei um pouco da minha experiência.

Numa subsecção, o grosso da informação adveio do livro de Yuval Noah Harari *Homo Deus — Breve História do Amanhã* e demonstrei que a mente humana está cheia de enganos. Questionei também a existência do livre-arbítrio, pondo a hipótese de os humanos serem apenas a combinação de algoritmos bioquímicos.

Por último, passei para *Como e Porquê Ler? Sugestões dos Mestres* onde se desenvolve os argumentos de Harold Bloom sobre a relevância de ler

para benefício próprio, como um ato egoísta mesmo, e a de evitar aderir a tendências ideológicas. Seguiu-se uma reflexão sobre um assunto bastante atual, que é a reedição ou a proibição de determinadas obras, especialmente infantis, em prol do politicamente correto. Mencionei o exemplo d'*As Aventuras de Huckleberry Finn*, de *Maus* e das obras de Roald Dahl. Frisei que esta reescrita tem contornos orwellianos e escrevi sobre a limitação criativa que esta limitação provoca à literatura: a arte que depende quase inteiramente da linguagem.

A seguir, veio a secção sobre o ensaio de Virginia Woolf chamado *How Should One Read a Book?*, que se dedica a dar conselhos ao leitor acerca de como ler diferentes géneros e analisar as técnicas de escritores cotados.

Apesar de heterogénea, há imensos temas e nuances que esta dissertação não comporta devido aos limites de espaço. A título de exemplo, falei brevemente da mudança estrutural que os cérebros dos cidadãos atuais estão a atravessar, portanto, seria interessante tratar do que a neurociência tem a dizer sobre a relação entre o cérebro e a linguagem. Os aspetos da materialidade digital são fascinantes e mereciam uma atenção mais prolongada. No entanto, o objetivo desta dissertação é oferecer uma visão abrangente, embora nem sempre seja profunda.

BIBLIOGRAFIA

1. Breve História da Leitura e da Escrita

- 1) Casanova, Rogério (2020) *Os Vitorianos*. Lisboa: n.p (texto cedido pelo professor para a cadeira de História do Romance)
- 2) Grandage, M., Um Editor de Génios, (2016)
- 3) Harari, Y.N. (2020) *Sapiens - História Breve da Humanidade*. 24ª edição. Amadora: Elsinore.
- 4) Lieb, J. (2009) *A Successful TV Writer On Why Not To Write For TV*, YouTube. Big Think. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kiAv9Ztd5TE> (consultado em 28/04/2023).
- 5) Martins, L.A. (2020) “Tocavam Piano e Falavam Francês,” in *Eça de Queiroz - O Génio da Escrita*, pp. 10–11. Lisboa: Visão
- 6) Pink, N. e Biller, K., Genius, (2017-2018)
- 7) Reis, J. (1987) *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913*. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486204E9wNP8ed3Ez05AO7.pdf> (consultado em 25/04/2023).
- 8) RTP (2011) *Ler+ ler melhor - O Primo Basílio de Eça de Queirós*, RTP Ensina. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-primo-basilio-de-eca-de-queiros/> (consultado em 28/04/2023).
- 9) Silva, F.R. (s.d.) *História da Alfabetização em Portugal: Fontes, Métodos, Resultados*. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15174.pdf> (consultado em 25/04/2023).
- 10) Solé, J. (2021) *O Périplo de Ulisses*. 1ª edição. Atlântico Press (Mitologia Clássica).
- 11) Souza, W. (s.d.) *Trovadorismo, Português*. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/trovadorismo.html> (consultado em 25/04/2023).
- 12) Thorn, A. (2016) *What is Gender? | Philosophy Tube*, YouTube. PhilosophyTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=seUVb7gbrTY> (consultado em 25/04/2023).

13) Williams, W. (2021) *The Video Essays That Spawned an Entire YouTube Genre*, Polygon. Disponível em: <https://www.polygon.com/22417320/best-video-essays-youtube-history> (consultado em 28/04/2023).

2. Poder, Estatuto e Diversidade

1) Autor desconhecido (2018) *Germano Almeida é o vencedor da 30ª. edição do Prémio Camões*, DGLab. Disponível em: <https://dglab.gov.pt/%E2%80%8Bgermano-almeida-vencedor-30a-edicao-premio-camoes/> (consultado em 23/04/2023).

2) Autor desconhecido (2021) *Paulina Chiziane vence Prémio Camões, Instituto Camões*. Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/sobre/comunicacao/noticias/paulina-chiziane-vence-premio-camoes> (consultado em 23/04/2023).

3) Autor desconhecido (s.d.) *Wikipedia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Laureados_com_o_Nobel_de_Literatura (consultado em 10/04/2023).

4) *A Febre Ferrante* (2017) RTP. Itália: Malia, Rai Cinema, Mibact. Sky, Arte, QMI. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p40319> (consultado em 23/04/2023).

5) Bouchardon, S. (2008) *The aesthetics of materiality in electronic literature*, Research Gate. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237672621_Bouchardon_S_2008_The_aesthetics_of_materiality_in_electronic_literature_congres_Electronic_Literature_in_Europe_11-13_septembre_2008_Universite_de_Bergen_Norvege (consultado em 27/04/2023).

6) Branco, C.C. (2019) *Contos e Novelas - Toda a Ficção Curta de Camilo Castelo Branco*, E-Primatur. Editado por H.P. dos Santos. E-Primatur. Disponível em: <https://e-primatur.com/projectos/contos-e-novelas-toda-a-ficcao-curta-vol-i-camilo-castelo-branco> (consultado em 23/04/2023).

7) Carriger, G. (2009) *Soulless (The Parasol Protectorate, 1)*, Amazon. Orbit. Disponível em: <https://www.amazon.com/Soulless-Parasol-Protectorate-Gail-Carriger/dp/0316056634> (consultado em 23/04/2023).

- 8) Christie, A. (2021) *A Festa das Bruxas*. 2ª edição. Alfragide: Leya.
- 9) Cipriano, R. and Correia, G. (2022) *Francesa Annie Ernaux vence Prémio Nobel da Literatura 2022*, *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt/2022/10/06/veja-aqui-em-direto-o-anuncio-do-premio-nobel-da-literatura-2022/> (consultado em 23/04/2023).
- 10) Dami, E. (2020) *Coleção Geronimo Stilton*, *Presença*. Disponível em: https://www.presenca.pt/collections/colecao-geronimo-stilton?view=boost-pfs-original&gclid=EA1aIQobChMIId7M_8bA_gIVk-d3Ch3qOQbJEAAYASAAEgKr8vD_BwE (consultado em 23/04/2023).
- 11) e Silva, J.C. (2017) "*Eu nunca editaria o José Rodrigues dos Santos mesmo sabendo que é o português que mais vende*", *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/eu-nunca-editaria-o-jose-rodrigues-dos-santos-mesmo-sabendo-que-e-o-portugues-que-mais-vende-8692475.html> (23/04/2023).
- 12) Hazelwood, A. (2022) *A Ciência do Amor*, *Wook*. Desrotina. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-ciencia-do-amor-ali-hazelwood/27235707> (consultado em 23/04/2023).
- 13) Hazelwood, A. (2022) *A Hipótese do Amor*, *Wook*. Desrotina. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-hipotese-do-amor-ali-hazelwood/26692297> (23/04/2023).
- 14) Pedro, A. (1978) *Apenas uma Narrativa*, *Wook*. Editorial Estampa. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/apenas-uma-narrativa-antonio-pedro/84821> (consultado em 23/04/2023).
- 15) Peixoto, J.L. (2015) *Galveias*, *Companhia das Letras*. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535926439/galveias> (consultado em 23/04/2023).
- 16) Peixoto, J.L. (2014) *Galveias*, *Wook*. Quetzal. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/galveias-jose-luis-peixoto/15826242> (consultado em 23/04/2023).
- 17) Pinto, M.R. (2020) *A Certeza do Acaso*, *Wook*. Clube do Autor. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-certeza-do-acaso-margarida-rebelo-pinto/24456917> (consultado em 23/04/2023).

- 18) Prose, N. (2022) *A Camareira*, Wook. Editorial Presença. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-camareira-nita-prose/27413537> (23/04/2023).
- 19) Reid, T.J. (2022) *Carrie Soto Está de Volta*, Wook. TopSeller. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/carrie-soto-esta-de-volta-taylor-jenkins-reid/27231483> (consultado em 23/04/2023).
- 20) Turguéniev, I. (2010) *Pais e Filhos*. 2ª edição. Lisboa: Relógio D'Água.
- 21) Woolf, V. (2020) *To the Lighthouse*. 6ª edição. Surrey: Alma Books.
- Valerian (2017) *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0FX8sd1uVo> (consultado em 23/04/2023).
- 22) Zink, R. (2019) *Teoria da Edição - Em Jeito de Sebenta*. Lisboa: n.p.

3. Posição Sociocultural da Leitura

- 1) Agência O Globo (2023) *Faturamento do mercado editorial brasileiro cresceu 8,33% em 2022; preço do livro subiu 5,19%*, Globo. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/ideias-de-negocios/noticia/2023/01/faturamento-do-mercado-editorial-brasileiro-cresceu-833percent-em-2022-preco-do-livro-subiu-519percent.ghtml> (consultado em 27/04/2023).
- 2) Autor desconhecido (2011) *Factos Bizarros*. Porto: Porto Editora.
- 3) Beltrán, L.S.J. (2022) *Thor e o Poder de Mjöltnir*. 1ª edição. RBA Coleccionables, S.A.U (Coleção Mitologia Nórdica).
- 4) Carvalho, C.L. and Campos, S. (2021) *Jovens espalham livros por cidades do distrito de Aveiro para assinalar Dia Mundial do Livro*, SIC Notícias. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/cultura/2021-04-23-Jovens-espalham-livros-por-cidades-do-distrito-de-Aveiro-para-assinalar-Dia-Mundial-do-Livro-9837279c> (consultado em 26/04/2023).
- 5) Casal, M. (2023) *Renda média real do trabalhador fecha 2022 com queda de 1%*, Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-02/renda-media-real-do-trabalhador-fecha-2022-com-queda-de-1> (consultado em 27/04/2023).
- 6) Correia, P. (2020) *Livro é para ler e não para ter, Delito de Opinião*. Sapo. Disponível em: <https://delitodeopinioao.blogs.sapo.pt/livro-e-para-ler-e-nao-para-ter-11674381?thread=94665485> (consultado em 26/04/2023).

- 7) Estadão (2022) Aumenta a venda de livros no Brasil, mas didáticos sofrem o baque da pandemia, Revista PGN. Disponível em: <https://revista-pegnglobo.com/Negocios/noticia/2022/05/pegnglobo-aumenta-a-venda-de-livros-no-brasil-mas-didaticos-sofrem-o-baque-da-pandemia.html> (consultado em 26/04/2023).
- 8) García, E.G. (2019) *Somos a Nossa Memória - Recordar e Esquecer*. 1ª edição. Atlântico Press (Neurociência & Psicologia).
- 9) Harari, Y.N. (2020) *Homo Deus - História Breve do Amanhã*. 14ª edição. Amadora: Elsinore.
- 10) Harari, Y.N. (2020) *Sapiens - História Breve da Humanidade*. 24ª edição. Amadora: Elsinore.
- 11) Lino, F. (2022). Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/neste-natal-oferecer-livros-sera-mais-caro> (consultado em 26/04/2023).
- 12) Machado, S. (2023) *Salário mínimo: saiba o valor em 2022 e previsão para 2023*, UOL. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/guia-de-economia/salario-minimo-o-que-e-e-valor.htm> (consultado em 27/04/2023).
- 13) Marcela, A. (2023) *Portugueses não pousam os livros. Vendas sobem 13% até março, para 39,3 milhões*, CNN Portugal. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/literatura/consumo/portugueses-nao-pousam-os-livros-vendas-sobem-13-ate-marco-para-39-3-milhoes/20230423/644539cc0cf2c84d7fd2c354> (consultado em 26/04/2023).
- 14) Mem, J. (2023) *Cresce a venda de livros no Brasil em 2022*, Segs. Disponível em: <https://www.segs.com.br/demais/343151-cresce-a-venda-de-livros-no-brasil-em-2022> (consultado em 29/04/2023).
- 15) Morris, N. (2020) *Man called 'book murderer' for slicing long books in half to make them easier to carry*, Metro. Disponível em: <https://metro.co.uk/2020/01/21/man-called-book-murderer-slicing-long-books-half-make-easier-carry-12095000/> (consultado em 26/04/2023).
- 16) Müller, M. (2020) *Anne Frank - A Biografia*. 1ª edição. Reverso (Anne Frank - a Biografia).
- 17) Nilton (2010) *Eu Amo Você*. 3ª edição. Alfragide: Leya.

- 18) Passos, V. (2023) *Best-seller: bom ou ruim para o mercado literário?*, *Publish News*. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/03/02/best-seller-bom-ou-ruim-para-o-mercado-literario> (consultado em 26/04/2023).
- 19) Paz, W. (2022) *No Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro, diz Rafael Guimaraens, Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/24/no-brasil-44-da-populacao-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-diz-rafael-guimaraens> (consultado em 26/04/2023).
- 20) SIC Notícias (2022) *Literatura infantil liderou venda de livros em Portugal*, *SIC Notícias*. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/cultura/2022-07-15-Literatura-infantil-liderou-venda-de-livros-em-Portugal-4fad90e2> (consultado em 27/04/2023).
- 21) SIC Notícias (2021) *Neurocientista prova que os ecrãs recreativos estão a fabricar gerações menos inteligentes*, *SIC Notícias*. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/programas/essencial/2021-11-24-Neurocientista-prova-que-os-ecras-recreativos-estao-a-fabricar-geracoes-menos-inteligentes-e2131bf2> (consultado em 26/04/2023).
- 22) Sigmundsdóttir, A. (s.d.) *The Icelanders and their Big Love of books, Guide to Iceland*. Disponível em: <https://guidetoiceland.is/connect-with-locals/aldasigmunds/the-icelanders-and-their-big-love-of-books> (consultado em 26/2023).
- 23) Ter (2022) *por qué dejé de leer*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WKgiv3dI9CU> (consultado em 26/04/2023).
- 24) Twain, M. (1985) *As Aventuras de Tom Sawyer*. Portugália Editora (Tesouros da Literatura Juvenil).
- 25) Zink, R. (1ª edição) (1999) “O sistema das artes,” in *Literatura Gráfica? – Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*. 1ª edição. Oeiras: Celta, p. 66.

4. A Alfabetização em Portugal e em Espanha: abordagem comparativa

- 1) Albuquerque, R. (2014) *Está a ver a população da Europa? O número de pessoas que não sabe ler é o mesmo*, *Expresso*. Disponível em:

<https://expresso.pt/sociedade/esta-a-ver-a-populacao-da-europa-o-numero-de-pessoas-que-nao-sabe-ler-e-o-mesmo=f888679> (consultado em 29/04/2023).

- 2) Autor desconhecido (2008) *O Livro da Primeira Classe*. Porto: Editora Educação Nacional.
- 3) *Concordata* (s.d.) *Infopédia*. Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$concordata?uri=espanhol-portugues/concordata](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$concordata?uri=espanhol-portugues/concordata) (consultado em 24/04/2023).
- 4) Martins, J.do C.C. (2018) *A Instrução Pública no tempo do Estado Novo*. Disponível em: https://www.cd25a.uc.pt/media/pdf/Biblioteca%20digital/CePfEstado%20Novo_A%20Instrucao%20Publica%20no%20Estado%20Novo.pdf (consultado em 24/04/2023).
- 5) Pavón, C.P. (2010) *Educación durante el franquismo*. Disponível em: <https://www.feandalucia.ccoo.es/docu/p5sd7543.pdf> (consultado em 24/04/2023).
- 6) Sayavera, S.C. (2016) *El sistema educativo durante el Franquismo*, *Dialnet*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6602800> (consultado em 24/04/2023).

5. A Leitura Como Religião Hipotética

- 1) Harari, Y.N. (2020) *Homo Deus - História Breve do Amanhã*. 14ª edição. Amadora: Elsinore.
- 2) Harari, Y.N. (2020) *Sapiens - História Breve da Humanidade*. 24ª edição. Amadora: Elsinore.
- 3) Waldun, R. (2020) *Did Someone Say Dark Academia? - What Actually Is It?*, *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vDjEGVOelp0> (consultado em 24/04/2023).

6. A Materialidade

- 1) (2013) *A Defense of Comic Sans*. Vsauce. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GUCcObwIsOs> (consultado em 24/04/2023).

- 2) Autor, desconhecido (s.d.) *Minion*, Adobe. Adobe. Disponível em: <https://fonts.adobe.com/fonts/minion#fonts-section> (consultado em 24/04/ 2023).
- 3) *Black Paper* (s.d.) *Monochrome Books*. Monochrome Books. Disponível em: <https://www.monochromebooks.com/> (consultado em 24/04/2023).
- 4) Borges, Jorge Luis (1980), «El jardín de senderos que se bifurcan» in *Prosa Completa*, pp. 369-379, Barcelona: Bruguera
- 5) Cipriano, R. (2019) *Lembra-se da coleção "Livro B"? Está de volta, Observador*. Disponível: <https://observador.pt/2019/03/06/lembra-se-da-colecao-livro-b-esta-de-volta/> (consultado em 24/04/2023).
- 6) Feist, R.E. (2011) *O Mago - Aprendiz*. 2ª edição. S. Pedro do Estoril: Saída de Emergência (Colecção Bang).
- 7) Harari, Y.N. (2020) *Homo Deus - História Breve do Amanhã*. 14ª edição. Amadora: Elsinore.
- 8) Hitler, A. (2015) *Mein Kampf*, Wook. E-Primatur. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/mein-kampf-adolf-hitler/17037727> (consultado em 24/04/2023).
- 9) Hitler, A. (2016) *Mein Kampf*, Wook. Guerra e Paz. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/mein-kampf-a-minha-luta-adolf-hitler/17416508> (consultado em 24/04/2023).
- 10) Kid Leaves Stoop (2022) *The Lost Goosebumps Books*, Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTXG1qDbOtA> (consultado em 24/04/2023).
- 11) McGann, J. (1991) “Introduction,” in *The Textual Condition*. 1ª edição. Nova Jérnia: Pinceton University Press, pp. 3–16.
- 12) Palmeirim, Bernardo (2019), «Notes During Long Phone Conversation with Mother» in *English C2 – Creative Writing*, p. 84, Lisboa: n.p. (manual da cadeira de Escrita Criativa em inglês).
- 13) Redação Galileu. (2019) *Por que as pessoas odeiam tanto a fonte Comic Sans?*, *Revista Galileu*. Globo. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/01/por-que-pessoas-odeiam-tanto-fonte-comic-sans.html> (consultado em 24/04/2023).

- 14) (s.d.) *Comic Sans Criminal*. Disponível em: <https://comicsanscriminal.com/> (consultado em 24/04/2023).
- 15) Stine, R.L. (1993) *A Máscara Maldita, Alfarrabista*. Abril/Controljornal. Disponível em: <http://www.alfarrabista.eu/livros.php?artg=1020767> (24/04/2023).
- 16) Stine, R.L. (2010) *O Grito da Máscara Maldita, Wook*. Porto Editora. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/o-grito-da-mascara-maldita-r-l-stine/3126384> (consultado em 24/04/2023).

7. Como e Porquê Ler: sugestões dos mestres

- 1) Autor desconhecido (s.d.) *The Impact of Words and Tips for Using Appropriate Terminology: Am I Using the Right Word?, National Museum of the American Indian*. Disponível em: <https://americanindian.si.edu/nk360/informational/impact-words-tips> (consultado em 25/04/2023).
- 2) Bloom, H. (2000) “Preface,” in *How to Read and Why*. Londres: Fourth Estate Limited, pp. 22; 23; 24; 27.
- 3) Chute, H. (2022) *Why Maus Was Banned, The Atlantic*. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/books/archive/2022/11/maus-art-spiegelman-book-ban-anti-semitism/672203/> (consultado em 25/04/2023).
- 4) Cleese, J. (2016) *John Cleese: Political Correctness Can Lead to an Orwellian Nightmare | Big Think, YouTube*. Big Think. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QAK0KXEpF8U> (consultado em 29/04/2023).
- 5) Comunidade Cultura e Arte (2020) *Prōfectus #01 - Ricardo Araújo Pereira, YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dntrul4dTR4> (consultado em 25/04/2023).
- 6) Messent, P. (2011) *Censoring Mark Twain's 'n-words' is unacceptable, The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2011/jan/05/censoring-mark-twain-n-word-unacceptable> (consultado em 25/04/2023).
- 7) Neves, M. (2022) *Como Escrevia Camões, Certas Palavras*. Disponível em: <https://certaspalavras.substack.com/p/como-escrevia->

[camoes?utm_source=post-email-title&publication_id=1015690&post_id=75662735&isFreemail=true](https://www.camoes.com/utm_source=post-email-title&publication_id=1015690&post_id=75662735&isFreemail=true)

(consultado em 25/04/2023).

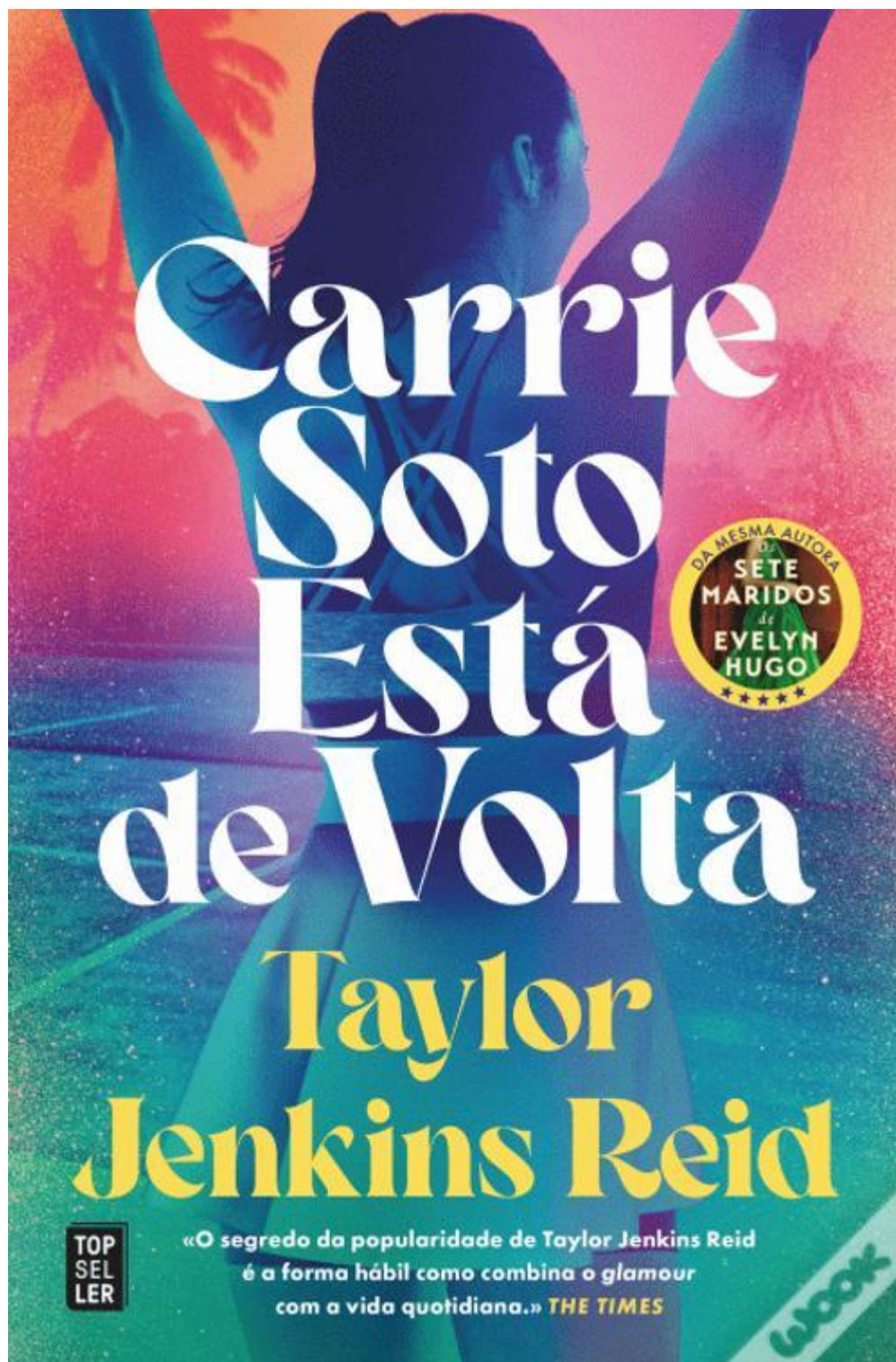
- 8) Orwell, G. (2015) *1984*. Lisboa: Antígona.
- 9) PBS (2022) *Holocaust novel 'Maus' banned in Tennessee school district*, PBS. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/arts/holocaust-novel-maus-banned-in-tennessee-school-district> (consultado em 25/04/2023).
- 10) Prescott, David (2017) *Textos para Análise e Tradução – Prática de Tradução Inglês-Português*. Lisboa: n.p. (manual da cadeira Prática de Tradução Inglês-Português).
- 11) Quintana, M. (s.d.) *Livros não mudam o mundo, quem muda o...* Mario Quintana, *O Pensador*. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/Njk3OTg1/> (consultado em 25/04/2023).
- 12) Sanches, Zuzanna (2016) «How Should One Read a Book in *English B1.2*. Lisboa: n.p. (manual das aulas de inglês do nível B1.2)
- 13) Sapo (2023) *Livros de Roald Dahl sofrem alterações para remover linguagem "ofensiva"*, Sapo. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/792914/livros-de-roald-dahl-sofrem-alteracoes-para-remover-linguagem-ofensiva> (consultado em 25/04/2023).
- 14) Twain, M. (1985) *As Aventuras de Tom Sawyer*. Círculo de Leitores (Tesouros da Literatura Juvenil).

ANEXO

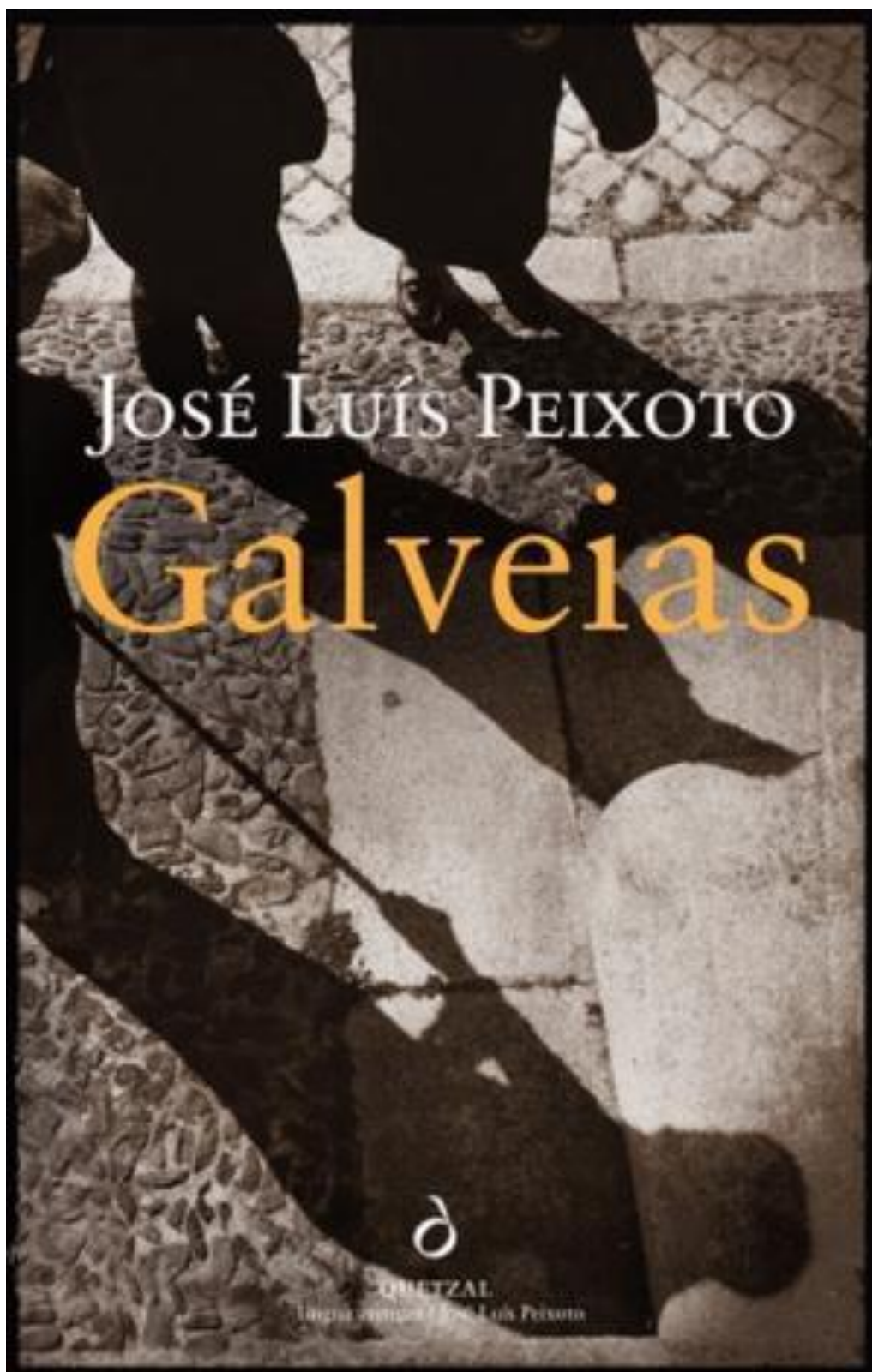
1.



2.



3.



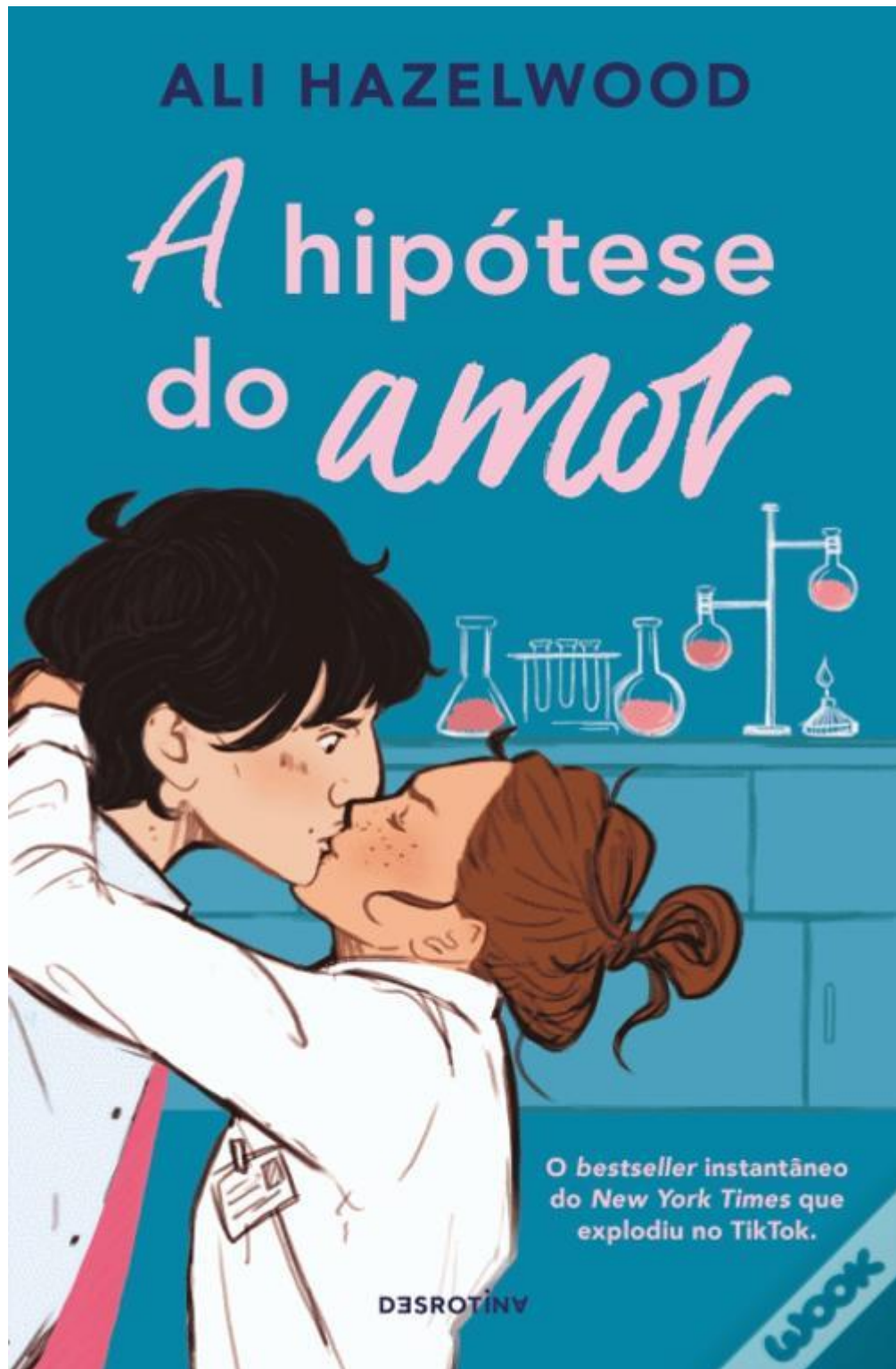
4.



5.



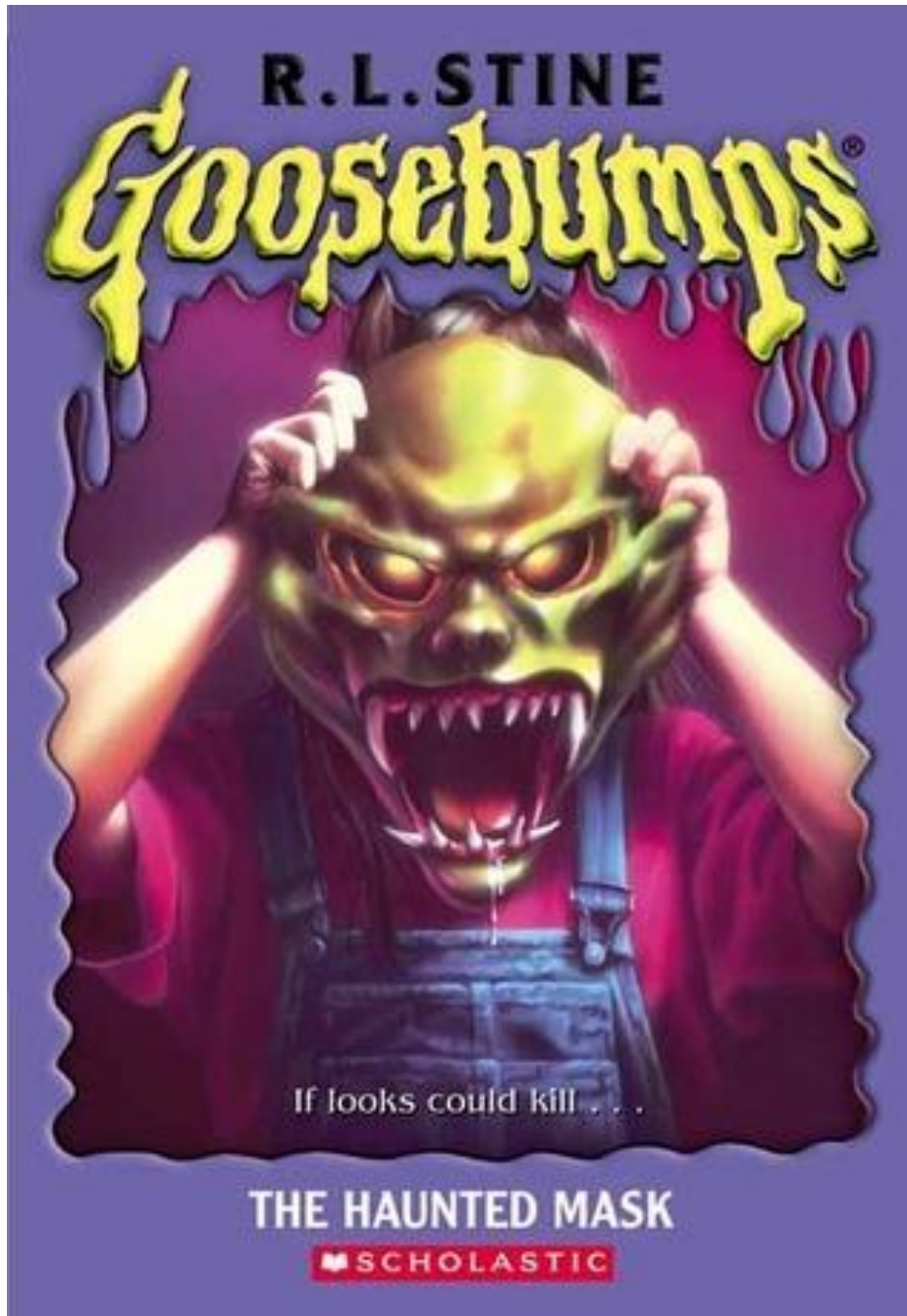
6.



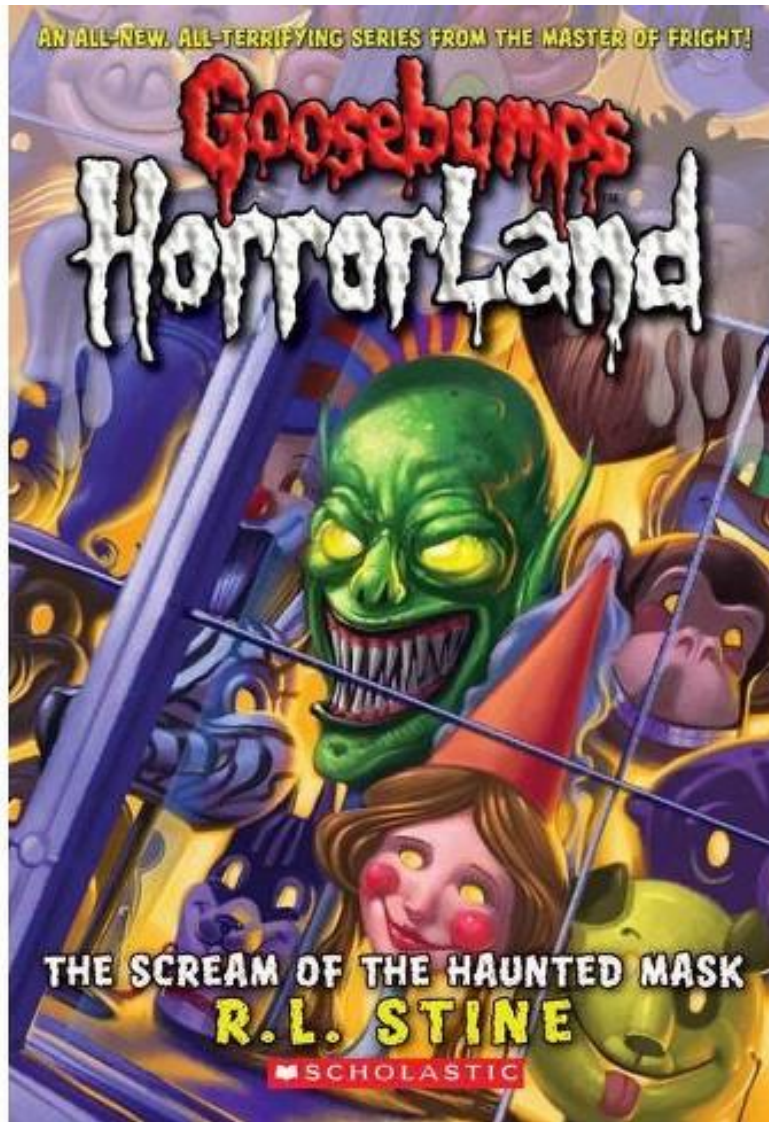
7.



8.



9.



10.



11.

